AEPOPEÁ

14 DE JULHO

AUREO DE ALMEIDA CAMARGO

AUREO DE ALMEIDA CAMARGO

A EPOPEIA

1933 - EDIÇÃO DIGITAL COMEMORATIVA - 2013

dos 81 anos da Revolução Constitucionalista de 1932

Exército Constitucionalista do Setor Sul

Pro Brasilia Fiant Eximia

AUREO DE ALMEIDA CAMARGO

A EPOPEIA

O Batalhão 14 de Julho Fotografia da guerra no Setor Sul
dos Itararés ao Taquaral Abaixo. São Paulo

LAUS SAO PAULO

_____ 1933 || 2013 _____

OS BRAVOS DO 14 DE JULHO

que tombaram pela glória de servir São Paulo

ALONSO FERREIRA DE CAMARGO
Funcionário Público

ARGEMIRO ALVES SILVESTRE
Bacharelando de Direito

ARI CARNEIRO FERNANDES
Estudante de Direito

CÉSAR PENNA RAMOS
Advogado

CLINEU BRAGA MAGALHÃES
Estudante de Engenharia

JOSÉ JERÔNIMO DE VASCONCELLOS
Chauffeur

JOSÉ MARIA DE AZEVEDO
Advogado

HERMES DE OLIVEIRA CÉSAR
Estudande de Direito

LAURO BARROS PENTEADO
Engenheiro

OCTÁVIO SEPPI
Ginasiano

PAULO BIFANO ALVES
Comerciário

RUBENS FRAGA DE TOLEDO ARRUDA
Ginasiano

À memória dessa mocidade, da qual o mais velho, o primeiro, contava 45 anos e o mais moço, o último, 16 anos.

Homenagem ao
CORONEL BRAZILIO TABORDA
o campeão da luta no Setor Sul

...a epopeia que o voluntariado Paulista escreveu com o seu sangue por meio dos montes, ravinas, quebradas, matas e descampados do Setor Sul.

Do prefácio do Coronel Taborda
ao livro “Palmo a Palmo” do Capitão Alves Bastos

É a história pura e simples do Batalhão 14 de Julho, compreendendo a sua formação e a longa série de aventuras e combates em que se viu envolvido, desde Itararé até o Taquaral Abaixo, em uma larga faixa de terreno justamente chamada de Sul Paulista. Batalhão andarilho: percorreu mais de 1900 quilômetros, de trem, de caminhão, a pé.

Apanhado geral da luta no Setor.

A estatística é uma só: 35 mil paulistas (às vezes mais, às vezes menos) mal armados, contra 17 mil inimigos (às vezes mais) bem armados. Meia dúzia de canhões paulistas mal municiados contra mais de 50 ditos bem municiados. Ardor combatente paulista igual a 35 mil contra ardor 17 mil. (Assim mesmo, São Paulo perdeu a guerra!...).

Impressões de São Paulo em 1932, bem assim a indispensável opinião do autor, aqui e ali, sobre coisas e assuntos paulistas, a qual só lhe poderá trazer para o corpo (pulmões), e aos que comungarem o mesmo ponto de vista, uma aragem especial e porventura diametralmente oposta dos ares sulinos, que são puros, puríssimos.

É o que se chama um autogozo, um autoprazer. Ou uma idiossincrasia do autor para com os males alheios.

A mais sorridente mocidade do céu azul de São Paulo resolveu fazer a guerra a 9 de Julho. Era inverno e todos sofriam. Havia violência no céu e insulto nos homens. Por que insultar a mocidade? E a guerra, seria ela a modo de tambores e balizas bamboleantes, ou a modo dos *Turene*, pratos, colheres e o mais, tudo o mais, de ferro e a ferro?

Ora, a guerra!

Um só peito para esta coisa única: Por São Paulo!

E, por isso, a guerra começou a 9 de Julho e São Paulo viveu então (insistam sempre nas palavras doces), VIVEU ENTÃO mais de 400 anos com escalas por Anchieta, Amador Bueno, Andradas santistas e Feijó; voltou a Anchieta, lembrou-se da Monção e do Tietê, e, milagre dos homens, abraçou, abraçou sim, São Paulo abraçou a mocidade.

E a mocidade aos berros, pelas ruas: Meu braço é raio!

E as ruas, em coro: É raio, é raio!

Foi então que aconteceu esta coisa inesperada até para os basbaques e adivinhadores de imprevistos – UMA EPOPEIA.

Faz frio neste inverno paulista de 1932, e o sol é novidade no espaço amplíssimo do dia cinzento sombreado.

Evitai as sombras, amigos do bom sossego! Os dias sombreados vivem à custa das sombras, as sombras produzem versos melancólicos,

cheiram a rezas misteriosas. O agoiro mora com o morcego e o morcego vive nas sombras. Evitai-as! Alguma coisa passeia pelo ar, solta, descabelada. Talvez um feitiço escuro, senhores!

As mulheres que conhecem a direção dos bons ventos e sabem, como ninguém, descobrir perigos nas pequenas nuvens negras, calaram-se de vez, desta vez. Mas o ar todas elas sentem, os ouvidos adivinham rumores extravagantes que se aproximam, enchem-se de estranhezas as narinas. Por que as pupilas se dilatam tanto? Esse barulho surdo, tan-tan-tan, é do coração, que bate forte.

O rápido, o leve e o estranho andam juntos, agoirentos. As sensações de mal-estar costumam causar surpresas: suspenderam a vida.

É o segredo que anda no ar? Respeitemos o ar.

E as ruas, que andam repletas de almas vazias? Para a rua, todos! Só uma coisa é sabida confortavelmente: ainda existe uma felicidade cheia de campos, casas e bem-estar; um planalto longo, caindo sem cerimônia junto ao mar, de um lado; rios que correm alevantados, lembrando incursões vitoriosas; mais montanhas verdes, dos outros lados. Por força que é São Paulo.

Girará ainda o mundo? Preces ligeiras combinadas com o ciciar de lábios indecisos fazem os rápidos assobios que existem em todos os silêncios de todas as atmosferas, pagãs que sejam.

O imprevisto está para acontecer? Falem as igrejas, que estão cheias de orações paulistas.

E a guerra? Fala o apóstolo São Paulo, o previdente:

“Há guerra por toda parte, em terra, no mar, nos espíritos”.

Planos da guerra:

1) São Paulo será nosso. Prazo: dentro de uma semana.
2) São Paulo é nosso. Tempo: há 400 anos.

O governo lança proclamação:

“É preciso, custe o que custar, manter os pontos cardeais paulistas nos lugares.”

As árvores das ruas se perfilam, nuas: “Nos lugares!”

Onde está a alma paulista?

No pico da Jaraguá vão descobrir Anchieta genuflexo, espreitando o futuro. Ele vigia a véspera. No instante, o futuro parece gritar aos quatro ventos: “A mim, Anchieta!”

O Tietê, de atitudes definidas e definitivas, corre pensativo dentro das fronteiras paulistas e todos estão atrás das divisas.

Já há sol, o céu azuleja.

Depois do Quartel, embarque

O Batalhão 14 de Julho nasceu como todas as coisas, predestinado a enfrentar uma vida de lutas permanentes.

Em princípio, Batalhão Universitário, o B.U., porque na faculdade de direito e, depois, em um grupo escolar, se misturou a mesma massa dos futuros bacharéis, médicos, engenheiros e farmacêuticos.

Mais tarde, dois dias apenas, ainda B.U., porque no pátio do 2º Batalhão da Força Pública se misturou com os médicos, engenheiros, farmacêuticos e bacharéis, que ali se achavam, e mais aqueles outros que, não sendo futuros nem presentes, pertenciam contudo à mesma massa dos "doutores em civismo".

No 2º Batalhão todos se conhecem, felizmente os passos são iguais, iguais as meias voltas e a voz de comando. Quando o patrão é um só, e comum o trabalho, todos os empregados se conhecem, a amálgama está feita, sob a chefia única.

O comando sabe que o soldado à paisana não possui disciplina (um tal de fumar em forma!) e zás:

Todos fardados, dentro de meia hora.

Até o fim da meia hora, o 2º Batalhão, o quartel, o céu virgem ficam ao par do nudismo integral de 500 homens à procura de botinas número 41.

O dormitório de um quartel é "*standard*": grande e comprido, cheio de camas de ferro e cobertores vermelhos, os chamados cobertores de soldado. É para o militar habituar-se com a cor, pensam alguns. Outros, que é a educação que começa em casa. Como em todas as casas, os cobertores cobrem as camas e, salvo engano visual, o que se vê ali no 2º Batalhão é o próprio Mar Vermelho.

Em *West Point*, *Saint Cyr*, no 2º Batalhão, a vida é assim: "*Plaf*", um travesseiro na cabeça, outro que se perde no comprido da sala. Um fantasma vermelho (dois cobertores emendados) se desmoralisa, ao perguntar "quem sou eu, quem sou eu". Mau vezo dos fantasmas, a mania de se fazerem anunciar com perguntas desse gênero. Está deitado debaixo de 50 travesseiros. É o Mar Vermelho em tempestade.

No canto esquerdo do pátio discute-se tudo, inclusive guerra. São 11 pessoas ao todo e somente duas, aliás dois irmãos, sustentam que Ludwig é maior que Napoleão. Ludwig ganhou, porque os irmãos falam alto e ao mesmo tempo. A discussão sobre Canudos teve outro desfecho: Euclides da Cunha empatou (a roda tinha um de menos) com Antônio Conselheiro Bom Jesus.

As outras rodas fazem amizade, parentesco, reproduzem feitos ocorridos em 22, 24 e 30 (Êta, Brasil). Alguns suspiram ao falar no 93, no

Saldanha, no Saraiva....

Um antigo sargento de Quitaúna conta que nas guerras e revoluções acontece vasarem-se vistas, quebrarem-se pernas e braços, pobres rins e fígados atingidos, alguma coisa que faz parte da gente e se põe ao largo no instante *i*. E pede um cigarro. Os da roda acendem fósforos ao mesmo tempo. É o B.U. a fazer fogo em conjunto, ele que tem a noção do momento oportuno, das oportunidades.

Existe no mundo das letras um conceito de Wilde que coloca a vida perante a arte como imitadora desta. Imitação tipo cópia. Estivesse ele vivo, daria pulinhos de contentamento ao saber que em 1932, em São Paulo, no 2º Batalhão da milícia estadual, a vida de 500 homens começava a reproduzir, expontaneamente algumas vezes, mas de maneira fiel, a arte de Remarque, a se considerar como arte um livro que ia ter a sua segunda edição igual a primeira nos campos Sul de São Paulo, na vida de trincheira, nos diálogos e nos bombardeios aéreos, que forçosamente são iguais em toda parte, mesmo nas manobras dos exércitos.

Imitou-se Remarque, reproduziu-se Remarque. Um escândalo essa rapaziada envelhecer em um único dia de quartel, à custa de frases filosóficas, que, bem distribuídas neste mundo, deveriam ser da exclusividade da cabeça dos políticos, desses ilustres provocadores e fazedores de guerras e revoluções. Eles que misturam as horas, os dias, os homens, a vida, jogando uns contra os outros, com uma displicência que as próprias ambições não justificam, os responsáveis pelas situações que só eles sabem criar em meio à volúpia do ganho, da posição, da vingança recalcada. São os tais de uma só cabeça e um só estômago.

Bemarque dirige o B.U. na manhã clara. Ponham-se fardados os que sorriem e verão que ele tem mais autoridade e prestigiosos assuntos de caserna do que os mais rigorosos comandantes de pelotões.

Como este livro é uma reprodução fiel de fatos idos e vividos, vale a pena contar que um soldado chegou a um companheiro sentado no isolamento de um canto e lhe perguntou pelo nome. “Eu sou Tjaden”[1], respondeu o isolado. Essas pequenas alucinações são conhecidas por “artimanhas do Remarque”.

Ainda há mais: a distribuição do armamento começou a ser feita às 10 horas. Os fuzis, desarquivados de velhos caixões, naturalmente depositados em algum quarto escuro, tinham sido comprados na Alemanha logo após o término da grande guerra. O seu estado confirmava a origem e a barulhada em que os mesmos se haviam metido. Alguns traziam uma cruz (ou mais de uma) feita a canivete e com datas superpostas: 1916, 1917. Cheiravam à Verdun. Quantos chegaram a suspirar por um fuzil de um Paul Baeumer![1]

É preciso encarar com calma um batalhão que, em sua totalidade, analisara lógica e gramaticalmente “Nada de Novo...”, recebendo, momentos antes de partir, fuzis que porventura em Chemin des Dames estiveram nas

---

[1] Personagem do “Nada de Novo...”

mãos dos Fritze dos Otto. Uma intoxicação completa, essa poesia da guerra. A ciência diz que não, que é torpor dos momentos difíceis. Seja.

Basta fechar os olhos para se encontrar no Somme, nos Dardanelos, no Fort Douamont, baioneta calada...

Boatos de que o Batalhão parte às 14 horas. Será para o Rio? Àquelas horas os estômagos irão completar 20 horas de jejum. Arre!

São três Companhias completas e mais alguns Pelotões. Vai tudo. Os antigos sorteados e os reservistas se fazem de sargentos e cabos. Comandante do B.U., Major Mário Rangel.

O Coronel Salgado, comandante da Força, vem despedir-se do filho e avisa que o destino é Campinas. Então se combate em Campinas, ou o batalhão precisa de treino, talvez a fronteira de Minas?... Quem sabe lá o que se passa em Minas?

Catorze horas batidinhas. Comoção. As famílias presentes se agitam. Abraços até de quem a gente não conhece. Aí, batuta, toque aqui! Santinhos de Nossa Senhora da Aparecida, que é paulista e padroeira do Brasil, estão sendo balançados, brilhantes, nos peitos empolados. Um camarada aprende, às pressas, que o fuzil é obrigatoriamente carregado por tal mão no ombro correspondente. Em forma. A banda chega. E a bandeira. “O auriverde tá aí!”, palavras do futuro cozinheiro. As ordens se sucedem, batalhão, companhia, pelotão. Para a rua, para Campinas, para Minas.

Saibam os que não conhecem a rua João Theodoro que ela é grande, larga, cheia de povo, dia 14. A guerra é dele: viva este, viva aquele. Flores no fuzil, na mochila, no ombro, no peito, a perspectiva de uma batalha de cravos e de rosas. Banda, vivas, flores e gente que ainda detesta as guerras, qual!

Em um braço, o fuzil; no outro, uma carícia de mãe. Ela joga as flores, o pai engole, em seco, sentimentos paternos, as irmãs dão vivas. A família, apesar de andar junta, se estende perfeitamente, ora não! Filhas olham o pai que parte, e ele a elas que ficam, um duelo à distância, com empate na certa. Automóveis conduzem mulheres e cestas de flores juntas ao *chauffeur*. Vivas e flores. Um *chauffeur* joga o *bonet* por engano e alguém grita: “Isto não é tourada!”.

Estação da Luz. Vão ordenar alto. Não ordenaram. É Campinas? É Minas? Indagações, informações, todas as palavras terminadas em “ões” e com interrogações na frente. Ou passeio pela cidade ou Sorocabana? Pronto, é Sorocabana. Revista solene. Depois, a plataforma, 11 carros vazios, a maioria 2ª classe. Que as viagens de 2ª classe são mais pitorescas. Sejam.

Vivas e abraços. Bolachas, sanduíches, cigarros e chocolates e abraços. Noivos que se beijam com fúria guerreira, é o amor. Carmin por toda parte, o veículo do amor. Beijos, foi-se o carmin. O B.U. vai levá-lo para o *front*. E de uma arrancada só, abraça a 2ª classe. É um mar de lenços a agitar-se, e agora o trem está na curva.

A retaguarda dos que partiam igual a Mulher Paulista. Em Catanduva,

em São Paulo, em Iguape. Costurou panos duros, fez ataduras ligeiras, e mandou para a vanguarda o maior sucesso da guerra, o chocolate. E, mais que tudo, policiou de tal forma o pensamento descontrolado da retaguarda que se tornou o apoio dos que combatiam, e sobre o qual os soldados iriam descansar saudades, confiança, bem assim carinhos afastados, os carinhos.

A Mulher Paulista sustentou a guerra aqui, ali, acolá; esteve em toda parte com carinhos e chocolates, criando, em princípio, a ilusão de que a guerra era de açúcar.

Nas manhãs frias de Julho, saiu de casa para levar uma carícia, um adeus, um chocolate. Em troca, a promessa de um troféu, um caco, dois cacos de granada.

E que doçura de carinhos! Oh, conselhos que mandam prudência, remédio para os ventos encanados, que doçura! Evitar as chuvas de inverno, que são traiçoeiras. Não se esquecer da continência aos oficiais. Lavar os pés sempre e escovar os dentes para evitar infecções (há quem diga escorbuto). Que a campanha é breve e não convém expor-se demasiadamente, fazer bonito.

Todos os 18 anos estão reunidos na emoção de um exército feminino. Eles tiveram uma mesma vida, comum, igual, intensa e carinhosa, na cidade, no campo, enfim, nesse pedaço de telha e barro que se chama casa. Dentro da casa, na cidade ou no campo, Mulher Paulista e 18 anos.

Agora chegou o momento da partida (alguém disse “a desagregação da casa”) e a Mulher Paulista vai ser a retaguarda, vai prometer a Deus criar penitências familiares de roupas e comidas, tentar sofrer a guerra, viver a vanguarda. Os 18 anos sabem disso e se comovem, a primeira prova de solidariedade que as guerras produzem. Eles não sabem chorar e isto lhes causa uma decepção que o instante não comporta. A retaguarda, porém, chora nos olhos dos 18 anos, bebendo-lhes a alegria, que é uma risada comum, elástica em todas as bocas. A risada da guerra, a primeira risada dos 18 anos, ora a guerra!

Somento os 18 anos estão a par da importância do acontecimento, sabem que vão partir para um lugar desconhecido, eles, que são a mocidade (quanto vale um 18 anos?); não, eles não são a mocidade, ela vai ficar, a mocidade é a Mulher Paulista, eles pertencem à vanguarda.

O fuzil ia garantir a mocidade que ficava, tentar e fazer o inesperado e brutal pelo tamanho, a epopeia.

Elementos da epopeia: a Mulher Paulista, o 18 anos, o fuzil.

Quando os olhos choraram os 18 anos, estes, que já se sabiam vanguarda, sorriram pureza no fuzil rebrilhante (“a alavanca do soldado”, segundo a insistência dos jornais patrióticos) e lançaram a primeira e única ordem do dia:

“Até breve!”

A Composição tem 11 carros, a maioria de 2ª classe. A lentidão da marcha faz perceber que a máquina está praguejando a sorte, a carga dos

500 e acessórios. Um, dois, três, os soldados dão um salto para o ar, a máquina aproveita a ginástica e parte.

O trem é veloz, dá de encontro com a velocidade das casas, dos postes, das últimas casinhas e São Paulo vai ficando longe... Agora é Quitaúna, vivas.

O destino é Itapetininga, substituir o 8º B.C.P. que está em Itararé.

- Quem falou em Itararé é besta.

Bem que as cabeças funcionavam, Campinas, Sorocabana, Itapetininga, depois... Que importa ser besta?

- Sustento, é Itararé, ré, ré, ouviu?

Piadas grosseiras (é a guerra) de padres e portugueses. A cartucheira a moer os ombros, upa! E o fuzil, onde colocá-lo. Um aperto de pernas e de tudo. Uma aniquiladora falta de conforto. Já existe cheiro de suor.

O trem quase para na pequena subida. Se os carros estivessem vazios como na história!... Não parou, as máquinas são predestinadas. A anedocta do papagaio já tinha sido contada, vaias, assobios. A máquina assobia mais forte: é Itapetininga.

20h30. Terra do ex-prestígio, uma falsa nostalgia do P.R.P. invadindo o trem, a 2ª classe. Os poucos soldados que desceram recebem ordem de "subam depressa". Parada de cinco minutos. Estação repleta, homens, mulheres, vivas. Os soldados altos, bonitos, espiando curiosamente o jejum pálido da 2ª classe, são os cento e poucos homens da Cavalaria de Castro, que aderiram a São Paulo.[2]

(Boletim de Informações nº 3. 2ª Seção. Do Quartel General de São Paulo:

"Itararé. Tropas em contato Itararé. Quatro oficiaes e 135 praças do 5º R.C.D. que faziam parte da vanguarda das forças paranaenses que se achavam em Sengés, confraternizaram-se com as nossas."

O oficial que os comandava declara aos jornais paulistas, dias depois: "Trazemos o primeiro abraço do Paraná à causa nacional". Era o primeiro e o último.

Viva a Cavalaria de Castro! Durante cinco minutos só aconteceu o exposto. O trem parte rápido. Dizem que vai parar no quartel do 8º, onde o B. U. passará a noite. Não parou, são 21 horas, ainda vai mais adiante. Buri, pequena parada na cidadezinha destinada pelos fados e desempenhar o papel que Itararé haveria de rejeitar. Vendas de Buri, em tua defesa acorreriam muitos daqueles cujo frio aplacaste!

---

[2] O comandante do 8º Batalhão, em Itapetininga, em 11 de Julho teve conhecimento de que a estação ferroviária de Itararé havia sido ocupada por um esquadrão do 5º R.C.D. do Paraná. Foi enviado àquela cidade um contingente de 200 homens e três oficiais da F.P. comandados pelo Major José Garcia. À aproximação do contingente, o comandante do pelotão do 5º R.C.D. recuou para Sengés, diante da ineficiência da resistência. Tendo chegado a Itararé, na noite de 13, o Tenente do Exército, Severino Nobrega, procurou e obteve o Major Garcia por intermédio desse oficial, a adesão do esquadrão que se achava em Sengés. À noite, esse esquadrão com seus oficiais e 150 praças passou para São Paulo." ("A Revolução Constitucionalista", Herculano de Carvalho, pág. 149).

O trem obedece a um destino prefixado, caminha ligeiro e, quando corre muito, o soldado adivinha (tem o direito de adivinhar) que é para chegar depressa, está para acontecer alguma coisa, Itararé costuma causar surpresas...

Uma cesta de pão (era um jacá), o que se pôde arranjar em Buri, mal chega para uns 50. Resultado: os 50 ganham 450 inimigos, é a fome. Ninguém dorme porque o frio é intenso, janelas fechadas. Obrigado a fumar quem não fuma, para não ser sufocado pela fumaça do vizinho. O comandante está visitando a tropa, as janelas são abertas e esvaziam a fumaça, ele quer ver o pessoal.

Tropa que vai para Itararé. Dormiu? Comeu? Não viu café...

Às 6h30 o trem dá com o costado em Itararé. A manhã joga friagem nas caras sonolentas e... era uma vez o romance de uma noite.

Itararé, portas sul de São Paulo

Itararé, sede de Comarca, Estação Ferroviária, Telégrafo, Correio, Distrito de Paz, Delegacia, Subdelegacia, Sorocabana, população do Município: 8 mil. Antiga Capela de Nossa Senhora da Conceição de Itararé. São Pedro de Itararé. Quilômetro 409 da E.F.S. Itararé: cano de pedra, subterrâneo, sumidouro.

Apodera-se de toda a tropa um sentimento de intenso apego à terra, o chamado, posteriormente, “paulistanismo”. São as portas de São Paulo, essa pequena cidade humilde nas suas casinhas, que vistas da estação se assemelham às casas de madeira do Monte Serrat santista, tal a multiplicidade de cores aportuguesadas que apresentam. Impressão de cidade americana de fronteira, onde se praticam crimes e contrabandos, tudo que cabe em uma localidade de divisa. Engano da imaginação de cinema. São as lendárias portas de São Paulo que ali estão, são os Itararés, a cidade, o rio, a barranca.

Quem passar o umbral da porta, morre, sustentam os que sabem defender a própria casa, a honra, a família.

E é um evocar de história paulista, no pequeno pedaço de terra fronteiriça. É o Rio Grande do Sul convulsionado no 93. Saraiva caudilho, ameaçando chegar à barranca. Em 30, a história não se repetiu, consumou-se um desideratum, a combinação de última hora, o arranjo que se faz no escuro.

Quem passar o umbral da porta, não morre. E era um jogar de flores aos homens de bota e espora, os libertadores enganosos que se divertiam

com a palavra “Liberdade”, como se estivessem em um torneio em que as prendas estão ao alcance dos mais espertos. Pegaram a prenda, esquecendo-se, porém, da elegância recomendada pelo Livro da Cavalaria: guardaram-na consigo, deixando 7 milhões de espectadores boquiabertos, assim!

No 32, as bocas estão fechadas (se estão!) e os dentes rangem. “Boca aberta, mordida na certa”. As bocas se abrirão em breve, na hora de nós todos, e a prenda será disputada com os dentes, a mesma prenda. É o juramento íntimo e comum do Balalhão Universitário, ante a cidade que se vê lá no alto, no morro afastado da estação 500 metros, esse marco com que a natureza prodigalizou o limite máximo do chamado Sul de São Paulo.

O inimigo jogará a sua força no Itararé; no Itararé, São Paulo defenderá a sua honra. Basta somente que os senhores guardiões saibam cuidar das portas do tesouro.

O B.U. telegrafa para a família: “Chegamos bem. Clima magnífico. Calma. Abraços”.

Dois oficiais da C.P.O.R., presentes, serão os mediadores de paulistas e paranaenses, caso estes demonstrem vontade de aderir. 11h30 e o batalhão põe-se a marchar, depois de saber nulo o entendimento com o inimigo. Os “irmãos do sul” são inimigos dos paulistas, depois das 11h30 do dia 15 de julho de 1932.

As poucas pessoas que aguardavam a chegada do Batalhão, friamente, procuram acompanhar os passos militares e vão ficando distanciados. Na rua comprida a galgar a encosta, a longa fila dos recém-chegados, e, para quem gosta de olhar para trás e tem visão de conjunto, os 500 soldados alinhados são um longo e amarelo milharal. Canta-se qualquer coisa com muito entusiasmo. As casas não são exclusivamente de madeira. Quase nenhuma curiosidade das calçadas e das janelas completa a indiferença popular. Será que existe nestas paragens, cristalizada, a infiltração comumente chamada de fronteira, a que destrói os sentimentos pela terra natal? Ou aqui se faz o jogo duplo, ou então é o pessoal que não se espanta com o aparato militar tão comum à cidade, as vulgares manifestações de força. Na esquina, a farmácia bate palmas, o farmacêutico, a família. Sorrisos do B. U. e uma vontade coletiva de adoecer na hora e gastar com o camarada. Comprar-se-á açúcar candi mais tarde. As palmas estabelecem um rápido contágio, uma moça sozinha palmeia as mãos dando pulos na calçada. Todos acham essa moça bonita.

Já se sabe marchar sem causar mágoa ao vizinho da frente. Alto. Um largo, uma igreja, um jardim cercado, um teatro. O B.U. para este último, fechado desde 1930 (pobres fãs itararenses!), e a libertação do pó começa pelas janelas e portas escancaradas. O teatro ri àquela saúde inesperada que a manhã lhe presenteava, ao palco, à plateia, aos camarotes. Os soldados se instalam nas duas últimas divisões. No palco, alguém faz mágicas e canta “*I am delicious*”. Nas paredes, escritas a carvão, pesadas injúrias a um partido político. Nomes de mulher, nomes de homem. Uma

data: 1930. Fácil adivinhar-se que gente estranha andou enfeitando as paredes.

Uma lembrança terna, uma vontade de comer, a nostalgia do conforto à hora certa. Promessa de almoço desfeita com a permissão de saírem todos do quartel. (Defendam-se como puderem, é o sentido da permissão). A peregrinação pela cidade começa, 2$500 por dois ovos e uma cerveja, não serve. Dois ovos, batatas e cerveja, 2$000 serve.

Itararé, ruas compridas, compridíssimas, casas baixas. Aqui e ali, homens e mulheres espiando à distância, atrás dos vidros. Há ironia em alguns olhos curiosos e uma vontade louca de xingar aquele mistério. Bolas! Uma venda onde se encontram canivetes a 1$500. Custariam o dobro, no dia seguinte. Banhos oferecidos expontaneamente, mais almoços grátis salvam, em algumas casas, a hospitalidade que estava tardando. Banhos públicos em um quintal acolhedor, onde a alegria consiste na cascatinha de um ribeirão claro e farto. Dá para oito ao mesmo tempo. A igreja está cheia de crentes e outros mais rebeldes. “O perigo aproxima o homem de Deus”, sentenceia um soldado de óculos. Não cabe mais ninguém.

No teatro-quartel, as primeiras novidades anunciam que o inimigo resolveu aderir. As segundas desmentem que não. As terceiras azedam, de tal forma, o otimismo conservado das primeiras que já não se liga para nada. As quartas chegam com feição disparatada e, assim, haveriam de ser todas as outras no decorrer da campanha. Às 15h30, churrasco e arroz. Boi velho e arroz queimado. As pragas são um goso. O jejum percorre mais de volta e meia do relógio, de qualquer relógio.

Nas trincheiras estão o 8° B.C.P. e dois esquadrões de cavalaria. O Batalhão Universitário está de reserva.

E pergunta-se:

- Combater-se-á sobre o Itararé?

“Acabamos de chegar à fronteira, o lugar mais próximo ao inimigo. A tropa entrincheirada tem ordem de não atacar, pois o comando conta com adesões. Já sabemos de cor as palavras a dizer aos novos amigos: “Vocês vieram depressa, não?”. A maior parte da tropa está convencida de que não se dará um tiro sequer nesta revolução, pelo menos nesta zona fronteiriça. Os tiros, os únicos, seriam dados como saudação aos esperados camaradas. Assim tínhamos resolvido, se assim resolvesse ou permitisse o comandante, que é quem faria o discurso de boas vindas, verdadeira festa. Nada de novo no *front*, repetimos pela manhã e pela noite.

“Até agora nada, meus queridos pais”.

O Boletim nº 1, dando a relação da unidade, faz saber que o subcomandante do batalhão é o 2º Tenente João Garcia de Oliveira.

Distribuição de tiros, 50 cartuchos para cada soldado. Uma parte é suspeita, dizem que não funciona. A troca se faz a seguir.

Missa campal dia 16, dedicada ao Batalhão, que a ela assiste. Pregação. Um estudante irreverentemente promove um pique-pique em honra ao padre oficiante e todos acompanham a saudação acadêmica. O

comandante enruga a testa, mas sorri em seguida, porque o padre gostou e pediu letra “para os meninos do catecismo”.

Um avião vermelhinho, que afirmavam ser de um particular e por ele dirigido[3], vinha observando o inimigo em frequentes incursões, em um trabalho incessante. Mesmo à noite, voava, e os debaixo espiavam comovidos aquela luz vermelha, pequena e mortiça, passeando na noite fria e clara, a mais alta sentinela de São Paulo nos Itararés.

À noite, o comandante Mário Rangel[4] recebe ordens de se recolher à Capital e passa o comando ao Major José Garcia:

“Tendo recebido ordens para me recolher à Capital, sinto comunicar-vos que terei de deixar o Comando do Batalhão 14 de Julho. Aproveito a oportunidade para apresentar-vos as expressões do meu agradecimento pela conduta patriótica e disciplinada com que vos mantivestes, obedecendo aos nobres desígnios que vos transformaram de homens pacíficos e ordeiros em força armada e destemida. Comunico-vos, outrossim, que ficareis sob o comando do Major José Garcia, a quem peço observardes a mesma atenção que me dispensastes. Faço votos para o completo êxito da missão para que viestes, desejando-vos a Vitória que há de ser nossa.”

(Oficialmente, o Batalhão Universitário se transforma em 14 de Julho).

E o novo comandante:

“Assumo nesta data o comando deste Batalhão, ficando dispensado desse serviço o 2° Tenente João Garcia de Oliveira, que reassumirá as suas funções. Determino que assuma o cargo de subcomandante desta unidade o Capitão José Guedes da Cunha.”[5]

O quartel do 8° está localizado em um prédio público e é nele que se fazem as ligações com a trincheira, por intermédio de cavalarianos. Desde a tarde de 16 que estes atravessam a cidade em um galope suarento, deixando a impressão de que algo de extraordinário vai acontecendo além.

A 3ª Companhia passa a noite 16 – 17 naquele quartel, de prontidão, e esta palavra, ouvida pela primeira vez, possui um timbre sombrio, desconhecido. O 3° pelotão parte pela manhã para as trincheiras, onde se combate. Os restantes da 3ª Companhia seguem mais tarde, visados pela artilharia inimiga. São colocados em linha de fogo, isto é, aguentando a

---

[3] Tenente João Sylvio Hoeltz.

[4] O depoimento prestado pelo Major Mário Rangel ao Comandante da Força sobre a sua atuação em Itararé consta do livro "A Revolução Constitucionalista", Herculano de Carvalho.

[5] O Boletim do Batalhão, nº 3, de 20 de Julho, datado de Faxina, faria constar: “Do Major José Garcia: 1932, Julho. À 11, seguiu para Itapetininga. Na mesma data comandando elemento do 8° B.C.P. seguiu para Itararé, onde chegou à 12, pela madrugada, retomando as estações da E.F. São Paulo – Rio Grande e Itararé, que estavam ocupadas pelo 3° Esquadrão do 5° R.C.D., de Castro, Paraná. À 14, seguiu para Faxina a fim de organizar o Batalhão “Faxina”. À 16, seguiu para Itararé.”

“Do Capitão José Guedes da Cunha: 1932, Julho. A 11, seguiu para Itapetininga. Na mesma data, como subcomandante do Batalhão organizado com elementos do 8º B.C.P., seguiu para Itararé, onde chegou à 12, pela madrugada, onde o Batalhão retomou as estações da E. F. São Paulo – Rio Grande e Itararé, que estavam ocupadas pelo 3° Esquadrão do 5º R.C.D., de Castro, Paraná. À 14 seguiu para Faxina como subcomandante do Batalhão “Faxina”. À 16, seguiu para Itararé, onde assumiu as funções de subcomandante deste Batalhão (14 de Julho).”

fuzilaria inimiga sem reagir pela falta de ordens nesse sentido.

As corridas de cavalarianos se sucedem com mais frequência, constituindo uma interrogação dolorosa para as 1ª e 2ª Companhias de reserva na cidade. Um cavalariano mais dramático atravessa a frente do quartel dos 14 com frases deste gênero: “Romperam o flanco tal”. “Uma desgraça...”. De se morrer de angústia, ufa!

O dia 18 amanhece carrancudo como convêm as coisas sombrias. A artilheria inimiga, pela manhã, visa o campo de aviação, e, segundo se afirmou mais tarde, o quartel dos 14. A cidade está sofrendo a má pontaria dos canhões. (Pela madrugada, um foguete soltado por adeptos do inimigo localizara o campo da aviação, a traição anda no ar, dizem... e o resultado foi a artilheria sobre Itararé. Já na véspera, a luz da cidade era ligada com surpresa geral).

A 2ª Companhia, que na véspera se acantonara no Grupo Escolar Rio Branco, parte às 10h e toma posições no flanco esquerdo, na 1ª linha, ao contrário do que se afirmava, “que era 2ª linha”. Os tiros que recebeu e trocou com o inimigo confirmavam a posição: garantir a artilheria paulista, na 1ª linha.

Combate-se em Itararé.

A 1ª Companhia, à vista do bombardeio, sai para as ruas e a cada estampido seguido de assobio, lança-se por terra. Uma fotografia qualquer tirada nessa ocasião provaria que os soldados dormem de bruços, posição incômoda, mas necessária.

Espetáculo impressionante, o único impressionante, esse de um automóvel conduzindo uma senhora que chama pelo filho, pelos filhos, eram dois. Por cima do automóvel, granadas assobiando. Um mal-estar aos que assistem a tão arriscado carinho maternal. Aflição. Os ensinamentos da campanha iriam mostrar que as mães devem ficar na retaguarda. Quem iria tomar conta lá de trás, se as mães paulistas fossem com os filhos para o *front?* Fiscalizem a retaguarda, mães paulistas. Combatam-na, se preciso. Mas permitam que os do *front* imitem de longe a bravura daquelas que tem que ficar lá para trás, bem para trás. As guerras não se fazem sem o concurso da retaguarda, mães paulistas!

À hora do almoço o artilheiro inimigo vai almoçar e a 1ª Companhia também. Aliviada, mas sem apetite. O cozinheiro, soldado de uma série de revoluções, está zombando da tropa: “Quá, quá, quá. Cadê a fome da meninada? Quá, quá, quá”.

Partida para as trincheiras. Alguns quilômetros depois, dois ou três, já se ouvem a matraca e o canhão bem pertinho. Não há noção de perigo no 14 despreocupado. Uma encosta, a última encosta, e alguns *shrapnels* que arrebentam a 100 metros da estrada palmilhada. É o perigo, dizem. Ordem para carregar o fuzil (delicioso esse tempo em que não se podia matar ou beber água sem que as ordens viessem!), e um soldado a insistir em fazê-lo com o pente em posição vertical, pela ponta das balas. A situação ainda comporta uma risada, e ri-se.

Quinze horas. Cavalarianos, jogando com os últimos músculos da montaria, distribuem (agoiro jamais perdoado) a nóia da desgraça: “Está tudo perdido”. “O inimigo vem aí”. Não era o inimigo que viria folgadamente mais tarde, e sim soldados paulistas que abandonavam as posições: “São ordens”. E distribuem a munição que ainda possuem aos homens do 14, como se estivessem de partida, de licença. Dois oficiais tomam providências de momento, para evitar que o abandono se realize totalmente, e um deles, Rodrigues Alves, empunha o Parabellum ameaçadoramente. Muitos voltam. Pobre São Paulo!

A 1ª Companhia toma posição em campo aberto, às pressas, atrás de um ou outro cupim, atrás de um ou outro palmo de terra amontoado sabe Deus como. (É evidente a confusão reinante do lado paulista). Mais tarde diriam que os 14 estavam garantindo a retirada, que Itararé estava perdida e com ela a vergonha dos que passaram para o inimigo, à custa de lenços brancos sacudidos, os vendilhões. Nas trincheiras, o pessoal da 3ª Companhia combate a par com a Força Pública. Sem comida e sem água, mais de dia, 36 horas. E a retirada se faz, a 2ª Companhia a garantir o recuo dos canhões de Mato Grosso. São 15h45.

Chorem, senhores da retaguarda, que a tropa de Itararé está chorando, os comandantes, os soldados. Um misto de ódio e pezar. Abriram-se as portas de São Paulo, senhores de São Paulo! Pudessem elas ser sustentadas com lágrimas...

O “Cavaleiro de Itararé” já não é uma figura lendária, ameaça das mães às crianças endiabradas, uma qualquer coisa com feição do Apocalipse, e sim uma realidade, tomou forma humana. E vem aí, pelas portas. Correi, crianças...

Itararé caiu![6]

O espírito de opressão das retiradas, a angústia do abandono mais o aperto de coração, que se reflete escandalosamente nos olhos e no silêncio acabrunhador, fazem a retirada de Itararé, tudo no malfadado 18 de Julho, o décimo da revolução paulista.

A última tropa do 14 de Julho leva consigo um ou outro fuzil encontrado sem o ferrolho no teatro-quartel, um ou outro saco de mantimento abandonado. Os pássaros, quando emigram, só deixam o ninho... Essa mesma tropa afirmava horas depois que a sua passagem pela cidade, muito cara, ostentava satisfação, alegria, por detrás dos vidros... Era o pessoal do jogo duplo, das caras duplas.

Ainda se ouvem tiros da artilharia, munição sem alvo, sem finalidade. Uma vontade de gritar aos inimigos:

- Nós já saímos! Agora avancem! A casa é sua!

Soldados embarcam pela estrada de ferro. Soldados seguem para Faxina pela estrada de rodagem. Os primeiros se reunem na estação

---

[6] “Itararé, a invicta, caía em um passe de mágica, e o adversário esbarrava perplexo ante a facilidade do triunfo.” (“Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 30).

próxima, Ibiti, distante seis quilômetros, e parte contínua viagem. Corre que os soldados vão voltar para Itararé, não voltaram.

Ao longe, a cidade do infortúnio. E os fogos, lá e acolá, vistos de Ibiti, são os únicos lumes da noite desgraçada. Os olhos pregados naquele pedaço abandonado de terra paulista choram por pesar, por ódio. Uma noite de amarguras em Ibiti. Há gosto de fel até no ar que se respira.

"Um *mujik* responde ao Tribunal Criminal:

- Sei lá se amo os dedos de minha mão. Nem penso neles. Mas fazei ensaio de cortar e vereis..."

De São Paulo cortaram muito mais. Um braço? Dois braços? Cuidado com o coração paulista, ele está sangrando, entraram-lhe pelas portas a dentro, pelo corpo moço e sadio, e agora vão tentar revolver-lhe as entranhas, cuidado!

"O General Bertoldo Klinger, Comandante Geral das tropas constitucionalistas, esteve na noite de quinta – feira (21) em visita à frente de Itararé. Por determição de S. Excia., essa frente foi deslocada para Buri, a fim de melhorar as condições estratégicas para manobras que estão planejadas e proporcionar às tropas um descanço merecido após vários dias de luta." (Comunicado oficial do dia 22, 11 horas).

Faxina – Itapetininga

A viagem Ibiti – Faxina é feita em gôndolas e carros de bagagem. Até os trens vão super lotados! Frio de rachar. Ausência completa de anedoctas, no momento substituídas por lamentações de todo gênero, uma perna que dói, uma pisada, o suor, Itararé... É o comboio dos Jeremias.

Madrugada alta, Engenheiro Maia, e o trem que mal andava, para sem dar soco. Sede e fome, ao mesmo tempo. Não há água na estação, e o maquinista a negar, por necessidade, mais de 30 canecas, o trem quase seca. Depois se espreguiça, lenta, desacorçoada, e vai em uma lenga-lenga de andar cansado. Em outros tempos se diria que era volta de farra noturna. A noite é um nevoeiro de abatimento, a pior talvez, no gênero das que os 14 passariam na campanha mal começada.

Agora é manhãzinha e o trem joga o desânimo bem em cima da estação de Faxina, quilômetro 340 da Sorocabana. Está chegando a tropa de São Paulo, bombeiros, o Batalhão "Borba Gato", um carro cheio de armamento e munição, e há promessa de sabres e novos fuzis.

Dezenove de Julho. O 14, completo, em marcha para a cidade, distante da estação três quilômetros. A marcha do suor e do prego. Já se avista Faxina, o povo na entrada da cidade. Como apresentar-se perante ele,

a tropa que guardava as portas de São Paulo? É preciso disfarçar o abatimento, não impressionar mal aquela gente que está desejando boas vindas ao Batalhão, braços para o ar. Uma canção guerreira, uma marcha por exemplo, e o 14 que entra Faxina a dentro à custa da Canção do Soldado, cantada seguramente umas 10 vezes. Povo por todos os lados, vivas, o São Paulo do dia 14 em miniatura. Aí, Faxina! As pessoas mais idosas espiam a tropa e mal disfarçam a preocupação de espírito peculiar aos que sabem da importância e significação de uma retirada de tantos quilômetros.

Recepção, almoço oferecido pela cidade na Escola Normal. Normalistas a postos, um encanto. Cardápio monumental. Discurso do juíz da Comarca, gratos. À vontade, e é um comer brutal, um mastigar alto e inconveniente, só então é que o 14, mau observador de sempre, nota serem bonitas todas as normalistas que estão servindo o café. Um soldado pergunta ao padre presente se a igreja considera pecado o gesto de roubar canecas de moças bonitas. Não é. As moças estão com as mãos vazias, abanando-se por causa dos cigarros, a sorrir. E as canecas foram para as mochilas. O padre oferece a casa, um banheiro, toalha e sabão, a quem o quiser, faz o mesmo o juíz. A cidade está disposta a lavar o pó de Itararé, uma faxina. Os apóstolos se entendem admiravelmente. Resultado: os soldados de São Paulo vão para o Teatro São Pedro, novo quartel. Descansa-se do almoço, nas frisas. No palco, "*I am delicious*", uma mania. Um passeio por uma cidade limpa, bonita,
cheinha de normalistas, vira a cabeça de qualquer soldado, que passa a considerar-se general. Os Generais cumprimentam a todos e tudo, estão convencidos de ter conquistado Faxina graças a força e a estratégia. Ainda não há ordem proibitiva da venda de álcool, esquecimento do comando, e são cervejas que se esgotam geladinhas. Um paraíso autêntico essa Faxina hospitaleira. Em cada janela, um anjo e olhares meigos por toda parte. No bar situado no largo da igreja, um anjo de barbas pagava cerveja!

A vida do 14 em Faxina. Missa campal cantada dia 20 e um ritmo musical guerreiro que já mais sairia dos ouvidos. O padre oficiante abençoa os soldados, discursa um hino de fé na vitória e declara pertencer à diocese de... e "então em diante ao 14, ao qual acompanharia pela campanha afora, em qualquer rincão, dentro de São Paulo". Dois professores de Direito, em visita aos estudantes, também falam em nome da Faculdade. Um deles haveria de, com grande assiduidade, acompanhar passo a passo a vida do Batalhão, onde só tinha amigos. Discursos feitos, discursos agradecidos. Todos quites e impressionados com o juramento de fé e de honra feito pelo orador acadêmico.

Sem notícias do inimigo. Plantões, guardas, patrulhas permanentes nas estradas de rodagem, pequenas trincheiras, um treino.

Um dia, bumba! Tropa que toma posições, tropa que se acantona

perto da estação.[7] Parte do 14, depois de um longo vai e vem por descidas e subidas, fica colocado em trincheiras.

Faxina se esvaziava aos poucos, desde a chegada do batalhão. Agora então, com maior intensidade. E os retirantes a perguntar aos soldados se não haveria perigo em Itapetininga...!

Nem todo batalhão recebe fuzis novos. Que brilho, um fuzil novo! Um caminhão particular chega de São Paulo abarrotado de jornais, chocolates e cachecóis, que são novidade. Um automóvel distribui ovos cozidos.

Aquele homem alto é o Coronel Klingelhoefer, grandes bigodes, botas cobrindo os joelhos, um *gentleman* fardado. É o comandante do Setor.

O Coronel passeia pelo caminho que liga o P.C. aos soldados acantonados. Impertubável, como impertubável estaria o seu porte na longa série de combates por ele dirigidos sempre de pé, no P.C., na trincheira, ou ainda no mais entranhado e exposto lugar. Um soldado que não se agacha.

Contam que o Coronel Klingelhoefer, Christiano Klingelhoefer, pertenceu à Legião Estrangeira, no Marrocos, onde chegou a capitão. Que?! Então os belos bigodes já enfeitaram o Marrocos que fez a glória dos Lyautey? Pobres rebeldes marroquinos! A guerra europeia fê-lo Coronel. Continência ao Coronel dos Aliados, soldados paulistas!

Um insinuante conversador, um animador, esse *gentleman* que combatia com o capacete trazido da grande guerra:

- Vocês são meninos, soldados sem experiência. Não interpretem a nossa retirada de Itararé como derrota. No Marne, os aliados também recuaram, e muito; porém, o bastante para, em novas posições cuidadosamente estudadas, fazerem a resistência, a ofensiva. Depois do Marne, a vitória. Um jogo militar, meninos.

Ele está de pé, vertical. Uma vontade geral de passar a mão sobre aquele peito coroado de bandeiras, as bandeiras das nações ao lado das quais e pelas quais se batera.

Ai do inimigo, se lhe visse no 21 de Julho os bigodes eriçados, a ele, que luta de pé!

Dia 21, bumba! O inimigo está perto, espalham. Troca de tiros e a explicação tardia de que se tratava do encontro de uma patrulha do 14 com outra da Força Pública. Pequena confusão. A do 14 não conhecia a senha que não lhe fora dada, e quase se perde. Uma ordem apressada, todos prevenidos. Outra ordem apressada, todos para a estação. Tiros apressadíssimos ao longe, embarque para Itapetininga.[8]

Mais uma vez se fazia de mão beijada (excessiva prodigalidade paulista) um presente régio, era Faxina. Pobres faxinenses paulistas!

O 14 de Julho viaja novamente, desta vez com ares de *touriste* rico, à vontade. Casinhas humildes, aqui e ali, enfeitam pobremente campos sem

---

[7] "Nesta data, por determinação superior, localizou-se este Batalhão em postos avançados na frente sul de Faxina, guarnecendo a Estrada de Ferro Sorocabana." (Boletim do Batalhão, nº 4, de 21 de Julho).

[8] "Dia 21, por determinação superior, embarcou em Faxina com destino a Itapetininga, onde chegou dia 22, acomodando-se no prédio da Escola Normal." (Boletim do Batalhão, nº 5).

cultura. Elas parecem perguntar ao trem ligeiro, dentro do abandono em que vivem e ostentam, que guerra é essa de correr para trás, abandonando tudo, até elas?

O Batalhão está chegando a Itapetininga, refestelado à sombra dos carros de 1ª classe da Estrada de Ferro Sorocabana, do Governo do Estado.

Os jornais já tinham publicado a seguinte história misteriosa:

O Coronel é um severo cumpridor dos seus deveres e sabe, como poucos, dar solução rápida e adequada aos compromissos que assume, perante Pedro ou Paulo, em Tombouctou ou na Lapônia, com gregos ou troianos. Da vez presente o compromisso é com Troia, e, tratando-se de Troia, os troianos estão de armas nas mãos.

Para ir a Troia e tomar partido na luta é indispensável, em primeiro lugar, sair da cidade que não se perturba com tão pouca coisa (ora os troianos, diz ela) e continua a viver a mesma intensidade de luz, como um grande e impertubável farol perenemente aceso, quer as alegrias ou as adversidades lhe vivam à volta. É que os faróis são imutáveis na sua grandeza, desde que lhe não toquem diretamente a pele, rezam as crônicas de Alexandria, da sábia Alexandria.

O Coronel tem mais de 60 anos e os seus cabelos são brancos. Os músculos adquiridos na mocidade ainda vigoram no regime de vida metódica de quem lê e dorme com o relógio na frente, às 6h30, banho frio. 60 anos cheios de horários cumpridos à risca, conservam um corpo firme, um homem firme. Troia precisa de gente desse feitio, ele o sabe, e quer partir.

O Coronel, morador em *A*, precisa inadiavelmente cumprir uma obrigação em *B*, que está distante de *A* a uma distância K. Qual o caminho a seguir?

Como se trata de uma aventura, seja o mar o cúmplice. Todas as aventuras da vida dos povos foram feitas à custa de remos, e quando a terra está em guerra e a época é de frio, o mar se encolhe com pequenos arrepios, são as ondas curtas. E lançou-se ao mar, em um diminuto monstro de madeira, remos noite e dia, o Coronel, bom amigo.

(Levanta-te e vai à grande cidade... Ao mesmo tempo, preparou o Senhor um grande peixe que engoliu a Jonas, e Jonas estava no ventre do peixe... Então, o Senhor mandou ao peixe, e o peixe vomitou a Jonas na praia. Bib. Jonas, I, II).

A praia cobiçada, o Cruzeiro atônito... Sabem os nossos leitores o que a constelação presenciou?

Um homem que sai das águas e finca o remo na areia hospitaleira, e qual novo bandeirante, lança o grito das conquistas:

“Glórias e vitórias para São Paulo.”

Sentado na areia, um padre escrevendo versos. Ele parte ao encontro do desconhecido, aponta o dedo magro para a serra distante:

“Marte não gosta das praias. A serra é ali, depois é a minha

Piratininga, onde Marte se diverte...”

O Coronel marcha para a serra. Um outro padre ali o aguardava e o adverte:

“Indo eu subindo com meu companheiro o meio desta serra, nos advertiu um estrondo extraordinário, e desusado, do mais íntimo dela. Parecia-nos que ouvíamos o grande boato de muitas peças de artelharia juntas, que pelas quebradas dos montes fazia o som mais medonho.”[9]

“Obrigado, padre Simão, é o que procuro, o barulho.”

A serra de Paranapiacaba ficou conhecendo, em um só salto, o fôlego de um 60 anos firme. Eis o planalto!

Os campos do Sul, do Itararé ao Paranapanema, bem que se encheram com sete letras em linha de fogo.

CORONEL BRAZILIO TABORDA

Era o tempo dos monstros marinhos, prezados senhores leitores.[10]

Itapetininga, Comarca, Delegacia Regional, Inspetoria de Ensino, Escola Normal, Quartel do 8° Batalhão, Oficina da Sorocabana, uma série de prédios públicos, sede disto, sede daquilo. Por aqui andou governo camarada. População do Município: 25 mil. Quilômetro 202 da E.F.S.

Itape: pedra, lage. Tininga: seco. Itapetininga: Pedra seca.

O trem do 14 encontra muita tropa no largo amplo da estação. Voluntários e soldados regulares, espiando-se. Examinam-se as caras, os físicos, alguns olhares mais arrojados alcançam os cantis. A manhã está fria, pedem um golinho. O cheiro não engana, é pinga.

Em Itararé descobri uma boa...! Lambe os lábios, oferece cigarro e fogo, é a retribuição.

Para o quartel do 8°, grande, com uma parte por terminar. Já há tropa ali, uma de voluntários, o “Borba Gato” que também acaba de chegar e que faria mais tarde o comando do Setor orgulhar-se de semelhantes comandados. O 14 parte para a Escola Normal, prédio volumoso pertencente a um grupo de três outros, dos quais é o maior, o central. O Coronel Taborda faria ali, posteriormente, o seu Quartel General (Q.G.). Um prédio predestinado. Os mais supersticiosos (todo soldado é supersticioso) jamais perdoariam essa simples coincidência.

Estão instalando a cozinha no pátio e um frenesi percorre a tropa, são as gorduras que vão chegar. Toma-se um trago. Os cantis deram uma volta completa e estão vazios, ao contrário do conto francês, a história inverossímil

---

[9] Crônica da Companhia de Jesus, padre Simão de Vasconcellos.

[10] “... tendo saído do Rio em canoa, tendo depois feito parte do percurso a pé, pelo litoral, chegando a São Paulo exaustos e maltrapilhos. Esses oficiais são os seguintes: Coronel da artilharia Brasílio Taborda, Primeiros – Tenentes João Ângelo Gomes Ribeiro e Orsini de Araújo Coriolano e o civil Dr. Mário Machado Bittencourt.”

de um cacho de uvas que percorre intacto toda uma família, de mão em mão. Nos contos brasileiros, os cantis vão de boca em boca. Agora, trata de esperar o almoço, estômago insatisfeito, miserável preocupação de todos os momentos. Fuma-se para distraí-lo, para conservar a temperatura daquela bebidazinha que o está queimando gostosamente. Uma pilheria, esses cantis! Se o frio não resiste ao calor, quanto mais o estômago, as vísceras! A fome se prolonga pelo olhar até os caldeirões. Os cozinheiros ganham cigarros a mancheias, são 11 horas.

Meio dia, quartel impedido. Soldados que dormem em cima de lonas estendidas pelo chão. Escala de serviço. Automóveis de São Paulo em visita. No palco, um fotógrafo cobra 6$000 o grupo, 10 postais. Muito caro, deixou por 5.

Não se sabe ao certo como conseguiram sair os soldados que estão de volta.

A saída segredo. O pessoal do meu pelotão que não recebeu fuzis novos em Faxina resolveu tomá-los do "Borba Gato", aquartelado no 8º. Entramos quartel a dentro, com firmeza, como se estivéssemos em nossa casa. Os fuzis estavam ensarilhados no palco e junto deles colocamos os nossos, na mesma posição, paralelos. Cinco minutos depois, o nosso comandante improvisado ordena "Desensarilhar armas!". Caímos então sobre o armamento do "Borba Gato", e, sem novidades, estamos de volta. Uns fuzis formidáveis estes!

O novo comandante do Setor é o Coronel Brasílio Taborda, que recebe o comando do Coronel Klingelhoefer.[11] A história da luta no Setor sob o seu comando faria dele o seu herói, a figura central, o campeão.

O Coronel, Bom Humor:

"Seja desincorporado e entregue o pimpolho à mãe."[12]

O Coronel, Mau Humor:

"Os chefes de serviço tem autoridade para impor castigos. Um comandante de forças em operações não pode perder tempo com essas miudesas."[13]

O Coronel, Coronel:

"Há grande prejuízo em tirar-se um homem da frente para serviços da retaguarda. Deve haver em São Paulo muita gente em condições."[14]

O 14 de Julho considerou-o sempre o seu melhor amigo. "Os meus queridos rapazes", dirá frequentemente o Coronel Taborda. Quanta vezes não demorou o seu pensamento no Batalhão cansado, exausto quase, que

---

[11] "Recebia o comando das mãos do Coronel Christiano Klingelhoefer, experiente militar que comandara um batalhão na Grande Guerra, e cuja situação político – social e aparência aristocrática não lhe haviam, na paz, assegurado grandes simpatias da Força Pública Estadual. Seus conhecimentos adquiridos na escola de guerra francesa e atingindo ao âmbito do regimento eram de molde a indicá-lo para um magnífico comandante de destacamento. Sua bravura pessoal, seu estoicismo na desfortuna momentânea, fizeram-no credor do respeito geral..." ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 33).

[12] Boletim nº 55 do Q.G.

[13] Boletim nº 58 do Q.G.

[14] Boletim º 23 do Q.G.

ele mesmo reconhecia necessário repousar um pouco! A presença do Batalhão na linha de frente, porém, se impunha como "uma garantia e um estimulo às tropas menos adestradas". Quantas vezes o 14 mal caminha! Mas o só apelo do Coronel tem um poder mágico, uma qualquer coisa que faz levantar o ânimo dos soldados, que revigora os músculos dos "meus rapazes". Às vossas ordens, Campeão!

Assim organizado o Q.G. do Setor Sul, a 21 de Julho:

Comandante, Coronel Brasílio Taborda; Chefe do Estado Maior, Coronel Christiano Klingelhoefer; Chefe da 1ª Seção, Capitão Manoel Caldas Braga; Chefe da 2ª e 3ª Seção, Capitão Américo Gonçalves Ferreira; Chefe do Serviço do Material Bélico e Abastecimento, Major Eloy de Souza Meirelles.[15]

"Em uma composição da Estrada de Ferro Sorocabana, deslocou-se este Q.G., às 4 horas da manhã, com destino à estação de Buri, onde chegou às 23h15, estacionando na referida composição."[16]

"Ficam constituindo o Setor Sul deste destacamento os corpos abaixo:

8° B.C. Paulista, dividido em 2 batalhões, sob o comando dos Capitães João Rodrigues Bio e Rodrigues Alves; Batalhão 14 de Julho, sob o comando do Major José Garcia; Bateria Mista, comandante Capitão Valença; Batalhão "Borba Gato", comandante Capitão Benedicto Mário da Silva; Esquadrão de Cavalaria da Força Pública, comandante Capitão Sebastião Amaral; Bateria da Força Pública, comandante Capitão Laércio Gonçalves de Oliveira."[17]

(Outros efetivos de voluntários vieram mais tarde, bem assim elementos do 6° e do 7° B.C.P. e o 4° R.I., que se manteve no Sul pouco tempo, e o Batalhão "Taunay", de Mato Grosso, o qual chegaria a Itapetininga em Setembro, dia 13).

A noite chega carregada de notícias. Em todos os cantos gritam: "a Marinha aderiu, pessoal!".[18]

A imaginação vê o "São Paulo" fundeando festivamente no porto de Santos, batendo o pendão do Almirantado, ao vento! Sem bloqueios, o abastecimento de marterial de guerra se faria folgadamente. Meia guerra ganha, dizem uns. Liquidada a situação, diz o íntimo de todos. Homem decidido o Protogenes! A Marinha! O Custódio! O "São Paulo" em 24! E quem não se lembra do João Cândido! Já se conversa sobre a batalha naval da Jutlândia.

-Se a marinha aderiu, Copacabana também.

Confronto entre o calibre dos canhões da fortaleza e os do "São

---

[15] Sofreria modificações. Por exemplo, quando o Coronel Klingelhoefer seguiu para a frente, em operações, em 4 de Agosto, passou a responder pelas funções de Chefe do Estado Maior o Capitão Joaquim Alves Bastos.

[16] Boletim nº 1 do Q.G.

[17] Boletim nº 1 do Q.G.

[18] "Desde ontem à noite que são correntes as notícias de que a Marinha, solidária com o povo, interviria junto à ditadura no sentido de fazer cessar a luta, realizando assim uma missão diplomática apoiada nos seus couraçados, nos seus cruzadores, nos seus *destroyer*." ("Correio de São Paulo", de 23/7).

Paulo". Copacabana possui 305, os que arrebentam os vidros das janelas do bairro. O couraçado possui o mesmo calibre, uma fartura de 305!

- Com certeza, a fortaleza está bombardeando o Catete...

A oficialidade toda de branco descendo em Santos, os marinheiros em forma no convés, o Itaipú saudando... Com os fuzileiros navais ao lado de São Paulo! Em 24, eles lutaram à arma branca no Ipiranga, uns valentes! Os fuzileiros, os clássicos torcedores dos paulistas nos jogos Rio – São Paulo!...

Itapetininga também recebe a boa nova e os sinos estão badalando alegria. É noite.

Uma má notícia. Consta que o Coronel Salgado faleceu. O filho, soldado do 14, tem ordem de partir para a Capital. E um irmão, sargento da F.P., agregado ao batalhão.

O dia seguinte desmente a adesão da Marinha. Confirmada a morte do Coronel Salgado.

A tropa, que vive a par dos pormenores do quartel, vem a saber que o comandante do Batalhão vai tomar banho na casa do promotor público da Comarca, Dr. Carvalho Pinto, e vai. A tropa também quer sair, insiste e consegue. Há uma turma esperando a saída do Major daquela casa, uma curiosidade de verificar um simples hábito de limpeza.

Centro telefônico. Ligações para São Paulo, pagas no destino.

"É Mamãe? Como vai?".

"Onde você está, em Itapetininga? Fazendo o quê? Vocês vão voltar para São Paulo? Então está tudo perdido? Coitado de... Alô, alô!".

"A censura avisa que cortará a ligação caso a Senhora persista nas perguntas."

"Alô, é você? Então adeus, ouviu?".

Itapetininga. Passeio. Um hotel que vende bebidas clandestinamente. Soldados por toda parte. As igrejas estão cheias. Foi-se o dia 24.

O Coronel Taborda tem o seu Quartel General em um trem estacionado ora em Buri, ora em Itapetininga. Dia 24, nesta última, o 14 de Julho fornece a guarda, 12 homens e um sargento, um grupo completo do 2º pelotão da 1ª Companhia.

O sargento conta ter visto o Comandante, um homem simpático, a sorrir para os soldados, cumprimentando-os. Mentirosos os livros de guerra que apresentam os simples cabos cheios de rancores!... Na guerra paulista, a etiqueta conquista os soldados. O Coronel Taborda é o chefe ideal, o amigo que sorriu no 24 de Julho. Característico dos que sabem fazer as guerras com inteligência, comandar moços sorridentes.

Chega o trem blindado e dele se contam maravilhas de segurança e eficiência. Uma surpresa para o inimigo, adianta um oficial. A sua primeira guarnição leva soldados do 14[19], sob o comando do Tenente Affonso

---

[19] No 1º carro, Atugasmin Médici Filho, Fernando Penteado Médici e Tomaz Nunes da Fonseca. No 2º carro, João Junqueira Franco, Serafim Leoni e Aureliano Nascimento. Os três primeiros foram transferidos em 4 de Setembro para o autoblindado "14 de Julho".

Negrão.[20]

Pela manhã, as 1ª e 2ª Companhias partem para Capão Bonito[21], pela estrada de rodagem, em caminhões, uma esplêndida estrada, 63 quilômetros de percurso. A 3ª Companhia embarca de trem, dizem que também para Capão Bonito, via Buri, desde que não pudera acompanhar as outras duas por falta de condução adequada.

Combate de Buri – Capão Bonito

Em Itapetininga ficam somente os soldados do 14 de guarda ao carro do comando, e, no momento, incorporados "à guarda pessoal do Coronel Taborda". Ao escurecer do dia seguinte, um oficial determina que os soldados levem até Buri, pela estrada de rodagem, seis caminhões.

- O trem do comando parte para Buri daqui a pouco. As nossas tropas necessitam do auxílio dos caminhões, que deverão chegar lá, custe o que custar.Confio nos senhores, boa viagem!

Já é noite, quando os caminhões chegam a Capão Bonito, completamente às escuras. O comandante do 14 impede que os mesmos continuem a viagem, apesar do aviso de que se tratava de uma ordem do comando do Setor. Que os veículos não chegariam ao destino, a estrada estava sendo batida pelo inimigo. Que, além dos veículos, ele perderia os soldados. Cumpram-se as ordens, os caminhões estão encostados junto ao Grupo Escolar onde as 1ª e 2ª Companhias se haviam instalado com o comandante do batalhão.

Madrugada, e a notícia de que tropa paulista, compreendendo elementos da 3ª Companhia do 14, procura alcançar Capão Bonito depois de um violento combate em Buri.

Depois da retirada de Itararé, o comando resolveu fazer uma operação, tendo por eixo Buri, sob a direção do Coronel Taborda.

"Essa pequena cidade oferecia, no caso, particular interesse militar. Importante nó de comunicações, sua posse garantiria uma cabeça de ponte para além do Apiaí, sobre a via férrea, essa localidade marca o início da grande campina ondulada que existe entre o citado Apiaí e o Paranapanema. Para lá, dificuldades de terreno, zonas de mata, segundo a frase de um adversário morto em combate, "terra de bibocas e de carrapatos"; para cá, natureza verdadeiramente acolhedora, lindos descampados onde a própria guerra parece menos rude... De par com tudo isso, Buri se apresenta em um

---

[20] Quase no fim da campanha, receberia vários ferimentos pelo corpo, em virtude do seu arrojo.

[21] "De ordem superior, embarcou nesta data pela manhã em Itapetininga, em caminhões, com destino a Capão Bonito, onde chegou às 11h30, acantonando-se no prédio do Grupo Escolar." (Boletim do Batalhão, nº 7).

desfiladeiro de fácil defesa."[22]

Em Buri se faria a maior resistência possível, enquanto que o Tenente Coronel Moraes Pinto, tomando a ofensiva frente da linha Faxina – Rondinha, atacaria o inimigo pelo flanco e retaguarda com os 1500 homens sob o seu comando e apoiados na artilheria. (Esse movimento não foi feito, o que fez falhar o plano e o êxito do combate).[23]

A 3ª Companhia do 14 de Julho, que partira pela estrada de ferro, chega a Buri, quilômetro 292, às 17 horas, depois de uma parada de duas horas em Victorino Carmillo. Instala-se, desde logo, no Teatro e na Agência do Correio. À noite, parte para tomar posição, mas volta logo após ter alcançado as alturas do cemitério que fica à esquerda e bem na frente da cidade. O 3º pelotão parte novamente, desta vez para se colocar junto a uma capelinha no alto de uma encosta, bem à esquerda da estação de Buri, posição comandada por um oficial da E.O. da Força Pública, Ruytemberg Rocha[24], o qual dispõe de 12 homens.

Os soldados do 14 são colocados em linha de fogo, sem trincheira, aguentando a impertinência de uma chuva fina e fria pela noite toda. E o comandante Ruytemberg, de 10 em 10 minutos: "Moço, não durma não". Dormir, como?! À direita, fuzilaria intensa até alcançar a manhã. Novas ordens, e o pelotão parte ao encontro do restante da Companhia, com ele embarcando a seguir para posições em campo aberto. Os soldados são visados pelo fogo inimigo com insistência. Onde está o inimigo, é o que se pergunta, uma vez que os tiros não indicam a sua origem. A artilheria paulista está trabalhando com vigor. Sabe-se que o número dos contrários é bastante numeroso, o que não constitui novidade.

Mais ou menos às 11 horas, a 3ª Companhia volta para as imediações da capelinha, onde permanece pouco tempo, pois ao meio dia está de volta para Buri. Depois de muito corre-corre (alguma coisa de extraordinário está acontecendo), novas posições nas redondezas do cemitério, desta vez em trincheiras. A tropa está colocada na frente da artilharia, e os tiros que lhe passam pela cabeça são uma festa, e, não mentindo ao íntimo dos soldados, um prazer para os paulistas combatentes. Onde teriam arranjado tanta munição? O dia é da artilharia paulista, uma bateria do Regimento Misto de Mato Grosso.

O 14 combate até às 18 horas, saindo ferido um soldado. Para a capelinha novamente, onde a 3ª Companhia é recebida por uma fuzilaria inesperada e próxima de uns 80 metros. Ordem de voltar, pouco depois. Um vai e vem que enche o tempo em Buri. E, desde a chegada, um simples café. A tropa está cansada, molhada, com fome.

---

[22] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 34.

[23] "Por causas que escapam ao nosso conhecimento, essa ordem não foi cumprida." ("A Revolução Constitucionalista", Herculano de Carvalho, pág. 155).
"... nem sequer foi esboçado; no dia seguinte, de ponto inteiramente diverso do de seu destino, sob direção diversa da que lhe fora prescrita, o seu comandante pedia ordens...!" ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 36).

[24] Morreu no dia seguinte, lutando valorosamente.

Combate-se em Buri dia 26 de Julho, uma luta encarniçada de lado a lado. O inimigo faz avanços sucessivos e os que caem são substituídos por outros, imediatamente. A artilheira paulista faz maravilhas e é heroica. A fuzilaria que lhe atinge os escudos dão uma sonoridade especial ao barulho do combate. O trem blindado (às 14 horas já tinha entrado em ação) que o inimigo seguramente tomou pelo carro do Comando ou pelo de munição, avança silencioso, pesado, para logo ser cercado por um grosso de soldados, que mal esperavam ser recebidos tão violentamente. E o blindado faz funcionar as suas armas automáticas, que ceifam vidas e vidas impiedosamente, e os corpos dos que caem são a prova do cálculo elevado do morticínio. Há soldado que se encosta ao trem fatídico, onde se sente mais garantido, lançando maldições de desespero. Um chega a desafiar a guarnição em altos brados: "Venham para fora!". O blindado está impertubável, realizando friamente o seu mister. Morre-se facilmente em Buri.

A tropa que não fraqueja (ainda existe quem abandone as posições) sustenta o fogo até as últimas horas, meia noite. "O "14 de Julho" teve pelotões que só recuaram quando submergidos pelas sucessivas ondas assaltantes...[25]

A artilharia, desamparada pela infantaria, está na primeira linha atirando com *shrapnel* a zero! Quantos tiros?[26] Em Buri se combate, e há confusão, e há defecções. O Coronel Klingelhoefer percorre as trincheiras de pé, um trabalhador incansável. O comandante do Setor, Coronel Taborda, que se instalara na estação, sabe que o trem do comando havia partido com as outras composições (trem sanitário, etc.), levando o material indispensável ao momento, e é sobre um mapa comum que ele traça e acompanha, à luz de vela, o desenrolar do combate. Uma arma automática atira contra a estação a poucos metros, o Coronel sai pela janela, bem como os companheiros, chegando a machucar-se em uma das pernas. Uma locomotiva isolada e previamente destacada é a salvação. Nela se embarca para Itapetininga.

A retirada se faz, mantendo a artilheria (alça a zero!) no inimigo, afoito nos primeiros instantes, mais à distância. Em Buri ainda se combate, combate sangrento, corajoso, palmo a palmo, dente a dente. Foram-se as vitórias fáceis, Itararé, Faxina... Agora é Buri, a pequena e paulista Buri.[27]

Fala Coronel Taborda: "Acabo de chegar de Buri, onde assisti ao espetáculo horrível da derrota pela traição de uns e pela covardia de outros. Cerca de 10 horas, uma hora e meia depois da partida do general, começou o ataque, mas aos primeiros tiros, o Capitão Aranha e sua companhia fugiram das trincheiras e desapareceram. O Batalhão Marcílio Franco ficou reduzido à metade ou menos, e o Batalhão "Floriano Peixoto" debandou todo ou quase todo. Os elementos que aguentaram o embate ficaram muito

---

[25] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 36.

[26] Correu mais tarde, com visos de verdade, que um dos canhões se inutilizara (desgaste do tubo) devido à quantidade de tiros dados rapidamente.

[27] Ao redor de Buri, o "14 de Julho" ainda combateria em 26 de Agosto".

reduzidos e o inimigo foi-se infiltrando ao anoitecer. Novas deserções se verificavam cada vez mais, e eu acabava de determinar um retraimento para o outro lado do rio quando, de bem perto da estação onde estávamos, fomos alvejados por uma metralhadora ou F.M. colocado à distância de, mais ou menos, 30 metros e que só podia ser dos que haviam abandonado as trincheiras ou de inimigo por eles guiados através dos lugares de que haviam fugido. Houve grande número de mortos e feridos de ambos os lados. Estou fatigadíssimo e por isso não continuo. Até logo, Taborda".[28]

"Mas a atuação de flanco (Moraes Pinto), ilusoriamente esperada, não se faz sentir; e, essa operação de Buri que poderia ter sido para as nossas armas um brilhantíssimo sucesso, desfazia-se melancolicamente na perda lamentável de uma posição vantajosíssima..."[29]

Os soldados do 14 de Julho caminham pela estrada Buri – Capão Bonito. Cansados, esfomeados, com o peso de mais uma retirada. São 35 quilômetros de percurso e muitos se deixam ficar pelo caminho, para só chegar ao destino no dia seguinte. Os que continuam a viagem pela noite afora são socorridos por um ou outro caminhão enviado ao seu encontro. Soldados da 1ª e 2ª Companhias vão à procura dos companheiros, chegando a uns 5 quilômetros de Buri, sem notícias do inimigo.[30] Frio muito forte. Chove e a água é um alívio para os que combateram na lama.

No grupo escolar, a manhã vem encontrar o Batalhão instalado como sardinha em lata, parte no porão, andando de rastro, parte nas salas do único andar. Todos mal instalados, é a lei da guerra.

Chega o restante da 3ª Companhia. As peripécias do combate da véspera alcançam o almoço.

O novo quartel é um bom prédio, talvez o melhor da cidade, porém mal conservado.[31] No pátio, uma cisterna. Dez metros contados da frente do prédio, uma série de dez banheiros. Uma cerca tosca de arame limita a área do grupo. Atrás deste, a casa do preto Domingos, cuja família seria a lavadeira particular da tropa, bem assim a cozinheira das galinhas conseguidas sabem os soldados de que maneira.

Capão Bonito, sede de Comarca, Distrito de Paz, Delegacia, Subdelegacia, Correio, estação mais próxima Buri. Sorocabana. População do município: 17 mil. Servida pela estrada de rodagem São Paulo – Paraná. Primitivamente colocada como capela à margem direita do rio São José ou Apiaí Mirim, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Mais tarde, em 1700, mais ou menos, foi transferida para o lugar chamado Arraial Velho. Anos depois, passou-se para o lugar denominado Freguesia Velha, à margem direita do Rio das Almas, com o nome de Paranapanema, onde

---

[28] "A Revolução Constitucionalista", Herculano de Carvalho, pág. 156.

[29] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 39.

[30] Se o recuo não foi de ambos os lados nesse dia, pelo menos o inimigo evitou entrar na cidade depois do combate e ainda na manhã de 27. O Dr. Antônio da Palma que servia como médico de um batalhão, só abandonou Buri às 10 horas desse dia, sem ter visto soldados inimigos.

[31] Sofreria uma limpeza parcial mais tarde, quando da instalação do Hospital da Unidade Médica Italiana.

esteve 60 anos. Em 1850 mudou-se para a localidade atual. A Vila de Capão Bonito do Paranapanema passou a denominar-se simplesmente Capão Bonito.

Domina a cidade a torre da igreja grande, da qual se descortina o mais comum, porque é um só, dos panoramas da região: campos em terreno levemente ondulado, um capão de mato ali, outro mais adiante, o reino dos carrapatos.

Zona pobre, cidade pobre. Nenhuma cultura e a riqueza consiste na criação de animais de tropa e galinhas. Capão Bonito é a melhor fornecedora de frangos e ovos do Mercadinho de Pinheiros. Boa notícia para os soldados.

Guarda na estrada de Buri. Guarda na estrada de Guapiara que vai a Ribeira. Guarda na estrada Itapetininga – Capão Bonito.

A cidade, logo após a chegada da tropa de Buri, é abandonada pelos moradores. Dois dias depois, porém, começam a chegar aos poucos, com desconfiança, os pobres retirantes que nas fazendas onde se haviam homiziado, acabavam de esgotar os poucos recursos de que as mesmas dispunham. Só em um pequeno sítio, procuraram abrigo 27 famílias.

O espetáculo do abandono impressiona pelo pavor que os retirantes apresentam nos menores gestos, nos passos, nos rostos. E um vazio desolador vai ficando para trás... As famílias mais numerosas vão, molemente, arrastando os filhos pelo braço, em cima da cabeça uma trouxa, talvez protegendo a única economia. O chefe, pobre homem, carrega a sua miséria, que é a própria família. Poucos os que possuem um porco, uma ou duas galinhas, assim mesmo escondidos ao olhar dos guardas.

Homem retirante, escuta! O soldado do 14 sabia que aquela trouxa escondia um frango, dois frangos, talvez ovos. Que o teu leitão era carregado embrulhado no cobertor miserável, nada escapava à vigilância obrigatória. Saiba, retirante, que ao soldado do 14 bastava dolorosamente a tua miséria, ele não mancharia as mãos metendo-as dentro da tua pequena reserva, dos teus filhos. O teu infortúnio também lhe tocava, a ele que ali estava para a defesa dos teus frangos, da tua família. O soldado do 14, uma vez ou outra, aliviava um quintal, é verdade. Nunca, porém, o teu quintal, isso nunca! Lembra-te sempre, retirante, de que o pão que a tua mulher guardava para os filhos foi dado pelo soldado, ao passares pelos moços da tua terra. Lembra-te, não para agradeceres a corriqueira generosidade que o sentimento do coração paulista obriga, mas para que o tenhas sempre em mente, de que o soldado que te defendia queria partilhar do teu pesar, da tua miséria, queria que a tua família também o visse sujo, magro, que o pão se apresentasse como a comida comum, de todos, ligando sentimentos iguais, que eles eram iguais, paulistas. E voltaste dois dias depois, retirante, e a tua família já agora sorri!

Fartura de laranja por todos os lados, em qualquer quintal. Arroz, feijão, carne ensopada, farinha. Pão bem feito. Água de poço. Banhos pagos no hotel. Banhos grátis são os córregos. Despe-se a gente, lava a roupa de

baixo e banha-se, a seguir. Um banho frio, gostoso, quase dá para nadar. A roupa está enxuta e cheia de formigas saúvas, as que vão matar o Brasil. Um soldado está lavando o companheiro, que é pesado e tem medo de se atolar, à custa de canecadas d'água, no barranco. Muito interesse pela partida de futebol, dois times completos. Caneladas à vontade, que as perneiras garantem, três a um.

Já é alta noite, quando se dá o alarme comum, total. Corridas, encontros, pragas. Não há luz. Uma confusão dos demônios (eram demônios), nesse 28 de Julho chuvoso e frio. Os zulus em revolta não fariam algazarra semelhante. O comandante aparece, quer saber "o que é isto?", "onde estão os comandantes das Companhias?". Um soldado conta que assistiu em Mato Grosso ao estourar de uma boiada. "Era assim mesmo".

Um diálogo nas trevas.

- Que há?
- É o ventre...
- Que ventre, responda?
- Ah, é o comandante? A barriga da tropa desandou, senhor Major.

O flagelo se acentua pela madrugada e a manhã encontra centenas de caras pálidas, brancas. Centenas de soldados na mesma posição da véspera, olhares súplices, como se fosse possível algum auxílio para o mal comum. Se os soldados estão doentes, inabitável vai ficar o quartel. Ficou. As salas, os corredores, as escadas, tudo. Nem o Egito mereceu tal castigo, é a guerra. O comando se afoba, o corpo médico coça a cabeça, os soldados reclamam, querem sarar, s-a-r-a-r! Uns atribuem às laranjas, já passadas, outros à comida. Os moradores da cidade garantem que é da água, estranhada pelas pessoas que pisam Capão Bonito pela primeira vez. Mas que depois se acostumam, não adianta. Se o inimigo soubesse do estado do 14, dominaria a tropa com um simples bilhete de "rendam-se". Se dominaria!

À hora do almoço (poucos almoçariam), o comando recebe um telegrama do médico chefe do batalhão:

"Moléstia não esclarecida ainda. Permanecerei em Itapetininga providenciando medicamentos e outros materiais. Seguirá, o médico, com serviço sanitário e com desinfectadores. A tropa deve tomar água fervida e mudar imediatamente de alojamento. É absolutamente necessário isolar nosso batalhão para que não transmita a doença às outras tropas. Ontem seguiu material médico."

A irreverência de três estudantes glosa o acontecimento em quadrinhas musicadas. O comandante ganha dois versos, o que razoavelmente o indispõe com os comandados. Bocage faz versos (três Bocages) e as risadas que se espalham escandalosas, agora doem os fígados.

Os mais fracos baixam ao hospital, partem alguns para Itapetininga. A tropa está imprestável, diz a ordem do dia de cada soldado. Imprestável está o quartel, inabitável. Mas no dia seguinte, o 14 se apresenta mais sadio, alguns assobiam e uma Companhia está abrindo trincheiras a 50 metros do

Grupo Quartel. Os soldados acreditam que é uma medida de higiene pública (fazer trincheiras dentro de Capão Bonito!) para isolar o batalhão segundo o preceito telegráfico, talvez um fosso e pontes elevadiças, qual!

Sabe-se, é quase oficial, que o capote do comandante foi furtado, pela manhã, da própria sala do comando. O indigitado gatuno está sendo felicitado pelo arrojo. O que teria ele feito com o objeto do furto, ninguém sabe. Ao meio dia, o comandante assiste à distribuição de comida, dirigindo olhares fuzilantes aos soldados enfileirados. E diz palavras imperceptíveis nos lábios nervosos. Ele tem razão.

"Mando-te um resumo da vida da nossa rua, do nosso São Paulo. Cuidado, meu filho, muito cuidado com a saúde. Que Deus te proteja. Viva São Paulo! Tua mãe." (Páginas recolhidas da rua da Contribuição).

Aquele rapaz alegre que percorria o bairro, despertando a manhã, "Olhe o Estado", "O Diário", partiu para a guerra calçando um par de botinas emprestadas.

Aquele outro que distribuia leite, empoleirado na carrocinha branca, tem somente 10 anos. O cavalo foi mandado para a guerra.

O entregador de pão partiu para a guerra. Agora o irmãozinho faz o serviço, trazendo um distintivo bem à mostra, no peito da camisa.

Aquele *chauffeur* desordeiro da esquina, dono de um carro fechado, foi para a guerra com o Ford e tudo. Ele é casado.

O barbeirinho, Victor, partiu logo como barbeiro. Agora só trabalha com o fuzil, as guerras precisam de Sansões.

Todos os jornais publicaram a greve das oito cozinheiras que queriam cozinhar no *front.*

Ontem às 12 horas, São Paulo inteiro cantou:

"Eu vou, tu vais, ele vai."

A mãe do entregador de pão deixou de comprar leite para depositar diariamente 600 réis no guichê, "Para os nossos soldados". Devido à insistência dos vizinhos, resolveu comprar leite para as crianças, mas a carne só aos domingos.

A rua da Contribuição anda cada vez mais limpa. Os velhos cuidam da água e as crianças trazem as vassouras. Montadas é que elas vêm. Onde está a autoridade paterna?

O menino que nasceu no número 62 vai chamar- se Bemvindo Paulo Buonfiglio. O pai é Deodato Buonfiglio. O General Klinger foi convidado para padrinho.

Rendeu dois contos e pouco a subscrição "Ouro para a Vitória". A viúva do número 23, que aluga quartos com pensão, vendeu no sebo por 40 mil réis uma coleção completa de Anatole France pertencente a um estudante que morreu no Túnel, e fez a entrega do dinheiro em nome dos pais ausentes.

Os meninos não conseguiram brincar de "Estado". Eram 15, mais ou

menos, disputando entre si, São Paulo e Mato Grosso. Mesmo assim, cantaram o hino sem parar.

As moças do bairro choram pelo namorado que não conheciam, aquele que era estudante e morreu no Túnel.

Quem lê o jornal em voz alta é o próprio carteiro. Quando Cunha foi tomada, ele soletrou t-o-m-a-d-a. E desde então é conhecido por *Beau-Geste*. A meninada grita: "Bogé vem vindo!".

Dentro daquela casa bonita mora um moço bonito, "que não foi criado para as trincheiras", diz ele. Os pais dos moços que morreram por ideais, por vergonha, por solidariedade, precisam encontrá-lo face a face. Todos conhecem o moço fujão, o que deixou morrer um colega, um parente, um amigo, um homem da geração que teve vergonha em 1932. O poltrão!

O povo de São Paulo, por aclamação, decidiu que todas as ruas ficassem uma só rua da Contribuição.

"É a nossa rua, meu filho, o São Paulo-Julho-1932."

Largo da Igreja, o comandante Moraes Pinto[32] está visivelmente alegre, agitado, sorri e mostra um papel escuro.

- Acabo de receber um telegrama do Coronel Pedro Dias de Campos, comunicando que retomou Itararé[33]. Viva São Paulo!

Os vivas enchem de pânico a cidade, os sinos agitam o ar, dlin-dlon. Dlin-dlon em 30 de Julho é igual a "Demos duro". Quanta alegria enganosa mereceu o 14 no seu peregrinar pelo Sul, quanta. Pararam os sinos. Que diria o inimigo (com quem o 14 precisa manter relações falsas e convencionais cheias de disfarces), se viesse a saber do exército de vivas e sinos arrebatando-lhe Itararé no largo da igreja de Capão Bonito, à custa de um telegrama mal passado?!

Agosto, 1°. Posse do novo comandante do 14 de Julho, o Batalhão em forma no campo de futebol, vai haver solenidade, talvez discursos. Chega o novo chefe, pelo andar e fisionomia, um homem severo. É o Capitão Cândido Bravo. Contam que ele enfrentou um comandante da Força Pública, durante a apresentação da oficialidade, com um "morra" ao improvisado general. O Capitão declara que assume o comando em caráter provisório, que o comandante efetivo é o Major Heliodoro da Rocha Marques.[34] Discurso de cinco minutos. Percorre a tropa com a cabeça inclinada para a frente, olhos perscrutadores, na sua postura habitual.

---

[32] "O Senhor Tenente Coronel Pedro de Moraes Pinto comunicou hoje em ofício, de ordem do Senhor Coronel Brasílio Taborda, comandante das tropas em operações no sul, que este Batalhão passa a pertencer ao Destacamento sob seu comando." (Boletim do Batalhão, nº 10 de 29/7).

[33] Parece que em Fartura, na ocasião.

[34] "Sejam comissionados, respectivamente, nos postos do Major e Capitão o Capitão Heliodoro Tenório da Rocha Marques e Tenente Cândido Bravo.
Assuma o comando do Batalhão "14 de Julho" o Sr. Major Heliodoro Tenório da Rocha Marques.
Sejam incluídos no Bat. "14 de Julho" os Srs. Major Heliodoro Tenório da Rocha Marques, Capitão Cândido Bravo e 2º tenente Napoleão José Leite, este último com transferência do Carro de Assalto." (Boletim do Q.G., nº 5, de 01/8).

Guapiara

Ribeirão Branco em poder do inimigo... Queda de Ribeira...[35] E Apiaí? O 8° B.C.P. parte para Guapiara às 13 horas do dia 2.

Pouco depois, circula em Capão a notícia da deposição do governo federal, espalhada por um oficial graduado da Força. A alegria atinge ao máximo, quando se vê um soldado da Força Pública lançar-se sobre um do 14 e beijá-lo com efusão.

À tarde, a 1ª Companhia do 14 que na véspera ocupara, durante cinco minutos, somente uma trincheira afastada da cidade dois quilômetros, parte, acompanhada de um esquadrão de cavalaria do comandante Amaral, para a região do Fundão, sobre o rio Paranapitanga. Em caminhões até a metade do caminho, o restante a pé. Chegada ao entardecer. Chove à noite, torrencialmente, e a falta de prática e o inesperado da chuva impedem que a tropa se utilize do pano de barraca. De nada valem os capões de mato nessas ocasiões. Muito frio.

O vale do Paranapitanga é atravessado pela estrada Capão Bonito – Buri, distando poucos quilômetros desta última. A tropa está de reserva para um eventual reforço do flanco esquerdo.

As Companhias restantes, 2ª e 3ª, partem na manhã seguinte, de caminhão. Chove e as lonas são estendidas sobre as cabeças. Mesmo assim, alguns soldados, mal refeitos do enfraquecimento, estão febris. Um deles vomita desagradavelmente. Até Guapiara, São José do Guapiara, chuva a valer durante os 35 quilômetros do percurso. Uma igreja bonita é o que há na cidadezinha. Notícias de que o inimigo está perto, uns 12 quilômetros, já tendo cortado a retaguarda da tropa de Apiaí. Concentração de tropas, alguns corpos. Patrulha do 14 na estrada da Ribeira. Acompanha as duas Companhias o Capitão Cândido Bravo. Notícias de um desastre de caminhão.[36]

Na manhã seguinte, passam três aviões paulistas. Para a linha de frente tem partido muita tropa acompanhada de artilharia. Uma série de

---

[35] "Devia ter um fim diverso do que teve. A profunda beleza com que se manteve inabordável por quase um mês era digna de um desfecho mais bonito." ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 31).
"Não fosse um dos vários atos individuais que macularam a nobreza da causa de São Paulo e a dignidade da farda, e dificilmente aquele passo seria transposto." ("A Revolução Constitucionalista", Herculano de Carvalho, pág. 158).

[36] "Acantonamento em Guapiara, 3 de Agosto de 1932. Sr. Comandante do Batalhão. No transporte da ambulância do Corpo de Saúde do Batalhão, de Capão Bonito para esta localidade, o caminhão sofreu uma derrapagem, caiu em um buraco de 10 metros e perdeu todos os medicamentos e o material devido à chuva. Eram passageiros do caminhão guiado pelo Dr. Marcelo Soares, os Srs. Durval Carvalho, Orlando Tiani, Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby.
Nesse acidente ficaram feridos, com gravidade, os Srs. Eduardo Mesquita Sampaio e Ismael Caiuby, que foram enviados para o Hospital de Pronto Socorro do Dr. Benedicto Montenegro, em Capão Bonito, e o Dr. Marcelo Soares que veio a esta localidade. Os demais todos com ferimentos leves. M. Soares."

constas e notícias infundadas enchem o dia.

Uma surpresa estava reservada para o dia 5: capacetes de aço para a tropa combatente. Os soldados assim equipados experimentam novas sensações, julgam-se combatentes da guerra europeia. Aviação, artilharia, capacetes. Para ser igual à Grande Guerra só faltam os gases asfixiantes, que todos esperam não serão empregados na “luta de irmãos”, pelo menos da parte paulista. Anuncia-se que São Paulo fabricará, em breve, máscaras contra gases, daí os capacetes serem furados em cima para a sua adaptação. Os capacetes pesam, mal o soldado se acostuma com as oscilações sobre a cabeça, já que é preciso mantê-los folgados, a fim de os estilhaços encontrarem fraca resistência e resvalarem. Só há um tamanho, para as cabeças grandes e pequenas. As primeiras não comportam o capacete folgado, o que é uma desvantagem. Que faria Ruy Barbosa em Guapiara, ele que está emprestando o nome ao largo da igreja? Dez minutos depois, cada capacete traz um nome de mulher, um número, uma legenda. Um soldado escreve: “A guerra só me causa horror”.

Às 11 horas do dia 6, o 1º pelotão da 2ª Companhia, sob o comando do 2° Tenente Ataliba Duarte, parte de Guapiara para a linha de frente, a fim de guarnecer o flanco direito, onde permanece até o dia 11, quando recebe ordem de retirada. Chega a Capão Bonito dia 12, pela manhã, depois de passar por Guapiara.

Um avião sobre Guapiara dia 6, pela manhã. Às 10 horas, um avião paulista bombardeia, ao longe. O dia é dos aviões. Às 17 horas, um aparelho inimigo bombardeia a tropa com surpresa, pois os soldados julgavam que ele viera “aderir”, sem cerimônia com que voou sobre Guapiara, calmamente.

À noite, 21 horas, o 3° pelotão da 2ª Companhia, sob o comando do 2° Tenente Milton Bressane, parte para a linha de fogo, distante 10 quilômetros de Guapiara, a fim de reforçar o flanco esquerdo. Até a manhã do dia 11, este pelotão combate. Chega no mesmo dia a Guapiara, e no dia seguinte está em Capão Bonito pela manhã. Uma bela estreia para os capacetes de aço, porque em Guapiara se combateu valorosamente. E depois de Guapiara.

Carta dirigida pelo Tenente Coronel Marcílio Franco ao comandante do Batalhão, data de 13.

“Senhor Capitão Cândido Bravo. É com a máxima satisfação que venho comunicar-vos um episódio que muito honra a tropa do 14 de Julho. Na manhã de 11, por ocasião da retirada de Guapiara a quilômetros daquela cidade, recebi ordens do senhor Coronel Moraes Pinto, comandante do Destacamento, para fazer voltar a tropa à Serra dos Pinheiros para estabelecer resistência, e, então, fiz um apelo ao patriotismo do elemento mais próximo que era um pelotão do Batalhão 14 de Julho, e este em um belo gesto de dignidade militar, voltou a frente de sua tropa e partiu na direção do inimigo para a posição indicada. Esse bom exemplo permitiu a facilidade da volta de toda a tropa em retirada, para enfrentar o inimigo. O pelotão do 14 de Julho é digno dos melhores elogios. Com estima e apreço,

camarada amigo, Marcílio Franco, Tenente Coronel."

E o Boletim do Batalhão, nº 2, de 14 de Agosto traz a relação da tropa elogiada.[37]

Dia 7, às 15h30, bombardeio aéreo sobre a tropa do 14, acantonada em Guapiara. Quando os aviões não hostilizam os paulistas, passam ao longe, em observação. Raros, entretanto, os momentos em que não são vistos aviões paulistas e inimigos. Raros os dias em que não há bombardeio de parte a parte.

Sob o comando do 2° Tenente Francisco de Paula Quartier, parte dia 8, às 8 horas, o 2° pelotão da 2ª Companhia. Vai fazer o serviço de segurança da estrada que liga Guapiara a Faxina. Ao longe, artilharia e armas automáticas funcionando. Em marcha novamente, para tomar posição à esquerda de elementos do Batalhão Marcílio Franco. Pouco adiante, cambate-se com vigor. Às 6h30 do dia 10, partida para Monjolado, onde chega às 12 horas, sob o comando do Capitão Bravo, e na companhia de um pelotão de Marcílio Franco. Uma série de monjolos. O inimigo está abrindo trincheiras a uns 3 quilômetros. A tropa também o faz. Às 10 horas do dia 11, ordem de retirada para Capão Bonito, via Capela de Santo Antônio (sobre o Apiaí Mirim). Chegada a esta última no mesmo dia, às 21 horas. Às 6 horas do dia 13, prossegue a marcha, chegando a Capão Bonito às 22 horas.

A 3ª Companhia, comandada pelo Tenente Benedicto Dourival, parte de Guapiara dia 8, a fim de tomar posições. Dia 10, deixa as trincheiras com destino à Capela dos Pintos, onde chega no mesmo dia, às 23 horas. Dia 11, às 14 horas, ordem de retirada (já é conhecida a queda de Guapiara) com destino à Capela de Santo Antônio do Apiaí Mirim, onde chega às 10 horas do dia seguinte. Dia 14, às 8 horas, partida para Capão Bonito.

"E segue-se o abandono de Guapiara pelo Tenente Coronel Moraes Pinto, sem causa seria que o impusesse..."[38]

O balanço da jornada de Guapiara dá o seguinte resultado para a maior parte da tropa do 14: 51 quilômetros de marcha a pé. São muitos os soldados que apresentam os pés sangrando, porejando sangue. Não poderão andar tão cedo. Poucos os feridos, quatro prisioneiros.[39]

---

[37] "2º Ten. Napoleão José Leite, 2º Ten. Milton Bressane, 1º Sarg. Tacito de Souza, 2º Sarg. Alberto Silva Azevedo, 3º Sarg. José Albuquerque de Carvalho, 3º Sarg. Flávio de Araújo, cabos Milton Queiroz Moraes, Jorge de Assumpção, Salim Helou, Alceste Schoenaker, Alcides Duarte Silva e soldados Raul Soares de Mello, Yelmo Ribeiro dos Santos, Augusto de Souza Queiroz, Antônio Vampré, Bernardo Meyer Júnior, João Tolosa, José de o. Pirajá, Marcello Ribeiro dos Santos, Dalstein Epinghaus, Alceu Nascimento, Cyro Savoy, Ricardo G. Gonçalves, Antônio C. Castro, Banjamin Soares, José Mendes, Edgard Alencar Matos, Décio Flexa, Fabrício Vampré, Nelson Silveira, Carlos Virgílio Savoy, Luiz Fontes Romeiro, Darci Ribas, Carlos Romeu, Antônio Cardoso de Almeida, Paulo Bastos Cruz, Alfredo Lazareschi, Vicente de Moura, Silvio Dias Rebelo e Luciano Nogueira Filho."

[38] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 46.

[39] Milton Soares Campos, "João Soldado", Walter Penteado Lorenz (fugiu da Ilha das Flores) e o *chauffeur* proprietário de um caminhão de São Roque, cujo nome não foi conseguido.

Dia 14 o Capitão Bravo passa o comando ao Major Heliodoro.[40] O novo comandante é um dos mais brilhantes oficiais da Força Pública, tendo tomado parte no levante de 28 de Abril. A sua atuação em Guapiara, como chefe do E.M. do Destacamento Tenório, só lhe pode ser elogiosa.

"Exército Constitucionalista. Setor Sul. Batalhão 14 de Julho.

Comando do Batalhão.

É com justificada ufania que passo a comandar o batalhão 14 de Julho.

Constituída por elementos dos mais representativos da intelectualidade paulista, esta unidade tem sabido conduzir-se à altura das grandes responsabilidades que pesam sobre os nossos ombros no grave momento em que atravessa a nacionalidade brasileira.

É de elementar conhecimento da sociologia que o equilíbrio social e político dos povos só pode ser mantido mediante o império de leis que assegurem o livre exercício de todos os direitos do cidadão, reguladas convenientemente as relações entre governantes e governados. Entretanto, há perto de dois anos, o Brasil sofre os efeitos desagregadores da política de recalcamento e supressão desses direitos, com a implantação da ditadura que, procurando eternizar-se no poder, fez ruir por terra, sem qualquer compensação, o regime resentativo a cuja sombra se exercitavam, embora com imperfeição, os direitos do cidadão brasileiro.

Precisamos afirmar a nossa existência política, exigindo o restabelecimento do regime constitucional, com as modificações e aperfeiçoamentos aconselhados pela experiência e exigidos pela consciência nacional.

Assim pensando e assim agindo, há perto de dois anos, aqui estou, disposto a fazer todos os sacrifícios para coordenar os esforços do 14 de Julho, pela forma que melhor possa corresponder aos interesses da grande causa que defendemos, e assegurar a continuidade dos esforços empregados no comando interino do meu grande amigo e valoroso companheiro na preparação e execução dos movimentos revolucionários irrompidos em São Paulo, desde o triunfo da revolução de 1930 a esta parte, o capitão comissionado Cândido Bravo."

Missa dia 15, assistida pelo 14 de Julho.

A vida da 1ª Companhia no Fundão... Alarmes uma vez ou outra. Diariamente patrulhas de ligação, pela estrada de Buri, com o Destacamento Arlindo, por intermédio de cavalarianos sob o comando do Tenente Porfírio.

O 1° pelotão está entrincheirado à margem do rio Paranapitanga, e os dois restantes acampados junto às trincheiras colocadas mais atrás. O grupo de metralhadora também ocupa trincheira, dominando o flanco esquerdo.

---

[40] "O Sr. Major Heliodoro T. da Rocha Marques comunicou haver assumido, dia 14, o comando do Batalhão "14 de Julho", que também comunicou a respectiva passagem de comando." (Boletim do Q.G., nº 26).

Vida de soldado, comida mal feita, constas, uma ou outra aventura interessante, um embrutecimento que faz o soldado pensar da manhã à noite na alimentação. Uma picada em um dos capões de mato, para uma possível locomoção da M.P. Chuva algumas vezes, frio sempre. Comandante da Companhia, 2° Tenente Ângelo Bernardelli[41], que é operado no nariz dia 14 por um soldado do 1º pelotão, com grande curiosidade para os soldados, quase uma festa.

Dia 15, voa sobre o acampamento um avião inimigo, que bombardeia sem resultado. Poucos quilômetros adiante, desenrola-se, começado pela manhã e terminado à noitinha, o combate classificado como "o maior da América do Sul". Mais de mil tiros de artilharia, muito mais,[42] sobre uma pequena linha de trincheira . Aviação constante e crepitar ininterrupto de armas automáticas. Quanto custará esse combate para o governo federal, pergunta-se. A tropa do 14 esta boquiaberta, à vista do número de munição gasta. Sabe-se que a Companhia Hernani, do batalhão "Borba Gato", está em combate. À noite, retira-se por falta de munição, depois de ter calado baioneta para enfrentar o inimigo.

"Bom conforto, bom soldado", dizem os livros da guerra europeia. E a só lembrança de 1914 encheu os 18 anos de cobertores, chocolates e salames: uma vida de suores e gorduras.

Em princípio, por um luxo das guerras modernas, o rádio enchia de amor vilas, campos e trincheiras. Sim, o amor que o rádio levava da retaguarda para os 18 anos. Só então os 18 anos resolveram meditar, cabeças inclinadas, a medida recomendada para localizar em um só lugar os pensamentos dispersos pelo corpo, e as sensações. Os 18 anos querem pensar, uma vez que as guerras proíbem o raciocínio. Este seria inútil**,** frente ao inimigo (canhão-fuzil-avião) e talvez provocasse o estado maior a lançar boletim: "O raciocínio do soldado poupa o inimigo e desmoraliza a guerra". Um granadeiro hábil é capaz de destruir a eficiência de dezenas de pessoas. O granadeiro em ação raciocina com as dezenas? Ele pensa nas granadas e na sua rápida trajetória, dentro da qual se definem ou decidem as dezenas ou as centenas.

Os 18 anos pensam. O rádio é uma arma perigosa, pode facilmente recambiar a guerra para os ouvidos da retaguarda, gritar-lhes a guerra que é feita de gritos de ferros e de peitos, um inferno de estalos e de "ais". Os 18 anos ficaram conhecendo o mundo e sabem que a guerra lá para trás é mais intensa, exclusivamente humana, humaníssima, se possível; que um consolo-carinho-amor irradiado para o *front* custa lágrimas, significa apreensões da distância; que uma casa tem os alicerces no ar e uma desgraça (como classificar a desgraça?) recambiada pode desmoroná-la. Os 18 anos sabem disso. Que um arroz é consumido aos suspiros e entre

---

[41] Substituído pelo 2º Tenente João Garcia de Oliveira, não mais voltou a comandar.

[42] "Das oito baterias assinaladas em ação, cujos canhões despejavam projéteis a mancheias..." ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 70).

dúvidas e perguntas íntimas, às vezes manifestadas em uma explosão tremenda, seguida de um degelo de emoções: “e eles comerão?”. Os 18 anos tapam os ouvidos, temem ouvir a casa e o “eles comerão?”. Eles não querem desmoronar a casa, os 18 anos desprezam o rádio, (perdoai, retaguarda!) a pureza de um 18 anos não merece ouvir a outra guerra, a humana, a humaníssima, a irradiação da casa. E, ao mesmo tempo, teme que a casa o ouça, a ele, à guerra.

Só o silêncio, só o silêncio, só o silêncio!...

Sucedeu, então, o que ninguém esperava: as casas ficaram mudas, mudos ficaram o *front* e a retaguarda. A guerra do silêncio começava. Era a segunda de uma só campanha.

“De ordem da Chefia Suprema ficam terminantemente proibidas as irradiações para o *front,* sendo que já foram tomadas providências no sentido de evitar que o f*ront* também se comunique com a retaguarda da mesma forma. Estabelecida a censura telegráfica e postal.

A vanguarda tem que viver o *front* e o *front* é a guerra”.

Morro do Alemão e combate da região da Balsa

As duas Companhias do 14, 2ª e 3ª, que se encontravam em Capão Bonito desde a volta de Guapiara, partem ao encontro da 1ª, no Fundão. Pela primeira vez, depois de Itararé, o Batalhão se reune para combater completo, fazer a guerra unido. O 14 integral é um desafio. Atenção, inimigos!

Camaradagem, narrações de aventuras passadas, boas e más notícias, estas em maior número. Apesar da longa separação, os soldados se sentem à vontade, como irmãos que, tendo nascido na mesma casa, palpitam ao mesmo carinho, as mesmas sensações. Unido o Batalhão, mais suave lhe será a guerra, porque repartidas serão as dores, os maiores pesares. Porventura, a alegria cresça também para ser dividida. Quem sabe!...

Voam sobre a tropa dois aviões inimigos. Os soldados se abrigam pressurosos nos capões de mato mais ao alcance. Continuam a voar, desta vez em observação, os maus amigos dos bons soldados. Já estão longe.

Partida do 14, marcha de uns oito quilômetros. Sobe encosta, desce encosta, quanta encosta! A tropa chega às “nossas antigas posições”, em cuja linha existia uma fazendola conhecida entre os soldados pela “casa do

alemão”.[43]

O “Alemão”.

A estrada Capão Bonito – Buri, pouco antes de chegar a esta última, atravessa e desce uma pequena encosta, na baixada da qual se encontra, bem para a direita, uma casa de madeira. Nos fundos da habitação, cuja frente dá para a estrada, começa um pequeno morro coberto de mata. À esquerda da estrada, já descendo a encosta, o terreno se apresenta mais acidentado e coberto de mata. Para a frente, até Buri, terreno levemente ondulado. Samambaias bravas por todos os lados. Um oceano! As trincheiras paulistas ficarão na encosta, que domina a pequena baixada com vantagens. O P.C. está instalado em casa de barro, pertencente a um alemão, à esquerda da estrada, em um lugar visível e absolutamente dominado pelo inimigo. Com efeito!

O Destacamento, composto do 14 de Julho, Batalhão Arlindo, Batalhão Pirassununga e por duas Companhias da Legião Negra[44], é comandado pelo Major Arlindo de Oliveira, cuja fama é conhecida da tropa.[45]

O comandante Arlindo de Oliveira[46] é o soldado para as guerras nacionais. Oficial capitão de mato, ele se bate à moda da terra, obedece às vantagens que oferece a guerrilha, uma mistura de audácia, surpresa e coragem.

Espigado, a pele do rosto descascada, sujo, tem mal amarrada uma das mãos atingida por tiro e, com a outra, faz a guerra. Percorre, incansavelmente, as posições, montando cavalo em pelo e tendo corda por rédea. Não usa capacete, um chapéu largo para protege-lhe... Que proteção pode oferecer um chapéu, ainda que largo? Conversa e fuma com os soldados, até o ponto de a confiança dos comandados chegar ao limite da intimidade.

Quando menos se espera, resolve fazer uma incursão pelos flancos inimigos. Escolhe indistintamente oito soldados, carrega um F.M. e... “Vamos atrapalhar os homens”. Meia hora depois, arrebenta uma fuzilaria dos demônios, o inimigo está gastando munição, o comandante Arlindo sorri: “Que gaste”.

Um dia, um mensageiro do adversário, lenço branco da parlamentação, traz carta para o comandante. Este, depois da leitura e de ter

---

[43] “Palmo a Palmo”, Capitão Alves Bastos, pág. 83.

[44] Dentre os soldados da Legião Negra, uma mulher soldado!

[45] “O Major Arlindo de Oliveira, da F.P., tenta e consegue reconquistar Victorino Carmillo, e em 5 de Agosto as nossas tropas estão de posse daquela estação.” (“A Revolução Constitucionalista”, Herculano de Carvalho, pág. 163).

[46] “Conforme telegrama nº 410, desta data, o Coronel Comandante da Força Pública comunicou a este comando haver graduado ao posto de Tenente Coronel o Major Arlindo de Oliveira, comandante de Unidade deste Setor, graduação essa que visa premiá-lo na atuação destacada que vem desenvolvendo nas operações deste Setor.” (Boletim do Q.G., nº 22, 18 de Agosto).
Depois do dia 20, o Destacamento passou ao comando do Tenente Coronel Anchieta, “para que, o já agora Tenente Coronel Arlindo, permanecesse à testa de seu batalhão”. (“Palmo a Palmo”, pág. 86).

enrugado a testa, reune os soldados mais próximos:

"O inimigo me convida a aderir..."

Não termina, dá uma risada forte de mistura com raiva, despacha o mensageiro com a resposta, um palavrão nacional. A tropa não se enrubesce com tão pouco, mas promove urras ao chefe. O inimigo se põe de sobreaviso. Julga tratar-se de um ataque, e é outra fuzilaria que arrebenta.

Logo após a chegada, bombardeio por três aviões inimigos. Que recepção!

A 2ª Companhia parte pelo flanco esquerdo, a fim de tentar retomar as posições abandonadas na véspera por falta de munição. Chega bem próximo ao inimigo e pode avaliar a sua boa situação de entrincheiramento, o que a impede de avançar. Quando está para voltar, recebe do inimigo já alarmado intensa fuzilaria. É com grande dificuldade que consegue retroceder.

Pela madrugada de 17, o 2º pelotão avança pela direita e se abriga na casa de madeira, atrás de barricas abandonadas. Dentro da habitação, colchões ensanguentados. A tropa é visada pelo fogo inimigo, sem poder responder no mesmo tom, por falta de ordem nesse sentido. Às 10 horas, retirada com cuidadosa precaução, difícil retirada.

A 3ª Companhia também parte dia 16, pelo flanco direito. Comanda-a o Capitão Bravo. Depois de longa caminhada através de imediações do acampamento inimigo. Está bem perto dele, a ponto de se ouvirem vozes. Um soldado é feito prisioneiro, com grande sucesso para os do 14, e o Capitão Bravo se encarrega de conduzí-lo ao P.C. A tropa mais avançada percebe aproximar-se um oficial médico. Que bela presa! As dificuldades de terreno, porém, impedem o aprisionamento tão desejado. Alguns tiros disparados afoitamente na ocasião provocam alarme inimigo, o oficial consegue escapar, lançando-se por terra. Na confusão estabelecida, pouco atiram os soldados inimigos, limitando-se a: "Venham paulistas, venham!". Convite inaceitável. Penosa a caminhada de volta. Assume o comando da Companhia, o Tenente José Maria de Azevedo, e é ele quem a orienta com felicidade através de terreno acidentado e mal conhecido, cujo itinerário da véspera não pode ser seguido sem risco imediato para a tropa. E ainda encontra queimada, o que mais a desorienta. O inimigo está batendo o mato com armas automáticas. A tropa se sente perdida e só a firmeza do comando consegue levantar-lhe o ânimo. Quase meio dia, quando a 3ª Companhia chega às posições do destacamento, os soldados exaustos, rasgados, alguns com o pé sangrando como nas longas marchas de Guapiara.

Ainda dia 16, à tardinha, quatro aviões paulistas bombardeiam com vigor, lançando bombas de tamanho e eficiência até então desconhecidas do 14. Os soldados vibram com a acrobacia de um deles, que por espaço de meia hora, desce até as trincheiras inimigas, metralhando. Na volta tem a delicadeza de fazer a última acrobacia sobre o Destacamento. Os pontinhos

pretos desaparecem no espaço sobre a proteção dos olhares paulistas. Breve regresso, é o que todos dizem e desejam.

Anoitece. Consta que os bombeiros vão tentar um ataque. Fuzilaria durante a noite. Muito frio. O Comandante Arlindo está em uma atividade sem limites.

O 1º pelotão da 2ª Companhia e elementos do Corpo de Bombeiros, postados na estrada de rodagem, ficam na manhã de 17 localizados pelas armas automáticas inimigas, sem poder sair do lugar, o que só conseguem, na companhia de um ferido do 14, durante o bombardeio de três aviões paulistas (a aviação constitucionalista tem sido de uma agressividade admirável), quando o inimigo ainda se restabelecia do susto violento e vingativo.

Abertura de trincheiras, parte feitas com o sabre, parte com o capacete, pois é reduzido o material de sapa. A terra é arenosa, dura na superfície e suave para ser trabalhada quando se aprofunda o buraco. Antes assim. De outra forma não se explicaria o uso do capacete. Apesar de tudo, os calos voltam a imperar em todas as mãos.

A 1º Companhia está à direita da estrada e a 2ª mais adiante. A 3ª permanece na retaguarda, em repouso, dizem também que em reserva.

A olho nu se avista o movimento inimigo, tropa que chega, caminhões que chegam e partem. Com certeza trazem material para a artilharia. As metralhadoras, que funcionam desde a véspera, redobram de atividade.[47] Apesar disso, continua cheio de movimento o corre-corre inimigo, constante. Ao longe, Buri, que está a poucos quilômetros e é avistado de algumas trincheiras da 2ª Companhia. A torre da igreja lá está, ponteaguda, a apelar para os paulistas. Eles vão combater para te disputar a posse novamente, Buri paulista!

Fogo no mato posto pelo inimigo. O vento não ajuda e o feitiço vira contra o feitiçeiro. Feiticeiros gaúchos, aguentem o teu feitiço!

Uma patrulha inimiga tenta avançar dia 19 e nada consegue ante a vigilância que está a postos, nos postos contrários. Aviões que passam (paulistas ou inimigos?), ninguém sabe a sua procedência, o seu destino. Três tiros fortes, pesados e surdos, para a direita. É o 150 do “Itaipú”, saudando os gaúchos. Salve, sempre! Chove, o vento é impiedoso. O 14 se agasalha, capuz, cachecóis, mantas e *pull-overs.* Depois, reflete na sorte dos contrários, no meio dos quais existem soldados pernambucanos que

---

[47] Entre as 1ª e 2ª Companhias está a M.P. dirigida por bombeiros. São uns bravos. Um deles se queixa das revoluções, que tomou parte em todas, mas que o papel dos bombeiros não é esse. Dia 24, ele se põe de pé e visa com o fuzil um soldado inimigo postado na estrada batida pela metralhadora. O inimigo pula para o lado e a seguir também atira. O bombeiro faz com o braço sinal de que não foi atingido e atira novamente. O inimigo faz idêntico sinal e responde ao segundo tiro. Durante 15 minutos o duelo original se desenrola inutilmente debaixo da torcida geral. Silêncio completo, como acontece nas assistências educadas. Um tiro, um gesto, não acertou. Outro tiro contrário, novo gesto, não acertou. O Comandante Arlindo tem o mau gosto de mandar acabar com a “brincadeira, depressa, vamos!”.
Os bombeiros ensinam aos voluntários um processo de fazer fogo para o café sem despertar a atenção inimiga: um buraco cheio de túneis e bem coberto, uma complicação que não pode interessar à primeira vista.

desconhecem o rigor do clima paulista, talvez lhes falte agasalho. O fogo que virou feitiço aquecel-os-á, sem dúvida alguma.

A definição arcaica considera a trincheira "fosso, que os cercadores fazem para chegarem cobertos ao pé do muro da praça sitiada".[48]

No Brasil, ela tem a sua história, os seus antecedentes elucidativos. A mentalidade popular recebeu desordenadamente na infância uma ordem que mais tarde se soube encampada pelo Ministério da Agricultura, "Rumo ao Campo". Periodicamente, a ordem se faz cumprida (obedecida) por intermédio dessas festas coletivas que se chamam revoluções do, pelo e para o povo. Lundús guerreiros de ideias e vocações, muitos nascem assim predispostos. Rumo ao campo, isto é, rasgarás a terra com o suor do teu rosto. As mãos trabalham, na terra dura funciona a picareta, ela pesa. A pá retira a terra revolvida, o buraco cresce até ficar trincheira. Trincheiras de todos os tamanhos e larguras, algumas são fundas e outras rasas, tudo conforme a capacidade da artilharia contrária. O parapeito espia o inimigo, os soldados ficam dentro fumando.

Uma casa com todas as indispensáveis dependências em um só local. Fuma-se do mesmo modo e sem sair do lugar no banheiro, na sala de refeições, no dormitório. Ao contrário das residências antigas, os elementos água, sol e fogo entram por cima. Nos dias predestinados, quando as granadas procuram, à viva força, invadir a propriedade alheia com a mesma sem cerimônia dos elementos, a trincheira se transforma em uma só dependência, em uma extensa sala de visitas, onde todos se despedem com fortes apertos de mão, como se estivesse na hora de alguém partir para um lugar distante, de vez.

As chuvas fortes inundam a trincheira e o homem volta a ser barro. A lama entra pelas orelhas, pelos bolsos. O fuzil é a única coisa resguardada. Ele é bem o "irmão do soldado" nessas ocasiões, todo embrulhadinho na lona, o privilegiado que só pode viver bem segundo a lei seca. As regras comuns mandam que se lave o pão enlameado, expondo-o à chuva, a mais fácil e talvez única maneira de torná-lo macio. Depois da chuva, o soldado despregado da lama é um cupim ambulante, terroso, um despistador da vigilância inimiga. "Tu és pó...". Os cupins ambulantes estão agachados, secando a lama fora da trincheira, quase de cócoras.

A aviação inimiga localiza a trincheira para os tiros da artilharia e a bombardeia e metralha, por sua vez. O soldado cuida, então, de enganá-la colocando samambaias bravas no parapeito e arbustozinhos na parte de trás. Agora os soldados estão deitados, espiando o avião desorientado. O disfarce é renovado cada dia, para evitar que o inimigo perceba a esperteza, pois a cor verde se torna amarela de um dia para outro (mais a cor azul, igual à bandeira nacional). E a devastação das redondezas é tamanha que em determinado dia só existe, na grande extensão de terra, a vegetação

[48] Dicionário da Língua Portuguesa, Morais.

comprida e verde da trincheira. Para a aviação é uma festa, o observador diz ao companheiro, apontando o dedo para o bosque artificial: “É ali”. Os soldados estão de bruços, fazendo cálculos e conjecturas: “Caiu perto”, “Não arrebentou”, “Esta foi na trincheira do 3° pelotão”, “Ele está metralhando”. Quando o avião parte, a trincheira em peso balança gestos, dizendo palavrões tremendos, uma série deles. Há uma praga horrível, composta de oito nomes feios em uma só frase e formando duas orações. Horrível!

A trincheira joga o poker, fuma, come, bebe e dorme. Com sol, com chuva, de dia, de noite, com fome, com sede, com saudades, com ódios, dorme-se, bebe-se, fuma-se, joga-se. À noite, o jogo é um roubar coletivo e, por isso mesmo, equilibrado, ele se faz sem prejuízo, e quem perde muito é porque roubou pouco. No dia seguinte todos dizem: “Aquele é o trouxa”.

Competições de trincheira, (extra-guerra) da especialidade dos Ettore, dos Pietro, dos Ítalo. Dos ítalos-paulistas. O Pecarelli, pequeno e vermelhinho, é o recordista. Sábado, mexeram com o cabelo dele. De pé, expondo-se ao inimigo, esbravejou vermelhíssimo:

“Eu sempre vivi no patriotismo, desde a fábrica. Então, não fomos nós que fizemos o Braz, eh?”.

Cada soldado traz consigo, além da farda, capacete, botina e perneira, um fuzil, um sabre, cartucheira com 90 tiros, bissaca com outros tantos tiros, revólver e munição (alguns), dois cantis (água e outra bebida qualquer), bissaca para pão, cigarros, chocolate, facão de mato dependurado como o revólver na cartucheira, pala, capote ou manta, dois ou mais cobertores, mochila contendo pano de barraca e material para armá-la, e, bem assim, lataria, laranjas, garrafas de pinga, vinho ou cognac, ou ainda algum remédio purgativo, *pull-overs* de reserva, cachecóis de reserva, *bonet* de campanha ou bibi, etc, etc. Estes etc significam um arsenal de miudezas: papel, lápis, vidrinhos de iodo. Alguns soldados carregam a Bíblia, domingo é o dia dela.

Soldado que se preza carrega a moamba toda mesmo nas maiores caminhadas, doam os ombros, as cadeiras, pernas e braços. Às vezes, porém, torna-se indispensável carregar o fuzil do companheiro exausto, uma tristeza. Quando chove, o agasalho fica ensopado, enchumbado, a caminhada é feita com as pernas dobradas, é o prego. Uma fartura de peso e material, o bastante para uma viagem ao polo, a qualquer polo.

Quando um soldado paulista é feito prisioneiro, o inimigo sabe quanta novidade e guloseima variada vai apanhar.

“... e fui obrigado, então, a gritar-lhes na sua língua: *Ayú ichebe enê remiurama,* que se traduz *cheguei eu, vosso regalo,* ou, em outros termos, *aqui estou para vossa comida*”.[49]

---

[49] Hans Staden, “Viagem ao Brasil”.

A preocupação do soldado bem abastecido é o medo que o invade do "mão leve", que comeu o que possuía e agora se lembra do que o companheiro poupou. Hoje desaparece uma lata de sardinhas, amanhã o cantil está pela metade, depois é o cobertor, "mão leve" andou por aqui, mas todos apresentam rosto angelical. O melhor é fechar os olhos. Fechou, zás, "mão leve" carrega a mochila. O pano de barraca sempre sobra, pesa muito.

Na trincheira vigora o regime econômico das permutas, troca de mercadorias de todo gênero, umas pelas outras. Uma barra de chocolate chegou a valer, em tempo, duas latas de sardinhas. Um gole fiscalizado, se de pinga, vale meio pão. Se de cognac, uma lata de sardinhas, das pequenas. Certas marcas de cigarros valem por duas de uma outra. Uma laranja é igual a um maço de cigarros, dos bons. Uma lata de goiabada tem um valor inestimável, porque doce é raro. Quando a munição se tornou escassa certa vez, devendo ser poupada, a goiabada alcançou o preço máximo do mercado: dois pentes carregados.

Um dia, os 18 anos recebem o Jornal das Trincheiras:[50]

"A Grande Guerra inventara infernos inéditos para desgraçar o homem: o tanque, o gás asfixiante, o fogo líquido, o "*cafard*"...

Sim, o "*cafard*". Mas este "*cafard*", o tédio das trincheiras, parecia a pior de todas as torturas, porque era, não a morte rápida do corpo, mas a morte vagarosa da alma. A atividade que diminuia, o fogo que descançava, a inércia, a falta de notícias, o pensamento na família, a saudade... E, um dia, vinha o "*permis*", a licença de uma visita ao lar. E o soldado, chegado do *front,* sofria, então, o maior de todos os suplícios: descobria, surpreso e aterrorizado, que era uma ilusão triste aquele "tédio das trincheiras". Era aqui, nas retaguardas tranquilas, que morava o "*cafard*", o grande tédio, o verdadeiro "*spleen*", a nostalgia mortal. E o seu desejo era voltar depressa, correr, voar para aquele buraco no chão, onde ele aprendera a gostar divinamente da vida..."

E os 18 anos, que sabem aproveitar os ensinamentos da retaguarda, os sábios ensinamentos, se lançam por terra, no próprio ventre da trincheira.

"*Et aussitôt, avec des exclamations et des Rugissements de délivrance, nous glissons, nous roulons, nous tombons vivants dans le ventre de la tranchée*!"[51]

Nas retiradas, os soldados limpam a trincheira de tudo, com exceção da lataria vazia, que é deixada para o inimigo saber da fartura da alimentação paulista,[52] e de alguns maços de cigarros com dedicatórias, que

---

[50] Nº 3, de 21 de Agosto.

[51] Le Fen, Henri Barbusse, pág. 253.

[52] Depois dos dois primeiros meses de luta, a lataria também era recolhida e, dizem, mandada para São Paulo, onde era aproveitada.

variam conforme a educação de cada um. Os jornais também ficam, com o noticiário “Ouro para a Vitória”, bem à mostra e outras notícias alvissareiras.

O último dia de trincheira... Os soldados abandonam a casa que fizeram e ocuparam, a fome que suportaram, e sede, e frio, o lugar dos companheiros que se despediram definitivamente, e mais um pedaço de São Paulo que se entrega ao inimigo, e... até quando, Santos Céus?

Aviões paulistas na manhã 20, quatro aparelhos, bombardeiam as posições inimigas. Ontem era queimada, hoje é fogo legítimo, o inferno abriu sucursal ao redor de Buri. Silêncio absoluto (é o prestígio da aviação), somente interrompido pelo arrebentar das bombas, quase 20. A terra se projeta para o ar misturada em fumaça branca, como a apelar para o céu neutro. Agora chove (era uma vez a neutralidade celeste) e os aviões voltam para Itapetininga. À tarde trabalham as armas automáticas inimigas, cheias de ira.

O sargento da ligação avisa que o café matinal vai ser substituído por chocolate, um luxo desconhecido pela tropa. A bebida é feita de mistura com água, mas quente e saborosa, os soldados experimentam uma sensação de conforto, chegam a se convencer de que engordaram um pouco. Depois do chocolate, vespas “caçununga” resolvem hostilizar a tropa, mordem.

Novos aviões paulistas, quatro aparelhos, talvez os mesmos da véspera. Recebem manifestação do 14, os capacetes se agitam. Perdem-se no horizonte. Para onde irão eles? Para Faxina? Às 11 horas estão de volta, desta vez, para bombardear os contrários, que inutilmente os visam com o fogo das F.M. Pela tarde toda, as metralhadoras inimigas, em atividade, dão sucessivas descargas.

O comandante Arlindo ordena que se ponha fogo em parte do samambaial, a fim de favorecer a visibilidade das trincheiras. Queimada no capão de mato do flanco esquerdo, provocada pelo inimigo. O estalar das tabocas mistura-se, prazeirosamente, com os tiros trocados na ocasião. Clarão pela noite a dentro e um calor gostoso que aquece o ar frio.

Esperado um ataque inimigo dia 22. Grandes conjecturas sobre a sua eficiência. Bombardeio pela artilharia inimiga. Os dois primeiros tiros visam e alcançam o P.C. às 10 horas, ferindo mortalmente Alonso Ferreira de Camargo[53], levemente dois bombeiros e matando dois cavalos.

O bombardeio continua, para matar Rubens Fraga no 37º tiro.

Começa a ser penosa para o 14, até então incólume de mortes, a guerra que se tornava de morte.

O P.C. é tranferido mais para trás. Bombardeio até à tarde, quando se estabelece fuzilaria de parte a parte. Um avanço inimigo tentado pela ala direita é rechaçado de uns 200 metros de distância. Para trás, inimigos!

“Só então é que muitos dos nossos compreenderam o que é uma revolução de verdade: com combates sérios e sem adesões em massa.

---

[53] Faleceu a 30, em São Paulo.

Mesmo com os nervos abalados, conseguimos dormir."[54]

Pela madrugada, as trincheiras são reforçadas, mais aprofundadas. A manhã estabelece um duelo de fuzilaria. Depois, o silêncio, que todos percebem ser prenúncio de bombardeio. A tropa cuida de derrubar uma ou outra árvore utilizada pelo artilheiro inimigo como ponto de referência. Agora atirem à vontade, no escuro, senhores artilheiros!

Até às 18 horas bombardeio, muitos os *shrapnels*. Durante a noite, o comandante Arlindo repete uma de suas habituais incursões, conseguindo tomar dois F.M. ao inimigo. Arrebentou um fuzil nas mãos de um soldado, e a notícia corre as trincheiras em forma de mau presságio. "Te exconjuro!". Um soldado do 14 acorda agitado e salta a trincheira em direção das posições inimigas, empunhando baioneta calada, tudo em um breve segundo e ante a estupefação dos companheiros. Pouco depois, está de volta, acanhado. Julgou ter uma visão, explica.

Este fato não constitui novidade, pois na noite anterior um outro soldado impedia que uma das sentinelas rendidas entrasse na trincheira, sob a alegação de que a mesma estava "cheia de bombas explosivas que, ao menor contato, arrebentariam". Ainda há o caso de um rapaz que comia terra, durante um dos bombardeios mais intensos.

Dia de São Bartolomeu, 24 de Agosto, dia aziago. Quais seriam os "huguenotes" do dia, paulistas ou inimigos? Vai haver coisa, diz a expectativa do 14. O inimigo está em festa, pois bombardeia e provoca a fuzilaria com "Zé Pereiras", que eram privilégio dos paulistas. Que teriam eles visto? O bombardeio é mais intenso, alguns copos de 105 caem nas vizinhanças de uma das trincheiras. São belos troféus e os soldados tratam de apanhá-los. Um, da Legião Negra, conseguiu recolher dois estojos, que não vende por dinheiro algum: "Vou fazer museu pros filhos". Nem uma nota de 20$000 causa efeito: "Cobre aqui não vale...". Dia aziago, agora são três aviões inimigos que bomdardeiam e metralham, sobem alto e metralham, descem baixo e metralham. Há ordem de não atirar contra eles, que voam a pouca altura. Bombas incendiárias, jogadas por um deles. Eis o samambaial que arde com rapidez, na retaguarda das trincheiras. Muitos abandonam a posição e fazem um acero de emergência, conseguindo dominar a progressão do fogo, ufa! Fácil ao inimigo tentar um avanço na ocasião, talvez que o propósito vingasse. Bela oportunidade perdida!

A artilharia recomeça o bombardeio. Fuzilaria à tarde, de lado a lado. As trincheiras paulistas atiram com vigor.

- Cá estamos, gritam os fuzis.

Bombardeio durante a noite, os chamados tiros de inquietação. Ninguém dorme, pois é esperado um ataque. Duplicada a vigilância. Como faz frio!

É manhã e o sol (virá sol no 25 de Agosto nebuloso?) ainda está longe de aparecer. O inimigo abre trincheiras, visando a ala direita das posições do

---

[54] Do "diário" de César Penna Ramos.

14, a uns 250 metros delas. Ganham fuzilaria, mas conseguem terminar o trabalho os felizardos! Começa o bombardeio da gente teimosa.

Até que enfim, canhões paulistas! São dois, e um deles faz, à tarde, dois disparos, dois, somente dois. Não há conforto mais desejado pelos soldados que esse de ter ao lado canhões amigos. Depois dos disparos feitos, silêncio das artilharias paulista e inimiga, e retirada dos canhões. Tanto trabalho por dois minúsculos tiros! Mal sabia o 14 que a artilharia paulista vinha fazendo prodígios de ação, ora amparando um ponto mais visado do destacamento X, ora fazendo calar um ninho de metralhadoras na posição Y, aos tiros pingados e às pressas, que o Setor era extenso e reduzido o número de canhões e munição. Os canhões volantes do Sul! Pequenos heróis de inúmeras jornadas! Em Buri, defendestes a retirada dos soldados do 14, alvejando (alça a zero) inimigos pressurosos de fáceis sucessos! Se não ficastes com o 14, no Alemão, é porque vos chamavam mais além. O vosso auxílio e a vossa presença iam levar um pouco de consolo também a outras tropas paulistas, um conforto fugaz, o único que podeis dar. O 14 sabe disso, não se queixa, e imperdoável seria se se queixasse.

São ouvidos tiros na retaguarda, fuzilaria que se aproxima cada vez mais. Os próprios Oficiais se espantam. Retaguarda cortada? Ordem de retirada, a tropa deve estar preparada, mochilas prontas. Que se passa na retaguarda? Ordens em contrário,[55] a tropa passará a noite nas trincheiras de rigorosa prontidão, alguns sugerem baioneta calada. Há mistérios no ar, na fumaça da queimada.

Grande movimento de caminhões do lado inimigo. Mais ao longe e em uma extensão de quilômetros, o fogo se alastra com uma rapidez espantosa. Uma pequena luz percorre determinados pontos, dos quais aparece a seguir uma série de labaredas. Que pretenderá o inimigo? Devastar as matas, os pobres capões do Sul? Limpar a retaguarda, que porventura lhe causa dificuldades para o transporte? Um sargento do Corpo de Bombeiros, combatente das revoluções *post*-1924, conta que o incêndio é processo muito usado pelos sulistas, e que em Catanduvas também foi assim. Há contestação de um antigo sorteado: "as queimadas visam localizar a tropa paulista". Por que então essa extensa linha de fogo? E por que tão atrás das posições do inimigo? Vão queimar o Estado de São Paulo, se vão! Outros ainda querem encontrar relação entre o fogo dos rio grandenses e a expedição de Pizarro ao Peru, como foi contada por Francisco Lopes de Gomara:

"*Encendió muchos fuegos para desmentir los enemigos*..."[56]

Nisto, o 14 se recorda de que existe um poeta gaúcho, talvez soldado, talvez ali na frente, talvez atiçando fogo, talvez declamando no fogo:

---

[55] "... a parada que se impõe da nossa parte é o retraimento imediato. A vontade que a tropa demonstrava de guardar as suas posições e o exercício de uma carta iniciativa excessiva por parte do comando do destacamento retardaram de uma jornada o movimento prescrito." ("Palmo a Palmo", pág. 88).

[56] "Historia de las Indias", vol. 22 da Bib. De Aut. Españoles, pág. 263.

"Agora chama os guerreiros para a guerra! Olha a volúpia de ouro das línguas verticais cantando uma canção de forja rubra na queimada!"[57]

Madrugada, quando o inimigo força insistentemente o flanco esquerdo, sem resultado. Mais forte a fuzilaria na retaguarda.

Afinal, a notícia que andava no ar: retaguarda cortada.

Do 14 de Julho só se encontra separado o 1º pelotão da 1ª Companhia, que desde o dia 16 se colocara sobre o Apiaí Mirim, Ponte Velha, sob o comando do Tenente Napoleão, a fim de garantir o flanco esquerdo do Destacamento Arlindo de uma possível tentativa inimiga de envolvimento.

Três dias depois, chegam para reforçar a posição, 20 homens da Legião Negra, que são colocados à esquerda das trincheiras do 14, e mais 4 cavalarianos, para o serviço de ligação, que é feito pelo atalho batido que vai ter a estrada Capão Bonito – Buri, a estrada real, em um ponto pouco distante das trincheiras do Destacamento.

Depois do dia 20, começam as aventuras da pequena tropa do Apiaí Mirim. O inimigo, certo dia, se mostra ao longe e é recebido com tiros contados, cinco para cada soldado, sendo que os da Legião Negra, por um mal entendido qualquer, ou julgando tratar-se de um avanço dos contrários, gastam em uma fuzilaria inútil de poucos minutos um cunhete, um preciosíssimo cunhete de munição. São mil tiros que desejam boas-vindas ao inimigo. Mais economia, senhores da Legião Negra! A ordem é poupar munição. Eles dizem o contrário, que a guerra é para não poupar o inimigo. O cunhete está vazio, uma ótima mesa de poker.

Há um romântico soldado do 14, contagiando a tropa. Às 20 horas, infalivelmente, o pequeno apaixonado se extasia olhos fitos na lua. É a hora combinada com a namorada de São Paulo, também a postos e igualmente em êxtase amoroso às mesmas horas. A hora-amor. A lua não aparece? Lua ingrata, céu ingrato. A ingratidão é um grande risco São Paulo – Apiaí Mirim. Nas noite claras, às 20 horas em ponto, há um namoro no céu. Um namoro lunar, dizem os companheiros mal iniciados no romantismo.

Com a chegada do Capitão Cândido Bravo, que vem comandar a posição ameaçada, os soldados da Legião Negra são distribuídos pelas pequenas trincheiras do 14, estabelecendo-se rigoroso serviço de vigilância. O plano inimigo é adivinhado: infiltração pela região e consequente corte de retaguarda do Destacamento.

O comandante proíbe um soldado de repetir o que vem praticando desde muito: atravessar nú o rio e furtar cavalos no acampamento inimigo. Até o momento, três animais roubados. O decoro, porém, não permite que um soldado paulista se apresente nú (que pensaria o inimigo, se assim o encontrasse?) e a honestidade não pode ficar a mercê de um furto pouco

[57] "Coração Verde", Augusto Meyer.

apreciável. A guerra tem uma mais alta finalidade. Nada de nudismo e roubos ridículos. Agora, os cavalarianos inimigos estão descansados.

Uma patrulha enviada para reconhecimento avista e atira o inimigo, quando atravessava o rio, à direita da posição, e já se infiltrava pelo denso samambaial.

Na manhã 26, forte neblina. Sem visibilidade, os paulistas são atacados, mal podendo responder aos tiros. Treze horas, o inimigo surge inesperadamente pelo flanco direito, fato que é verificado na trincheira mais próxima pelas altas palavras que três soldados ditatoriais trocam entre si a uns 10 metros dos paulistas. 10 metros! Suprema ousadia! Ou engano de quem julga ter alcançado a retaguarda das trincheiras? É engano, pois os três soldados dão as costas para os paulistas, procurando orientar-se para a frente.

Outros ditatoriais que se aproximam, os paulistas calam baioneta e, aos gritos, simulam um grande efetivo: "Baioneta calada, toda a Companhia!", "Grupo de Metralhadoras Pesadas, atenção!", "Avançar, granadeiros!". E atiram, e tornam a atirar. Sempre aos gritos.

Um ditatorial é atirado de 30 metros e se salva pulando para o lado. Novo tiro, novo pulo. No terceiro disparo, pulo definitivo. Combate-se no Apiaí Mirim. Mal refeitos da surpresa, o inimigo procura e consegue tomar posição de combate. Os paulistas, aos gritos. A Legião Negra combate valorosamente, perde dois homens.

Tiros na retaguarda, é o inimigo que se infiltrou. Tiroteio mais forte, é o inimigo que encontrou resistência. Que paulistas andarão lá para trás?[58]

Às 14 horas, mais ou menos, aproveitando a cessação do fogo contrário, a tropa se retira por lances, pelas trincheiras da direita, que são as mais visadas pelos F.M. E, quando o inimigo aparece em uma elevação do flanco esquerdo, tiroteando com vantagem a tropa que já se considera perdida, chegam elementos da Cavalaria Rio Pardo, que garantem a retirada mal começada, desviando para si a atenção das armas automáticas inimigas. É a salvação, a inesperada salvação. Tudo no instante *i.*

O Capitão Bravo tem procedido bem, com serenidade e firmeza. Por brejos e capões de mato, procura a tropa alcançar a estrada real que a levará até Capão, certa de que as posições do Destacamento haviam caído e, com elas, a do Fundão. Acampamento Rio Pardo, agradecimentos pelo inesperado auxílio. Sim, porque foi um autêntico ponto final de romance aventureiro em série, com o herói salvador aparecendo à beira do abismo...

Ou uma cena cheia de lances arrepiantes, onde a fragilidade se expõe à sanha de façanhudos até a chegada do galã inevitável e atleta... Êta, Cavalaria Rio Pardo! E é um apertar de mãos sem fim. E os cavalarianos, cheios de botas e esporas, cruzam os braços, bem heróis, bem galãs. Impossível que eles não se orgulhem da façanha.

---

[58] Elementos do 2º pelotão da 3ª Companhia e alguns soldados do 1º pelotão da 1ª Companhia, mal chegados de São Paulo.

Uma ligação que chega. A tropa do Apiaí Mirim se dirige ao encontro do Batalhão acampado no Fundão, ainda paulista, e sobre o qual se combateria a seguir. Quando? A Legião Negra está sem sorte. Teve quatro homens prisioneiros na retirada, além dos dois mortos. Na guerra não há consolo. Toca para a frente, tropa do Apiaí!

Parte chega ao destino, parte a Capão Bonito. Manhãzinha.

O 2° pelotão da 3ª Companhia monta guarda aos comboios e caminhões do Destacamento, na retaguarda, à margem direita da estrada de rodagem. À esquerda, o atalho pisado que vai até Apiaí Mirim. Pequenos abrigos contra o bombardeio.

Dia 20, o 2° pelotão vai guarnecer a trincheira da M.P. e volta à noitinha. O restante da Companhia vai ocupar trincheiras. Más notícias dia 25, muito boato. Dez homens do 2° pelotão partem pelo atalho pisado e se entrincheiram com 20 bombeiros, pouco aquém do rio Apiaí Mirim, avistando desde logo tropa inimiga. Tiroteio. Novas posições mais atrás, no entroncamento de diversas picadas que vão ter as posições inimigas, através de capoeiras e samambaial. Dia 26 pela manhã, o inimigo tenta avançar e é rechassado. Impraticável ligar-se com a tropa do Apiaí Mirim, o que é mau sinal. Nova e intensa fuzilaria à tarde. Sete bombeiros mortos. Infiltração do inimigo. Caem prisioneiros 5 soldados do 14,[59] três que procuravam ligar-se à estrada Capão Bonito – Buri e os dois restantes, que iam ao encontro dos companheiros.

Muito grande a infiltração inimiga pelas imediações. A tropa se retira para o mato, visa alcançar a estrada real, evitando o atalho já considerado em poder dos contrários. O inimigo, tendo tomado os pequenos abrigos feitos na entrada do atalho por trincheiras, sai em perseguição dos retirantes por uma picada mais ao alcance, das inúmeras existentes.

Chegados, os paulistas estabelecem ligação com elementos do Capitão Negrão que, com o carro blindado 14 de Julho, faz a vigilância da estrada e da picada utilizada pelo inimigo. Incorporam-se à guarda do referido blindado. Chega um reforço acompanhado do Major Heliodoro e sob o comando do Tenente José Maria de Azevedo. À aproximação do inimigo, forte fuzilaria se estabelece. José Maria cai mortalmente ferido.[60] É sustado o avanço inimigo, evitado o corte de retaguarda do grosso do Destacamento, ainda nas trincheiras do “Alemão”. Soldados paulistas por toda a extensão da estrada, margeando o mato. Um do 14 conseguiu prender um soldado

---

[59] Omar Viegas de Camargo Bittencourt, Moysés Deab, Cayrú Teixeira, Aguinaldo Augusto Pinto e A. Feo. Conduzidos à presença de oficiais, um deles é interrogado por um conhecido Major sobre o efeito da artilharia nas posições paulistas e a atitude dos soldados na ocasião do bombardeio. Resposta: que, apesar de intensa, nem por isso a artilharia causa maiores apreensões, pois terminado o bombardeio sempre há um soldado percorrendo as trincheiras aos gritos: “Primeiro grupo do “pernaquio”, responder à artilharia inimiga”.
É o irreverente bom humor do soldado paulista.

[60] Faleceu no mesmo dia, à noite, no Hospital da Unidade Médica italiana, em Capão Bonito.

pernambucano, preto, curiosamente vestido.[61]

O comandante Arlindo[62], à frente de elementos da Legião Negra, resolve praticar mais uma façanha, a última: ligar-se à tropa do Apiaí Mirim, através do inimigo. Interna-se pela mata com os companheiros, deixando para ligação, junto ao caminhão condutor, o soldado do 14, Octavio Seppi, que é morto pelo inimigo pouco depois.

Ao longe, o blindado 14 de Julho em atividade.[63]

Bombardeio pela artilharia, que é avistada e está a uns mil metros de distância. Mil metros! Quase no peito dos paulistas! Quantos canhões? Às 16 horas, eles enlouquecem de vez, perturbam o céu, o ar, a terra, e, porque não dizer, as trincheiras se perturbam. Atiram (alça a zero) um aluvião de ferro, 246 tiros diretos e bem contados, alguns 105, que caem sobre os paulistas no espaço de menos de hora e meia. Um inferno![64] Pobre Destacamento, pobre "14 de Julho!". A impressão é a de um assassinato cometido friamente, as vítimas perto do algoz (canhões a mil metros) que lhes atira na cara, folgadamente, o que bem entende atirar. É a morte que atiram e que ronca pelo espaço nos menores estilhaços, nos menores...

O inimigo grita:

- Avancem paulistas...! E termina com um palavrão.

(O sol se espanta).

Os paulistas gritam:

- Avancem gaúchos...! E terminam com um palavrão. (O sol enrubece).

O inimigo faz a réplica:

- Nós não somos gaúchos, somos pernambucanos, seus paulistas...! E termina com um palavrão.

(O sol se esconde).

Os paulistas respondem à réplica:

- Então avancem, seus pernambucanos...! E terminam com um palavrão.

(Onde está o sol?).

Rio Grande, São Paulo, Pernambuco. Sul, centro, norte. O Brasil parlamenta com violência ao redor de Buri, no 26 de Agosto. Congresso dos Bons Amigos presidido pelo Marechal Palavrão, que é o único a escapar incólume dos debates, saindo como entrara: limpo e sereno. E com a glória de ter salvo a honra da literatura brasileira dos nomes feios de uma conversa desinteressante e imprestável, o que se costuma chamar meio impróprio.

(O sol aparece vermelho, bufando).

---

[61] Só vestia uma camiseta, botinas e sem perneiras. O restante, como manda o nudismo. Ensanguentados completamente pelo sangue que escorria do pescoço.

[62] "... procurando se ligar a esse elemento, perde-se na mata onde vem a ser aprisionado pelo adversário..." ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 89).

[63] Encalhou mais tarde. Retirado à 13h27, com grande dificuldade e sob a vigilância do fogo inimigo.

[64] Talvez o bombardeio mais intenso e brutal de todos os setores de São Paulo, e se levar em conta a linha de trincheira (pouco mais de quilômetro), o número de tiros (246), a sua natureza (diretos), e o espaço de tempo (menos de uma hora e meia). Os soldados do Sul sabem quanto vale um tiro direto...

Pobre astro celeste, a quanto te obriga uma guerra de mal educados!

Em meio ao *brouhaha* de ferros, estampidos e palavrões, o inimigo tenta avançar, correr atrás da presa fácil... E avança. O 14 de Julho está de pé nas trincheiras, vê os canhões disparando, assiste ao arrebentar infindável das granadas, sabe que os ferros que lhe voam à cabeça são o fim, ele sabe e está de pé nas trincheiras paulistas, empunhando (suprema irrisão!) o pequeno fuzil que dispara, que torna a disparar, que faz frente aos homens-mil, aos tiros-mil, aos canhões-mil.

Que venham aos milhares! O avanço é contido, a artilharia envergonhada se cala (teria ela visto os soldados de pé?), mas o duelo de fuzilaria é mais intenso que nunca. O 14 quer que o inimigo saiba da disposição dos paulistas, porque alguém gritou: “Tudo por São Paulo”, e se entrega ao combate, e procura mais munição. Às 18h30 diminue a fuzilaria, só trabalham as armas automáticas, o soldado precisa poupar o resto da munição, guardar um pouco de tiros para mais tarde. Para quando?...

“Resiste, com o Batalhão de seu comando, a grande e pertinaz ofensiva inimiga, montada com eficientíssimo apoio da artilharia, que disparou mais de mil tiros, inclusive alguns de 105, bem como da aviação de reconhecimento e bombardeio, enquanto que de nossa parte houve apenas três disparos de artilharia de calibre 75”.[65]

O destacamento recebe ordem definitiva de retirada, são 20 horas. Ela se processa em ordem, nem uma cápsula vazia para o inimigo, todo o material é levado, tudo. Os contrários percebem o movimento, atiram, e as armas automáticas visam os retirantes com uma teimosia sem par. Retirada debaixo da fuzilaria. Um único soldado do 14 é ferido, no braço, recebendo cumprimentos pela sorte. Ele mesmo se considera feliz. Todos o secundam, “feliz, sim”.

Depois de 10 dias de trincheira, mal trabalham as pernas, os músculos estão rebeldes. A carga pesa, uns levam munição, outros dividem o material de sapa, bem assim os fuzis dos companheiros mais cansados. A retirada também pesa, e injustamente porque o combate foi dos paulista, deles, portanto, a vitória.

O 14 se mistura com os soldados da Legião Negra, com os que souberam ficar até o fim e fazer um pedaço da luta de São Paulo, isto é, completar a história paulista que ajudaram a fazer. Porque...

“Discurso irradiado em 13 de Maio de 1932. Trechos”.

Lembra o antigo teatro popular, onde as personagens conseguiam, por malabarismos pessoais cuidadosamente estudados, centralizar de tal forma a atenção popular que a peça figurava em plano secundário, chegando a evaporar-se, por algum tempo, para ressurgir de novo e com feição diversa nos atrativos da personagem seguinte.

---

[65] Do Relatório do Major Heliodoro ao comandante da Força Pública.

Cada personagem, um enredo, um motivo, o teatro.

Assim, a personagem *P* lembra a peça *p*.

Assim, também a nossa História. Joaquim Nabuco absorveu a abolição e o preto, enquanto a abolição viveu. Durante 50 anos, Pedro II foi o Império brasileiro. E a campanha do Paraguai? Caxias e Caxias...

No 32, o preto viveu São Paulo e a sua epopeia. Cuidemos, pois, dele.

Era o 9 de Julho e mãe preta falou:

- Preto tem compromisso, a sua palavra é uma só. Em 1700, em 1800, em 1900. Criou o branco, amamentou-o, fez o branco viver, e desde então ele é nosso. Preto é barulhento? Para o barulho, pois! Que as festas exigem músculos ágeis e alegria nos olhos? Para a festa, festeiros! A meninada vai partir, nhô-nhô branco não pode andar sozinho.

Fácil foi raciocinar a guerra: um campo trabalhado, um embalo de negra velha, o cafezal, branco tão bom, São Paulo vinha de longe, coração falava, mãe preta exigia...

- Já lá vamos, brancos!

Ainda mais. A guerra era comum, irmã, o mesmo pão, a mesma água, e, para as mesmas emoções, um só coração vermelho, a guerra tinha cor.

Leões enfurecidos? Leoas que eles eram. Os brancos estão em perigo? Cuidado, inimigos! Poupa as tuas balas para as nossas peles. Então preto não é alvo mais precioso? Branco foi ferido? Maldita a guerra! O inimigo descobriu o nosso amor, ele quer destruir o amor do preto, desmoralizar-lhe a vigilância. Está em jogo a nossa responsabilidade e mãe preta é rigorosa na prestação de contas. Ela disse: “Não durma para menino dormir”. O inimigo não terá o branco, nós o defenderemos nas noites infindas, os dentes cerrados em desafio. E que as noites de campanha sejam longas como a luz das estrelas...

- Atenção, senhores inimigos! Mãe preta assumiu o comando, atenção!

Durante 80 dias, ela falou 80 vezes:

- A guerra é minha, dos pretos do 32, da negrada da história brasileira. Eu faço a guerra.

E, mais uma vez dentro da História, nós tinhamos nas mãos o São Paulo que fizemos para a História.

Fundão

O combate do Alemão... A lembrança dos companheiros que se foram por São Paulo faz emudescer o 14. Frio, fome e cansaço desaparecem ante

o pesar comum. De vez para sempre ia ter fim a alegria que caracterizava o Batalhão de moços, de soldados que conseguiam respirar prazer mesmo dos ares mais sobrecarregados de ódios. Luta de vida e de morte, para o futuro. A guerra já tem sabidamente os seus horrores, sentidos palpáveis, tristemente sabidos e experimentados, a má guerra.[66] Pobres moços que se foram! Olho por olho, para o futuro. O 14 marcha sob o peso da lembrança triste.

Já não possui mocidade o Batalhão que só respirava prazer. Dias sombrios haviam-lhe tirado o que teria sempre de menos para o futuro, alegria. Onde os olhos vivos, a risada franca, o humor expansivo e sorridente do Batalhão que entrara cantando em Itararé? Que fizeram da mocidade do 14! Calem-se frio, fome, chuva, cansaço. Responda, canhão! Que fizeste da mocidade?

À meia noite, o 14 chega às antigas posições ocupadas pela 1ª Companhia sobre o Paranapitanga e acampa pouco adiante. Estende-se pelo campo ensopado de garoa fina e impertinente, dorme. O inimigo ouve-se ainda, atira com a artilharia. Uns 30 tiros. A noite é dos justos, canhão inimigo! O Batalhão dorme, e o arfar dos peitos cansados é o único sinal de vida na imensidão dos campos sulinos, ainda paulistas.

São 5 horas, e o 14 se põe em forma. Os dedos estão gelados, entorpecidos, mal o soldado consegue segurar o fuzil. A marcha da véspera continua mais uns oito quilômetros de percurso.[67] A artilharia inimiga, sobre quem estará ela atirando agora? Descanso à beira da estrada Capão Bonito – Buri. Sinal de aviões inimigos, dois dos quais lançam bombas sobre o Paranapitanga.

Ordem de voltar. Para onde, para o "Alemão"? O 14 volta e se instala a quatro quilômetros do Paranapitanga, em capões de mato que margeiam a estrada de rodagem. Está na 2ª linha e, ao mesmo tempo, garantindo o flanco esquerdo da tropa do Batalhão Ribeiro.

A nova posição (pensa um 18 anos) parece não oferecer muita vantagem sob o ponto de vista militar. O canhão inimigo grita ao longe:

- Que vantagens?

Também atiram os canhões paulistas. Poucos tiros, mas atiram. Dois aviões inimigos bombardeiam ao longe. Sobre o Paranapitanga, novamente?

Parece que foram os canhões que trouxeram a lembrança da comida, das gorduras. Porque, no "Alemão", depois do dia 23, o serviço de distribuição de comida ficou muito irregular e cada trincheira tinha de destacar dois homens para ir buscá-la mais de um quilômetro atrás. A alimentação, umas latas de *corned-beef*, aliás profusamente distribuídas; no fim de certo tempo, já se tornava intolerável.

É por isso que agora, já mais folgados na 2ª linha, os soldados esperam alguma coisa substanciosa e que tenha cor e gosto de feijão,

---

[66] O número de feridos, apesar de pequeno, não chegou a ser conhecido exatamente por parte do Autor.
[67] Sobre o antigo Batalhão Arlindo, agora comandado pelo Capitão Pedro Ribeiro, o Batalhão Ribeiro.

mesmo que não seja feijão. E carne, que é o melhor alimento. Estão distribuindo chocolate em barra, o que é uma boa coisa. Só então é que o 14 dá conta de si. Sujo, magro, braços e pernas e peito e costas em poder dos carrapatos. Há os "pólvora" e os "estrela", todos nojentos e daninhos. Quando o Batalhão se achava, certa vez, de bom humor, os soldados se divertiam colocando alguns carrapatos, dos maiores, no pescoço dos companheiros. Agora já não há dessas coisas.

Mas o número dos "pólvora" e dos "estrela" é cada vez maior. E coça-se, as feridas crescem e há pus em algumas delas. Infeccionadas porque as unhas estão sujas de muitos dias. Catar carrapatos, divertida ocupação para estômagos vazios! Os bichinhos se multiplicam diante da vista, pois se um é pego, dezenas de outros estão ao redor do lugar vago, à espera de que lhes chegue a vez. Esta nunca chega, a quantidade é enorme, e-n-o-r-m-e! Em geral o carrapato sobe pelas pernas, que são a parte do corpo mais atacada, talvez a mais preferida. Quando o soldado se deita, porém, movimentam-se alegremente, entrando-lhe pelos braços, pelo pescoço. Nada escapa. Agora o corpo é deles, à vontade!

Comida hoje, dia 28, às 16 horas. É a hora do estômago.

Estão abrindo trincheiras. Um combate no terreno trabalhado, que é plano, será bastante penoso. Talvez que os canhões-mil avancem disparando com alça a zero, assassinando... Que os deuses protejam os paulistas, que Marte os proteja...

Chega de São Paulo um grupo de políticos. *Touristes* de trincheiras, é o que são eles. Decididamente vieram conhecer de perto o decantado "moral da tropa", tão falado quão discutido na retaguarda. As cartas que chegam de lá trazem invariavelmente a pergunta de estilo: "e a moral da tropa?". Os soldados estão para responder, mas responder o quê? Já não basta o que eles dizem e sustentam: "Tudo por São Paulo?".

Os visitantes contam anedotas, logo de início, e alguns riem antes dos ouvintes.

A "moral da tropa!"... Vieram de São Paulo para conhecê-lo, mas não ousam fazer a pergunta, não se arriscam a perguntar como vai "ela". Por que? Se até fotografar os soldados eles podem, quanto mais perguntar-lhes pela moral! (Os homens da retaguarda ainda não compreenderam a mentalidade do soldado, que, no *front,* repele naturalmente e de maneira explicável o contato com "civis". Porque, na guerra, as relações do soldado se limitam ao sargento, ao comandante do batalhão, ao cozinheiro. É a guerra, a sua lei é uma só).

Eles contam alvissareiros que está para chegar armamento em grande quantidade (sensação); que a Marinha é simpática (sensação); que em Minas e, principalmente, no Rio Grande o movimento é uma realidade e vai se alastrando rapidamente (sensação); que (oh, perscrutadores da moral alheia!) a retaguarda das tropas inimigas do Sul está cortada (sensação); que a beligerância está sendo pleiteada com sucesso, só havendo

embaraços por parte dos Estados Unidos.

Assim: a Itália estaria disposta a reconhecer o estado de beligerância, mas os Estados Unidos, lançando mão da doutrina de Monroe, não via com bons olhos a intromissão de um país europeu em negócios da América. A França, por sua vez, rival da Itália, acompanharia a atitude dos Estados Unidos. E o barulho estaria armado na Europa... Mais uma vez, a Europa se curva ante o Brasil... (sensação).

Os 18 anos não estão acostumados a receber tantas boas notícias, e os corações dão sacudidelas que poderiam ser fatais. Por que causar sensações tão agradáveis e perigosas? Em geral, as notícias alvissareiras são da exclusividade dos que não estão no *front.* E, quando este as recebe, estabelece-se um contraste, (entre a situação do soldado e o sentido das mesmas) que é, ao mesmo tempo, inútil e contraproducente. Alguns afirmam que não, e por isso o *front* vive à custa de contrastes, dos quais é um dos elementos, o mais ingênuo deles.

DIÁLOGO DAS BARRACAS

1ª BARRACA:

- Temos visita. 2ª DITA:

- São políticos paulistas, isto é, de São Paulo. Vieram de lá, devem saber novidades.

1ª DITA:

- Novidades vem eles buscar aqui, dos soldados.

2ª DITA:

- Quem sabe.

1ª DITA:

- Vem conhecer a “moral da tropa”, dar palpites e distribuir “peixes”. Repare como eles se apresentam. Como credenciais, alegam que o filho está no *front,* em outro *front,* e, no entanto, é o nosso que visitam, qual!

2ª DITA:

- Nada de maldades. Você sabe que os Batalhões estão cheios de parentes de políticos...

1ª DITA:

- Não disse o contrário.

2ª DITA:

- ... e todos eles bons soldados. 1ª DITA:

- Os bons soldados a que você se refere, parentes ou filhos de políticos, são bons paulistas, ótimos até. Não discuto com eles, que valem muito. Os velhos são os que me interessam. Repare no acanhamento com que os visitantes conversam. Aquele até está vermelho, talvez que o remorso...

2ª DITA:

- Remorso?

1ª DITA

- Vamos conversar com clareza, fazer jogo franco. Esses homens que aí estão, e que não podem ser estudados isoladamente, pertencem às massas infernais dos políticos, dos maus políticos, dos maus paulistas, a massa dos que infelicitaram São Paulo. Uns pertencem ao grupo Mão Grande, o qual controlou a inteligência, a consciência, a arte, o trabalho e a vida de um Estado, durante anos seguidos, e da mesma forma desgraçada. Até a moral paulista (não sorria, não é a "moral da tropa") esteve na iminência de soçobrar de vez, perante a Nação e a História, porque ele, Mão Grande, tudo encampara, o Estado era ele. A vergonha que ainda restava esquecida em uma ou em outra casa, escondida em uma ou em outra fazendola do interior, figurava nos últimos tempos, como o derradeiro objeto procurado para encerrar o leilão que se processava miseravelmente. Mais um lance e Paes Leme era vendido.

O outro grupo, o da Mão Pequena, nasceu pequeno, fez-se forte, mas sempre do mesmo tamanho, pequeno. Quantos se iludiram com a estatura mesquinha! E se não chegou a possuir por muito tempo a máquina que lhe fugiu das unhas, e na qual continuaria o trabalho rasteiro da Mão Grande, nem por isso deixou de se nivelar a esse grupo.

2ª DITA:

- Quanto rigor!

1ª DITA:

- Não me interrompa. Se nós não podemos falar desembaraçadamente nos campos Sul de São Paulo...

2ª DITA:

- Nós,

não. 1ª DITA:

- Sim, os soldados. Como dizia, os grupos estão descritos à moda da terra, com rigor. São Paulo *post*-1930 nivelou-os, eles que tem o mesmo sangue, os mesmos vícios, um só apetite. Os dois grupos fizeram a guerra...

2ª DITA:

- Foram os paulistas, protesto!

1ª DITA:

- Concordo, foram os paulistas. Foram estes que se levantaram, todos sabemos. Levantaram-se por que? Porque não queriam respirar um dia mais a atmosfera carregada de ódios e fomentada por eles. Por eles, sim. Sem os grupos não haveria Outubro de 1930, sem eles o 9 de Julho seria um simples 9 de Julho de folhinha, nada mais. Depois de 30, Mão Grande se calou naturalmente, pois estava vencida e só aguardava o golpe de misericórdia, que nunca chegou. Mas, se não podia dirigir o Estado gostosamente como outrora, podia, contudo, amar São Paulo, ajudá-lo, na medida das forças de que ainda dispunha, a carregar o fardo que enchera quase totalmente. Não. Nunca. Limitou-se a dizer arrogantemente "um dia há de chegar".

Só esperava voltar para as posições que ainda lhe conservava a

forma do corpo. E a cada erro da revolução em São Paulo, que foram muitos, encolhia os ombros, largando com um sorriso (classifique você a espécie de sorriso), a frase que não tinha o direito de dizer: “Vocês queriam a revolução, agora aguentem as suas consequências”.

E dizer-se que Mão Grande se julgou e ainda se julga espoliada do emprego, vítima inocente de uma brutalidade, e, suprema ironia, exclusivo bons paulistas! Depois de 30, o grupo pequeno participou dos erros da revolução em São Paulo, viveu-lhes sempre à sombra, esperando realizar a ambição de vez, mas só para ele, nunca para São Paulo, que pouco se lhe importava. Falou e gritou: “Temos o direito, sofremos...”. E calou-se, quando se praticavam as grandes injúrias a São Paulo, muitas insufladas e aplaudidas por ele mesmo. Quando se fizer a história da revolução em São Paulo *post*-1930, a miséria dos ambiciosos que puseram o Estado a perder, aparecerá como o último trapo de honra alardeada pelos derradeiros maus paulistas.

As Mãos... Uma queria que São Paulo sofresse a situação que a substituíra na direção da máquina; que um ambiente saudosista lhe fosse propício para o futuro; que em São Paulo se criasse, absurdamente, uma nostalgia absurda a seu favor... A outra queria São Paulo para si, só para si, para satisfazer a volúpia peculiar aos despeitados, para quebrar o pedacinho que ainda ficara da pobre máquina, que andava aos trancos, o pedacinho...

2ª DITA:

- Você mudou o rumo da conversa. 1ª DITA:

- A guerra é uma necessidade, dizem, uma bela oportunidade para demonstrar que São Paulo não é covarde coletivamente, como alardeava um ministro revolucionário, que hoje deve estar boquiaberto. Que se guerreie, pois. O certo é que os políticos se uniram para fazer a guerra e chamaram justamente os moços que estavam por tudo, por São Paulo. Porém, não lhes deram armas. Só viam o Catete pela frente e adesões prometidas (político prometer a político!...), só isso eles viam. Eles que não estavam à altura de São Paulo, que nunca estiveram senão fugazmente, também desta vez escapam à altura da situação que criaram.

Os moços vão para a frente. Estão aqui. Vieram expontaneamente guerrear por São Paulo, nunca suicidar-se por ele, porque o suicídio se faria lá mesmo, na Capital, dentro da casa, no banheiro. Pobre São Paulo! Dia a dia é terreno a mais que se perde, apesar da luta dente a dente, palmo a palmo. Por São Paulo! Os políticos deviam afastar-se definitivamente de todo e qualquer lugar de proeminência. Eles comprometem a beleza do sacrifício da mocidade. A terminar a guerra favorável aos paulistas, vai ser um inferno para acertar em São Paulo qual a Mão que deverá agarrar o bocado em primeiro lugar. A Grande, a Pequena?

2ª DITA:

- Quando terminar a guerra, os soldados vão voltar para mandar um pouco.

1ª DITA:

- Vai ser o início da grande luta. Confio nos soldados, quero acreditar que eles estabelecerão um regime de honra, de...

2ª DITA:

- Eles estão de partida, os políticos.

1ª DITA:

- Passem bem, boa viagem. 2ª DITA:

- Passem bem, boa viagem.

Há uma frescura de desabafo que enche os pulmões. São os ares sulinos.[68]

O canhão 150 do Itaipú dispara, ao longe, e o estampido fere o espaço, o pobre espaço. Ameaças de chuva, um desastre para a tropa que na sua maior parte já não dispõe de lonas de barraca, perdidas umas, arrebentadas outras, algumas abandonadas. Desaba, à noitinha, o maior temporal apanhado pelo 14 e quiçá pelo Sul de São Paulo. Uma tempestade de água, raios e vento pela noite toda. Os capões são atravessados por uma série de pequenos rios enlameados, os quais em nada lembram as enxurradas de cidade. Um soldado, mais de um, tem o expediente de atravessar dois fuzis sobre um deles, improvisando uma ponte, "leito de campanha", segundo a expressão do construtor. O Batalhão, que não dorme ante a invasão da água suja, julga ouvir artilharia inimiga de mistura com descargas elétricas. Seguramente, até os elementos conspiram contra os paulistas. Raio ou canhão, o barulho é um só, porque único é o objetivo, os paulistas. E pragueja-se justamente.

Manhã sem chuva, mas encoberta e fria. O 14 tresnoitado e, de acordo com a opinião exata de um soldado, apodrecendo.

Apodrecendo é igual a: sujo, rasgado, molhado e cheirando.[69] É o 14 de Julho a 29 de Agosto de 1932. Nada de sol. Os soldados esperam pelo café, que melhorará a situação, impedindo, quem sabe, o desenvolvimento do reumatismo incipiente. Ademais, ainda há os arrepios de frio, prenúncio de uma pequena ou grande gripe. O caminhão da intendência aparece, barrento. O *chauffeur*, assustado, conta que o carro virou e com ele o café, tudo em uma derrapagem forte. Só sobrou pão, assim mesmo molhado, possivelmente sujo e, que de camaradagem, arranjou cinco queijos, cuja origem esconde. Os soldados reclamam café, "café quente", mas o *chauffeur* quer sossego, "ele que sofreu dores na queda".

Quantos são os soldados que baixam ao hospital de Capão Bonito,

---

[68] A atuação dos políticos na retaguarda e na direção da guerra não poderia ser analisada com detalhes neste livro narrativo. Os que se interessam pelos homens públicos paulistas devem ler o livro de Mattos Pimenta, que é um cidadão honrado e amigo de São Paulo. É fiel a sua narrativa sobre as misérias políticas que assistiu em São Paulo – 1932.

[69] "Sem que houvesse outro elemento para substituí-lo, cumpria ele ser conservado em linha, mesmo porque ainda nos era dado esperar que, no momento crítico, se produzisse uma galvanização nesses elementos cuja bravura agora eclipsada pela depressão orgânica ressurgiria mais tarde em manifestação surpreendente". ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 95).

reumáticos, febris? Uma Companhia quer descansar, trocar roupas em Capão ou Itapetininga. Descansar todos querem, todos precisam, mas o comandante Heliodoro pondera que o 14 é indispensável no momento; que o próprio Coronel Taborda cuidará de atender aos desejos do Batalhão, aliás, razoáveis, dentro de breves dias. Há muita tropa seguindo para Capão Bonito, para Itapetininga.

Corre com insistência que o inimigo vai bombardear aquela cidade. Onde teriam encontrado a notícia? Até à noitinha, nada de aviões, e o inimigo felizmente não dispõe de canhões de grande alcance. Estas salva, Capão!

Manhã, quando a artilharia se faz ouvir, surda, pesada, devastadora. Os canhões paulistas já haviam partido, iam acudir outras tropas, percorrer outras linhas. Os tiros são sobre o Destacamento Anchieta, no Paranapitanga. O 14 se refaz, descansa, joga poker e enxuga as roupas. E sabe que lutará em breve, pois o ar está carregado, há ambiente de guerra. E sonha acordado, olhando para o céu, com um avião derrubado por um tiro certeiro. O dia 31 amanhece com forte fuzilaria na retaguarda e para os lados do Paranapitanga. O caminhão do café não aparece, o que é mau signal.

A situação das tropas paulistas:

Sobre o Paranapitanga, o Destacamento Anchieta, composto de elementos do 6° B.C.P., Legião Negra e Batalhão Ribeiro, antigo Batalhão Arlindo. Quatro quilômetros atrás, o 14 de Julho "escalonado, em pontos dominantes, à esquerda da estrada Capão Bonito – Buri, na região de Fundão, de modo a proteger o flanco esquerdo e retaguarda da tropa do comando do Capitão Ribeiro, que fica em primeira linha".[70]

Graves acontecimentos na retaguarda: o inimigo, aproveitando-se de inexplicável recuo de um batalhão batizado com o nome de um bairro da Capital, havia conseguido incursionar um quilômetro atrás do P.C. do Destacamento, pelo flanco esquerdo. Pouco antes de alcançar a estrada de rodagem Capão Bonito – Buri e ter ultimado o objetivo, corte da retaguarda paulista, o inimigo encontra resistência organizada pelos comandantes do destacamento e do 14, (elementos esparsos e carro blindado) conseguindo mantê-lo à distância, apesar de não o desalojar de vez. O inimigo ali ficaria sem progredir, mas dominando a estrada, tornando-a intrasitável. Os leigos chamariam a situação de retaguarda "quase cortada". Sabe-se, de outro lado, que estão providenciando a construção (prodigiosa engenharia do Sul!) de uma estrada de emergência.[71]

Forte fuzilaria e bombardeio do lado Paranapitanga. Os canhões estão visando os paulistas com alça a zero. Serviço extraordinário de vigilância. Dois aviões, às 11 horas. Apesar de voarem em observação, não deixam de criar aborrecimentos aos paulistas. Repetem-se os cuidados e os

---

[70] Do Relatório do comandante Heliodoro ao comandante da Força Pública.

[71] Chegou a ser construída e por ela passaram os caminhões do Destacamento, à noite.

episódios de sempre: corridas para o mato, pedidos de silêncio, protestos contra os mais imprudentes.

Primeiro alarme: sinais de inimigo em uma elevação de colina. A tropa se espalha pelo campo em linha de atiradores, atrás de parcos cupins, procurando ainda proteção nos acidentes naturais do terreno.

Ainda não se combate. Os soldados se preocupam com o que lhes tem perturbado todos os sossegos, comida. Hoje ela não veio, e sim o inimigo, cuja presença foi assinalada ontem no flanco esquerdo por intermédio de grandes queimadas.

Às 15 horas, mais ou menos, vindos do Paranapitanga, aparecem alguns veículos em carreira vertiginosa. Cavalarianos em disparada também se mostram na estrada. Um deles, ofegante, comunica que a tropa está a retirar-se com dificuldades, acossada pela numerosa cavalaria inimiga.

“Se vocês virem cavalarianos por essas colinas, façam fogo sem piedade, para salvar a nossa tropa.”

Afinal, o grosso de soldados em retirada. Os do 14, em posição avançada, também se retraem.

Os primeiros retirantes tinham ateado fogo no mato próximo à estrada. Resultado: está causando dano aos mais atrasados, que protestam inutilmente em altos brados.

Um caboclo esbaforido conta que a cavalaria inimiga está passando grandes efetivos no flanco esquerdo. Maldito flanco esquerdo! Os paulistas vão ser envolvidos, se vão! Pela fumaça já o estão. Que venham os homens, agora! Procura-se fazer fogo de encontro, o qual não produz o efeito desejado. Que pensará o inimigo ante a profusão desordenada de queimadas? Que os paulistas o imitam erradamente? São labaredas que se sucedem alucinantes. Só há uma preocupação: queimar o máximo possível. Não há soldado que não procure, para o fogo, um pedacinho de árvore, um palmo de capim. É a hora-fogo; são 16h30. Como orientar-se com fogo e fumaça por todos os lados? Onde os paulistas e onde os contrários? As labaredas crescem nos lados, na frente, atrás, um quadrante vermelho, o Fundão em fogo.

Ao longe, no alto de uma colina, limpa de mato, entre um aberto na fumaça, uma lista negra azulada, são os ditatoriais em formação de ataque. Os assobios das balas, passando uma a uma pelo meio da tropa em retirada, atestam que o inimigo se aproxima cada vez mais.

Nas proximidades do P.C., o comandante Heliodoro a clamar com voz forte, dirigindo-se aos soldados do 14, e a lhes mostrar um caminho transversal à estrada. Do fluxo de gente em retirada, começa a pingar um ou outro soldado, que, imediatamente, toma o caminho indicado.

Duas trincheiras, ladeando a estrada. Na da esquerda o 14, na da direita o 6° B.C.P. Larga, alta e bem feita a trincheira do 14. Ela se estende pela orla de um capão de mato, no momento da ocupação atingida pelo fogo levado através o campo.

Vultos na estrada, a uma centena de metros. Os últimos retirantes ou

os primeiros inimigos? Apesar da dúvida e dos sinais que os vultos fazem com braços e lenços brancos, estalam os primeiros tiros, arrebenta com violência a fuzilaria do lado paulista. São inimigos! O Major Heliodoro percorre a trincheira aos gritos: "Passem fogo, passem fogo!". No Fundão se combate, no Fundão se mata o inimigo surpreendido e manhoso.

Julgando correr atrás dos retirantes até Capão Bonito e fazê-los prisioneiros, o inimigo vem esbarrar perplexo ante a inesperada resistência.[72]

"Quando na tarde desse mesmo dia 31, o Batalhão "Ribeiro" cede terreno ao inimigo, que também o atacara desde a manhã, com elementos muitas vezes superiores, obrigando-o a abandonar, debaixo de tenaz perseguição, as posições que ocupava. À custa de grandes esforços consegue fazer ocupar, pelos elementos de seu comando, as posições de segunda linha previamente organizadas. Esse esforço foi coroado do melhor êxito, pois o inimigo, que vinha perseguindo de perto a tropa retirante, teria conseguido a nossa completa derrota, se não tivesse os seus passos barrados, a curta distância, pelo fogo que abrimos das posições recentemente ocupadas, dando-lhe a impressão de que enfrentava tropa fresca e convenientemente aparelhada para a resistência, quando em verdade já estávamos com a munição quase esgotada e impossibilitados de receber reabastecimento, em vista de estarmos com a retaguarda cortada desde a manhã."[73]

Enchem-se as trincheiras de folhas e ramos cortados das árvores pelos tiros inimigos. O pipocar de balas de fuzil descalibrado, porém, impressiona muito mais porque embaraça o perceber de que lado partem os tiros. No Fundão se combate.

Uma ordem: "Calar baioneta e prestar muita atenção à frente das trincheiras". A segunda parte era dispensável. A fuzilaria continua com a baioneta na ponta do fuzil. Ferido gravemente um soldado do 14. Um outro tem o couro cabeludo riscado pelo projétil, que varou a saliência posterior do capacete. Dois ditatoriais avançam, um deles cai, o outro é poupado, à vista da expressão fisionômica que apresenta: "Pode levar o companheiro".

O inimigo repete os sinais de paz, lenços branços em penca. No flanco esquerdo, aproxima-se tanto da trincheira que parlamentares de um e outro lado estabelecem conversa. E por isso, só por isso, ordem de cessar fogo, com a recomendação da mais absoluta vigilância, cinco cartuchos no fuzil, baioneta calada, e "fogo contra os que se aproximarem". Os ouvidos paulistas estão repletos de narrativas de traições do inimigo, as quais costumam começar por disfarce semelhante. Muitos não querem cumprir a ordem, outros não a ouvem. A trincheira da direita, afastada que é do 14, ainda não sabe da cessação de fogo, e sustenta a fuzilaria. "Cessem o fogo,

---

[72] "Tão logo se sente atingido pelos tiros do inimigo, o "14 de Julho" ressurge, como era previsto pelo comando e, quando os elementos adversários postados em nosso flanco esquerdo iniciam a sua progressão desavisados da posição por ele ocupada, vêm cair justamente sob o fogo de suas metralhadoras, a menos de 100 metros de distância!... E, é um ceifar impiedoso". ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 98).

[73] Do Relatório do comandante Heliodoro ao comandante da Força Pública.

cessem o fogo", mas parece que os homens do 6° sentem cócegas no dedo, ao verem os vultos que no flanco esquerdo se aproximam e se afastam do 14.

Notícia de que elementos gaúchos procuram aderir aos paulistas.[74]

O ferido na cabeça, que já se restabelecera do susto, começa a dizer impropérios contra o capacete, e faz menção de esmurrá-lo. Acalma-se depois que alguém lhe lembra a preciosidade da relíquia.

Passa pela trincheira, em direção ao comando, um Tenente gaúcho, magro e pálido, ofegante de cansaço e de emoção, é levado pelo braço de um oficial da Força Pública: "Daqui por diante nos bateremos juntos pela causa da Constituição".[75]

De repente, quando três gaúchos, um de fundo, caminham em direção oposta às trincheiras, canta um F.M. Lançam-se os homens por terra, mas apenas dois se levantam. Segundos depois, um grupo se forma em torno do companheiro caído, com evidente desprezo para com a possibilidade de novos disparos, que se tornariam fáceis pela excelência do alvo. Os paulistas atiram contra os que querem quebrar tréguas e armistícios, nunca contra os condutores de feridos ou mortos. À vontade, gaúchos! Eles levam o companheiro.

Dura cerca de duas horas a confraternização com os gaúchos. Até fotografias são tiradas, algumas de pose. Camaradagem desconfiada. A tropa inimiga é composta de um corpo provisório de Palmeiras e de um batalhão pernambucano. Presentes recíprocos, pequenas miudezas, um e outro comestível. O convite para visitar o acampamento inimigo não é aceito, apesar das garantias oferecidas e a promessa de um garrafão de aguardente, "genuína", dizem.

Grandes baixas dos adversários: 13 mortos e numerosos feridos.

O *front* está em paz. Nada de novo no *front*. Não há soldados no *front*.

"*Nous ne sommes pas des soldats, nous, nous sommes des hommes*..."[76]

Um oficial gaúcho traz na cabeça um capacete de aço, evidentemente paulista. É paulista, nele está escrito o nome do proprietário, soldado do 14 aprisionado no "Alemão". O oficial conta que os prisioneiros do Batalhão, além de "inteligentes", são "agradáveis e até engraçados".

Conversa adaptável ao momento. Nada de assuntos de guerra. Não se diz mal de ninguém, e a palestra gira em torno dos campos do Sul Paulista e os do Rio Grande, sobre os carrapatos e a chuva da noite 28-29. Não é um oficial mal educado.

Há um grupo fazendo declarações de amor:

- Sentimos combater irmãos.

---

[74] Esse fato se confirmaria mais tarde. Um dos soldados do Batalhão, quando remetido prisioneiro para o Rio, soube em Faxina que 70 soldados e respectivos oficiais de um dos corpos riograndenses, sabendo-se em má situação frente à resistência inesperada, haviam levantado o lenço branco da parlamentação com o fito de aderir aos paulistas, o que não fizeram em virtude da trégua estabelecida.

[75] Parece que o oficial em questão voltou para o seu posto, terminado o armistício-trégua-adesão.

[76] Le Feu, Henri Barbusse, pág. 45.

- Ficamos tristes por combater irmãos.
- Esta guerra precisa acabar.
- Precisa acabar esta guerra.
- Os gaúchos são leais e valentes.
- Os paulistas são valentes e leais.

Os contrários já conhecem o 14, o “Batalhão de estudantes”, “Sabem lutar, mas levam desvantagens conosco, porque não conhecem o mato”.

Em outro grupo, depois de manter conversação com dois oficiais, gaúcho um e o outro pernambucano, um soldado conta que o 14 é composto na sua maior parte de médicos, bacharéis, engenheiros e estudantes, e que ele é médico. Os oficiais insistem, duvidando. “Médico, sim”. E disfarçadamente, no desenrolar da conversa, faz considerações clínicas, empregando termos da técnica médica. Os homens se convencem, é médico. O fato lhes causa tanta admiração que chegam a mudar o tom da conversa, já rebuscam frases, já existe um certo cerimonial no acender o cigarro.

Um soldado pernambucano se aproxima, arrogante:

- Mas então vocês, paulistas, querem brigar com o Brasil inteiro... Têm que apanhar mesmo...

Os oficiais mandam-no embora, com energia.

Pela frente da trincheira, acompanhado de alguns soldados paulistas, passa um oficial, o Major Reis, comandante do 3º Corpo Auxiliar.[77] O Major Benjamin Reis. Alto, com um chapelão de abas largas, longo pala gaúcha e charuto na mão direita, pisa com arrogância, olhando de soslaio as pontas dos sabres e os capacetes de aço.

Corre, pouco depois, uma nova versão sobre a trégua: os gaúchos não haviam aderido, pretendiam tão somente a rendição incondicional dos paulistas!... E pensar-se que o inimigo poderia ter caído sob o fogo paulista, de uma vez para sempre!...

Grave a situação. A tropa adversa, relativamente escassa em princípio, tem recebido reforços. O cerco em que procura manter os paulistas, contrasta violentamente com a palavra empenhada, de que ficaria nas posições primitivas. Lamentável compromisso! Mais cuidado para o futuro, soldado paulista! Nada de confiar em lenços brancos, nada de tréguas e parlamentações! Confia no teu fuzil somente, paulista, e só com ele parlamenta de futuro!

Ordem de retirada, que deverá ter início depois do escurecer, a fim de iludir a vigilância inimiga.

“Major Heliodoro.

A M.P. engasgou. Peço mandar com urgência uma caixa de acessórios completa. Tenente Álvaro Gordo.”

E, no mesmo papel, logo abaixo:

---

[77] Trazido ao acampamento e P.C., bem assim o Tenente Alvim (?), por um soldado do “14”, que fora ao acampamento inimigo durante a cessação do fogo.

“Às 18 horas, iniciou o retraimento dos homens, sem deixar coisa nenhuma, em direção à Fazenda do Candoca. Faça ligação conosco logo que sair no campo. Leve consigo o pessoal do Batalhão Pirassununga e do Braz, e avise o carro de assalto. 31/8/1932. Major Heliodoro”.

O que houve foi um armistício com o adversário, que devia durar até à manhã seguinte, quando se daria a rendição dos paulistas ou o reinício das hostilidades. À vista da situação, porém, (retaguarda cortada e forças inimigas em posições dominantes, estas conseguidas por uma esperteza que escapa às leis de guerra) nada mais restava ao comando, senão ordenar a retirada. Escurece.

Um ninho de metralhadora do 6° B.C.P., com um soldado decidido, “em condições de fazer fogo até o amanhecer...”

Quando o primeiro grupo de retirantes atinge a estrada, a fim de alcançar o que restava de terreno livre e menos visado pelo inimigo, aparece, alarmado, um oficial da Força. É que o Major Reis, contrariamente ao que se supunha, ainda não havia abandonado as posições paulistas, e, no momento, vinha do P.C. Estaria perdida a retirada, caso percebesse o movimento já iniciado.

Debaixo da queimada, para a Fazenda Candoca.

Marcha penosa, as botinas estão encharcadas e pesam lama. Alguns andam descalços e se arriscam a ter os pés rasgados, como ia acontecer. A tropa se divide em grupos, pois há dúvida sobre o rumo a seguir. Pequenas colunas iniciam o trajeto em linha que julgam reta, outras se desviam mais para o lado. Soldados, quase todos da Legião Negra, deixam-se ficar pelo caminho a espera de uma condução absurda, de uma fatalidade qualquer que os venha amparar absurdamente. O inimigo apanharia alguns, os mais fatalistas.

Se penosa era a marcha, a sede ainda a tornou maior e agora é um castigo. Soldados que se espalham pelo campo adormecem, só pela manhã continuariam a marcha. Ao meio dia, mais ou menos, reunião no Candoca, faltando os mais retardatários. Talvez que o cansaço lhes tenha impedido a caminhada, talvez que o inimigo...

“No sul, travou-se luta renhida na região de Fundão, terminando de maneira vantajosa para as tropas constitucionalistas”.[78]

Três aviões inimigos em observação.

Partida para o rio das Almas. Nem ao menos se passa por Capão Bonito, que está perdida, que vai ser entregue, que vai argumentar o patrimônio de conquista dos conquistadores. Pobre Capão Bonito, já não baterão pelos paulistas os sinos de tua igreja! Nem reconhecerias o Batalhão que te enfeitava outrora as ruas alegremente. Tú mesmo, que o conheceste moço, não haverias de querê-lo agora sem a mocidade, que ficou distante, lá

[78] Serviço de Publicidade de 02/9, 11 horas. O inimigo devia publicar um idêntico três dias antes.

para trás. O 14 te abandona ao destino das tuas irmãs, que também ficaram distantes, ele, que também possui um destino desconhecido, e a cujo encontro vai pressuroso... Pressuroso, o 14 vai combater por ti, por Buri, por São Paulo!

Rio das Almas, em cujas imediações o Batalhão se acampa. Aviões ao longe, os incansáveis. Comida, às 17 horas. É a hora da felicidade. Exaustos, os soldados se atiram pelo chão molhado, adormecendo desde logo. Mais uma noite dos justos.

Quase certa a ida para Itapetininga, onde o 14 ficaria de reserva. Depende da vinda de tropa para substituí-lo. Comida às 14 horas e um caminhão com correspondência, guloseimas e cigarros, estes para o lugar dos que se perderam com a "grande chuva". O Batalhão embarcará na manhã seguinte.

Novamente, três aviões inimigos. E todos tecem comentário sobre os aviões nacionais, que só sofrem pane quando a passeio, e, na guerra, de uma felicidade única.

- Já é perseguição, gritam.

O Major Heliodoro, comandante do 14, reune a tropa e lhe fala sobre o descanso prometido e em véspera de ser realizado. Que o Batalhão teria, em Itapetininga, um novo comandante.[79]

Saúda os comandados, parte. Os soldados estão certos de que há um ligeiro amargor nas palavras ouvidas. Por que fazer considerações sobre um pormenor da grande campanha? É indiscutível que o Major Heliodoro foi um bom comandante, tendo sabido enfrentar situações difíceis.

Itapetininga, à noite. Aquartelamento no Grupo Escolar junto à Escola Normal, onde está instalado o Q.G. do Setor. Vizinhos do Coronel Taborda!

Grandes coisas na manhã 4. O Capitão Alves Bastos, Chefe do Estado Maior do Setor, saúda o 14 em grande estilo e lhe apresenta o novo comandante, Aristides Leite Penteado.[80] O Major Penteado é paulista, de São Roque. Moço, a sua idade oscila 28-30 anos, agradável figura de militar. Ágil nos olhos, nas pernas. Atleta, antigo corredor de 100 metros rasos, contaria mais tarde, arrojo moço, senso amadurecido. Senso das oportunidades, dos momentos agudos. Um comandante de moços paulistas, eis o paulista Leite Penteado. Ele cumprimenta a tropa com largo gesto, e com surpresa geral, manda a primeira ordem, inédita para o Batalhão, limpar os fuzis. O comandante ainda não tem 30 anos.

---

[79] "Passa à disposição do Coronel Álvaro Martins, para servir no seu Estado Maior, o Major Heliodoro Tenório da Rocha Marques, que por este motivo deixa o comando do Batalhão "14 de Julho". Agradeço a este brilhante oficial os relevantes serviços que prestou no comando que acaba de deixar, certo de que continuará a agir com a mesma galhardia na importante missão que agora lhe é confiada. Em virtude da alteração acima no comando do Batalhão "14 de Julho", determino que assuma o comando do mesmo Batalhão o Sr. Major Aristides Leite Penteado". (Boletim do Q.G., nº 37, de 2 de Setembro).

[80] "Chamado a Itapetininga, a esse Batalhão foi dado repouso e armamento novo e, na máxima demonstração do que para ele merecia o "14 de Julho", deu-lhe o Coronel Taborda para comandante, aquele oficial que pelas repetidas provas de bravura e de bom senso, de competência e de calma, atraíra para si a simpatia e confiança gerais – o 1º Tenente do Exército Aristides Leite Penteado". ("Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 127).

Esses soldados sujos, enfeiando as ruas, pertencem ao 14 de Julho, o Batalhão de soldados andarilhos. Agora, trata de te limpar: vai haver cinema, fotografias. No cinema, “Navio Sinistro”, fita antiga, um dramalhão marítimo gênero forte, um galã que surra o navio todo. O baile será mais tarde (em Itapetininga há bailes). Um baile longo e permanente, começa durante o dia. Artes do M.M.D.C.

Revista matinal.

Missa dedicada a Alonso Camargo. A igreja repleta de flores, o 14 em peso, toda Itapetininga. Pela primeira vez, a cidade assiste a missa de 7º dia cantada por soldados. Hinos patrióticos-guerreiros, alguns mal resistem e se comovem. Pelo companheiro morto? Pelos que morreram? Pela mocidade que ficou distante? O órgão enche o ar de ritmos estranhos, dolentes. Marte se humaniza no 5 de Setembro católico.

Exercício com granadas de mão. Um comentário único: “Pobres inimigos!”.

Sem novidades de maior monta, e com uma série de irritantes revistas, passam-se as horas até alcançar a corneta que anuncia 7 de Setembro. Que Pedro I ainda é persona grata dos guerreiros. O 14 desfila em grande forma pela cidade. Aviões paulistas, em formação sobre o desfile. O Coronel Taborda está presente, montado, em revista à tropa. A montaria dispara assustada, e assustados ficam os soldados pela sorte do comandante do Setor. Bom cavaleiro, está de volta e sorri. Os soldados também sorriem, imprudentes. Um grande desfile. Onde está o Arco do Triunfo, para ser a Parada da Vitória?

Revista às 21 horas e a comunicação de que o 14 forneceria soldados para a Escola de Oficiais, em São Paulo. Grande honra, grandíssima honra. Os próprios soldados fazem a escolha, honradíssimos. Uma eleição-escolha de capazes e nada mais. Os eleitos estão recebendo abraços.[81]

Dia 8, depois da revista, baile oferecido pelo M.M.D.C., às 14 horas. Os soldados dançam, são gentis, dizem coisas gentis (que gentileza pode ter um soldado, ainda que dançarino?). Que a guerra é suave, um treino para a resistência física que muito aproveita, divertida em suma. As damas se decepcionam (elas que julgavam a guerra tão diferente), perdem tempo com mocinhos festeiros. Os soldados dizem as últimas palavras gentis, são 20 horas.

---

[81] Alfredo Colombo, Jayme Barroso e Luiz de Toledo (1ª Companhia); Antônio Dourado, Jorge Assumpção e Orlando Siqueira Tiani (2ª Companhia); Ernesto Weimberg, Francisco Dias Cesar e Milton Pinto Coelho (3ª Companhia).

Combate do Cerrado

Bem municiado pela farta distribuição de tiros, o 14 embarca para o *front,* às 22 horas do dia seguinte. Vai combater, pouco lhe importa o destino. É para a frente, para o *front,* para a trincheira.

"... *je vais m'abimer de nouveau dans la démence de la tranchée. La vie du dehors avec laquelle mon âme avait un peu repris contact pendant la période de repos, m'est redevenue lointaine. L'humanité lá-bas, aves ses peines et sés joies, ses actes et ses pensées, me parait étrangement fantômale. Le Christ eut-il cette vision Du monde, lorsqu'il remonta au ciel*?".[82]

Manhã, Capela dos Ferreiras, um pequeno arraial, meia dúzia de casebres, capela. Depois do café, viagem novamente. Agora, a tropa sabe que vai para a região denominada Cerrado.

"Havia para o extremo sul da nossa frente, nas lindes já do sertão que precede os alcantis agressivos da Paranapiacaba, uma larga extensão de terreno confuso onde, ao lado de banhados intransponíveis, desenvolviam-se os capoeirões traiçoeiros, em toda a largura compreendida entre o curso do Almas e do alto Paranapanema. Era o Cerrado."[83]

O Cerrado, com ameaça de chuva. Triste e fúnebre panorama, cheio de maus prognósticos. Terreno levemente ondulado em alguns pontos; em outros, pequenos morros cobertos de mata. Campos, samambaial, pinheiros, alagadiços, capões. Vegetação complexa, complicada. Uma série interminável de atalhos, um labirinto. Estrada para Capão Bonito, que é a cidade mais próxima, talvez uns oito quilômetros. E antes de Capão, em poder do inimigo, o rio das Almas. No meio do sertão paulista, levanta-se majestosa a Serraria do Americano, a única coisa a lembrar no Cerrado a civilização distante.

Que surpresas oferecerá o Cerrado para o Batalhão, pergunta-se, olhando o "panorama incompleto" (expressão civil-militar). Que surpresas? E cada soldado esconde para si os presentimentos de todo o batalhão. Chove fino, muito forte e frio.

O Destacamento, comandado pelo oficial da Força Pública, Capitão Sebastião Amaral, comissionado no posto de Tenente-Coronel, compõe-se do 14 de Julho, uma Companhia do 7° B.C.P., uma Companhia da Legião Negra (bombardas) e Esquadrão Amaral. Quanto poderá somar tudo, desfalcados como estão os efetivos? Mais de 400 homens? O Chefe é um soldado valoroso, bela figura de militar, com um hábito inveterado que

---

[82] Lettres d'Etudiants Allemands Tués a la Guerre, NRF, pág. 210.
[83] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 133.

sustentaria durante toda a campanha, ser o último nas retiradas. O seu P.C. está instalado nas imediações da Serraria, uma simples barraca de soldado. O 14 de Julho viu-o pela primeira vez em Faxina. No Fundão, ele examinou as trincheiras com grande interesse, corrigindo-lhes os defeitos, isto nos primeiros dias de Agosto. Como no Sul todos os soldados se conhecem, o Batalhão está à vontade sob o comando Amaral. E, mais que tudo, confia nele.

O rio das Almas oferece apreciável linha de resistência. As pontes que poderiam facilitar incursões inimigas estão destruídas. É preciso, pois, que o rio fique neutro, cada tropa combatente em uma das margens. Acontece que o inimigo conseguiu colocar elementos na margem direita do rio, a margem paulista, desde 9 de Setembro. "E desde então, sem o podermos recalcar, sentíamos à ilharga de nosso dispositivo a ameaça pungente desse aguilhão".[84] O comandante Amaral vinha se empenhando inutilmente para desalojar os intrusos.

Mal o Batalhão alcança as alturas de uma pequena elevação e já a artilharia o visa, carrancuda e pesada.

A tropa vai avançar, apoiada pelas bombardas, cujos homens estão retemperados pelas asperezas da campanha. Avanço, a 1ª Companhia pelo flanco esquerdo, a 2ª pelo da direita. A 3ª está guarnecendo posições do lado da Serraria e de reserva.

Avanço, tiros que parecem partir da retaguarda, uma esquisitice só explicada pelo mau conhecimento do terreno. O soldado está desorientado na natureza incompleta. O Batalhão vai tentar recalcar o inimigo para a outra margem, a margem dele.

"As condições em que o adversário havia lançado seus elementos para a margem direita do rio eram tecnicamente perfeitas. Sob a proteção de numerosas metralhadoras instaladas nas alturas da outra margem, favorecidos pela conformação do terreno, esses elementos zombariam dos esforços do 14 de Julho que, com as demais unidades do Destacamento, tudo fez para recalcá-los. Todavia eram eles ali detidos por algum tempo."[85] Sem resultados o avanço, pois a 2ª Companhia não consegue progredir ante o fogo de barragem das armas automáticas, que dominam vantajosamente toda a extensão palmilhada. Já elementos do 7°, cujas trincheiras eram contornadas pelos soldados do 14, haviam prevenido as patrulhas avançadas de uma séria resistência do inimigo, sendo que este se localizara nas imediações de uma trincheira abandonada por elementos paulistas, por insustentável. Acresce que o terreno longe está de favorecer uma arremetida semelhante à tentada pelo 14. Que remédio, senão voltar?

Escurece. As patrulhas de reconhecimento partem e voltam com bons informes. Comida às 21 horas, um gosto desagradável de feijão frio. O Batalhão dorme ao relento, chuva fina por cima e frio.

---

[84] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 133.
[85] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 128.

Pouco antes de meia noite, fuzilaria sobre as trincheiras do 7° até alcançar a manhã do dia 11.

Chove forte. Bombardeio ao longe, bem para a direita, talvez sobre o "Marcílio Franco", que faz parte do Destacamento mais próximo. Avião inimigo em observação. Com chuva! Uma patrulha original, pois é chefiada pelos comandantes Amaral e Penteado. Como as guerras estão mudadas! Comida às 13 horas, debaixo do aguaceiro.

Elementos do 14 vão reforçar uma trincheira do 7°, seriamente visada. As 1ª e 2ª Companhias estão acampadas. E sabem que, em breve, irão ocupar trincheiras no flanco esquerdo, o limite máximo de defesa do Destacamento.

Novo ataque dia 12. A 1ª Companhia segue o mesmo caminho da véspera. Fuzilaria com o inimigo próximo. O fito é impedir a reconstrução da ponte destruída pelo comandante Amaral, importunar o trabalho, martelar o inimigo, afastá-lo, se possível. Fuzilaria de lado a lado. Os soldados entram pelo charco, atiram meio atolados. Ataque mais para a direita, atiram de pé, de joelhos. Uma guerra de mato. A resistência das armas automáticas é inabalável, a 1ª Companhia volta sem conseguir o objetivo. Os soldados resmungam: "Mas fogo inesperado o inimigo ganhou".

A 2ª Companhia contorna as posições do 7° até alcançar o mato denso, no qual penetra. Vai enfrentar o inimigo de perto, de surpresa. A surpresa! O inimigo é atacado com vigor, está desorientado. Feliz 2ª Companhia! Consegue recalcar os contrários para a outra margem. A seguir reocupa a antiga trincheira do 7°. A posição é má. É abandonada. A tropa está de volta, vitoriosa.

Fuzilaria sobre o 7°. As trincheiras recebem tiros diretos de um "37" que, a julgar pelos pontos em que atira, está montado sobre um caminhão. Um pequeno canhão volante.

Durante a comida, às 14 horas, aviação inimiga. Novos aparelhos às 16 horas, perto de 30 bombas são lançadas. Devem ser das de 50 quilos, ufa! Um barulho infernal, a terra em tremores. Alguém faz a conta: "29 bombas". O "37" percorre as linhas novamente, dançando (com certeza) em cima do caminhão. Fuzilaria intensa durante a noite. O inimigo é farto em munição, e as armas automáticas, como sempre, insaciáveis.

A guerra primitiva em cena, fogo no mato fronteiro às posições paulistas. Já estava tardando. O fogo progride com calma. Por que pressa? De qualquer forma ele acabará com as árvores de São Paulo. Frio, fogo, estampidos, quase uma noite de São João!

Um prisioneiro inimigo pela manhã. Poucos feridos do 14 e sem gravidade.

Mais uma vez o "37" em cena, são 11 horas. Às 11h10, o canhão volante está 50 metros adiante; às 11h20 mais 50 metros e, às 11h30, outros 50. Ao meio dia, dá os últimos disparos. O caminhão deve estar cansado, pois andou 300 metros. Para o artilheiro deve ter sido um divertimento. Os entendidos em marcas de automóvel afirmam que o caminhão está

inutilizado pelos trancos do “37”. Se há outros para substituí-lo, ninguém sabe. As granadas arremessadas são de pequeno efeito, pelo menos auditivo, mas a massada consiste na surpresa dos tiros. “Pobre caminhão!”. Afinal, trata-se de uma frase curta e sem razão de ser.

- Avião, pessoal!

É um aparelho rápido e elegante. Onde teriam caído as bombas? Perto ou não, a terra treme da mesma forma. E os soldados que estão pregados a ela? Por força que também tremem. Seis bombas, seis explosões, seis tremores. Os números na guerra são infalíveis, possuem uma única sequência. As bombas lançadas são iguais às do dia 11. O voo agora é de observação.

Artilharia inimiga, o avião localizou os paulistas. Bombardeio e bombardeio. São canhões 75, o “37” está descansando.

Bombardeio e novidade para o dia chuvoso: capas impermeáveis. Inigualável retaguarda! O novo agasalho é curto, permite amplamente qualquer movimento. Lembra um tipo de capa romântica, uma noitada de estudantes em Coimbra, um galanteio e um madrigal. Todos com a mesma sucessão evocativa. Em resumo, um colapso romântico no Cerrado. Maldita artilharia!

Dia 14, a 2ª Companhia nas trincheiras, a 1ª acampada de reserva junta ao P.C. do Batalhão. Frio, tempo encoberto. Fogo no mato perto das trincheiras ocupadas pelo pessoal do 14. Artilharia, *shnapnels* e mais *shnapnels*.

O Major Penteado é de uma atividade surpreendente, confunde-se com os soldados e com eles combate. Quem o teria visto dormindo?

A 3ª Companhia, nas imediações da Serraria. Distante desta uns 12 quilômetros está Capuava, um arraial, uma venda, reduzidos moradores. Soldados da Companhia vão lá algumas vezes, a passeio, enriquecer o vendeiro. Um dia este não resiste, previne os fregueses de que o inimigo também costuma frequentar o lugar diariamente, sem horas marcadas, “para beber e fazer corrida de cavalos, corrida de raia”. Quando sonhaste com semelhante divertimento, arraial paulista?

15 de Setembro! Como chove dia 15! Ataque geral do Setor! Os paulistas vão atacar! O inimigo vai conhecer a ofensiva paulista, atenção! Uma demonstração de força, pessoal! A manhã 15, repleta de entusiasmo, de “*aux armes citoyens*!”. Às armas! Sus!

Todos de pé, são 5 horas. Às 6, comida. Uma farofa quente para ser guardada embrulhada em papel, em pano, solta na bissaca. Uma caneca grande cheia de farofa. Um soldado mais amigo faz a distribuição com um prato, rende mais. Comida às 6 da manhã! As instruções do Major Penteado mandam que a farofa seja poupada, “a jornada vai ser longa”. 6h30, a maior parte com a comida pela metade. Irresistível, uma quentura gordurosa pela manhã.

Dia 15, ataque geral do Setor Sul, o setor dos 100 quilômetros vai atacar. Que aconteça o menos possível para os paulistas. Atacar!?...

Ampliando a ideia anterior, prescreve o comandante do Setor, para um certo dia "D", uma demonstração ofensiva em toda a frente. Cada subsetor organizaria o seu golpe de mão particular, enquanto que no grupo de Destacamentos, com o emprego de toda reserva do Setor, faria uma operação destinada a desequilibrar o dispositivo adversário, já pronto a se lançar em ofensiva enérgica, rumo talvez a São Miguel Arcanjo, onde ainda não havíamos reunido meios tranquilizadores.

No mesmo dia, o adversário opulento em efetivos, armamento e munição deveria ver crepitarem a um só tempo, todas as armas de nossas tropas em cobertura através da sua centena de quilômetros de frente. Desde a região longínqua da Tapera até as cabeceiras do Almas, por toda a parte, nossos canhões, em reduzido número, entrariam em atividade e, em determinados pontos, tentativas mais profundas mostrariam ao adversário que, sabedores embora da abundância de seus recursos, não se receavam os paulistas do reencontro a peito descoberto, fora das trincheiras.

O dia "D" foi o de 15 de Setembro.[86]

7 horas, partida. Dizem que o ataque deverá durar até às 18 horas. Munição à vontade. Granadas de mão e lança-granadas.

- É hoje, gritam.

A 1ª Companhia avança, terá apoio das bombardas da Legião Negra. Um grupo de combate da 2ª Companhia é escalado para o serviço de patrulhamento. 50 cavalarianos, mais ou menos, para auxiliar a investida. Ordens especiais para a M.P.:

"Batalhão 14 de Julho. Setor Sul. Ordens de operações nº 1. Comt. Cia. Mts.

I - Deveis ter a vossa peça pronta para entrar em ação, logo.

II - Deveis auxiliar a progressão da 1ª Companhia, com os fogos das armas automáticas, batendo as alturas onde se encontra o inimigo.

III - Deveis ter cuidado com a proteção da nossa tropa e não a molestar com os tiros.

IV - Terá início o vosso fogo, desde que a 1ª Companhia entre em contato com o inimigo.

V - Deveis providenciar para que o fogo tenha eficácia, procurando neutralizar a ação do inimigo, e bem intenso.

VI - Junto à ponte do vale, onde estivemos acampados, estará o Posto Médico.

VII - Deverá agir no momento oportuno.

VIII - O avanço da 1ª Companhia irá iniciar às 6 horas.

IX - O nosso avanço terá a proteção da cavalaria Amaral, pelo flanco esquerdo.

X - O meu P.C. será no vale junto à ponte. Em

15/9/1932. A. Penteado. Maj. Com. Cmt."

---

[86] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 129.

O mesmo caminho, mais uma vez. Pela esquerda, depois para a direita, até alcançar as imediações da ponte destruída. As bombardas iniciam o ataque, procuram provocar o inimigo, localizar-lhe a posição. Fuzilaria de lado a lado, intensa. Péssimas as posições dos paulistas: parte no charco, sem um dedo de terra para proteger o nariz; parte no campo, nas mesmas condições. Nem todos os projéteis das bombardas explodem, e, colocadas as peças atrás dos soldados, quase que os alcançam. São muitas as armas automáticas inimigas em funcionamento. A M.P. do 14 crepita um "Zé Pereira" musical. Há um ritmo carnavalesco no Cerrado, tan-tan-tan, tan, tan-tan-tan.

Insustentável posição. Além disso, o inimigo não é avistado. Os tiros partem como saem do fuzil, sem alvo. Um nome para a situação: "guerra no escuro". Granadas de mão lançadas por um bocal colocado no fuzil. Uma delas consegue fazer calar uma M.P., segundo apuram os ouvidos de um sargento antigo combatente da guerra europeia. Se atingiu as posições inimigas, claro é que estas estão a pouca distância, pois as granadas arremessadas daquela maneira alcançam pouco mais de 100 metros.

A guerra é no escuro, a posição é insustentável. No escuro, pensam os soldados, os paulistas cairão em breve. Que o inimigo está entrincheirado não resta a menor dúvida. Como, pois, desalojá-lo com fuzis? Tentar um avanço pelo brejo lançando granadas? Coisa duvidosa. De êxito incerto, os paulistas poderão perder a metade dos seus homens. Depois, mesmo conseguido o objetivo, compensaria o sacrifício a conquista de uma posição que dificilmente poderia ser mantida?

A fuzilaria continua, intensa. O fogo da M.P. paulista cruza forçosamente com o do inimigo à curta distância dos soldados do 14. Muitos, em campo raso, sentem-se impossibilitados de levantar a cabeça do chão. Seriam atingidos pela arma companheira, cujo fogo é necessário no momento. Ou os soldados ou a M.P., porque ambos, ao mesmo tempo, não é possível.

Pouco antes das 10 horas o comandante da 1ª Companhia, João Garcia de Oliveira, ordena cessação de fogo e retraimento da tropa. Os soldados se apalpam meticulosamente: "Que felicidade!". De fato, estão todos ilesos. Um tiro próximo: um do 14, ao sentar-se, deixa disparar o revólver, que lhe atravessa uma das pernas.

No vale junto à ponte, o comandante Amaral interpela os soldados sobre o retraimento. "O ataque deve durar até a tarde". E estranha a ordem dada naquele sentido. O comandante Garcia responde que a posição é absolutamente insustentável, e só o milagre teria conseguido poupar a tropa. Que para não sacrificar os comandados, o que seria fatal, a durar mais tempo o ataque, ordenara o retraimento, estando disposto a voltar para a mesma posição, porém sem os soldados, cujo sacrifício considera desnecessário. Que a inferioridade de armamento, mais ainda que a má colocação dos atacantes, fora o que o impelira a ordenar a medida.

Artilharia para a direita. "É nossa!", gritam. Sim, é paulista. Contam-se

os tiros, 18.

O Batalhão espera novas ordens junto ao P.C. do 14. Chega o seu comandante. Cunhetes de munição, os soldados se municiam à vontade. Granadas de mão. À tardinha, para o ataque novamente, sob o comando do Major Penteado.

Antes de chegar às posições da manhã, uma M.P. inimiga, colocada depois do retraimento em situação vantajosa, a bater a estrada palmilhada. Nas mesmas posições, os soldados aguardam ordem de fogo.

"Em vão, lançamos na própria região do Cerrado esse 14 de Julho, que se atirava cada dia sobre o adversário protegido pela macega densa..."

Por toda uma semana, isto é, até o dia 16, é quase sozinho que o pequeno 14 de Julho, seguindo sem repouso esse comandante admirável que se lhe havia dado, luta para reduzir a cabeça de ponte existente. Ataca-a pela direita, volta para montar uma operação pela esquerda; escarniça-se em uma obstinação que não cança, mas que pouco consegue..."[87]

Escurece, o Major Penteado ordena o retraimento. O ataque tem prazo: até às 18 horas.

20 horas, e os últimos soldados chegam ao acampamento. O 3º pelotão da 1ª Companhia tivera um dia cheio, e só à noite conseguira sair das posições. Armando Pereira, promovido a Tenente e comissionado no posto de Capitão, é o novo comandante da 1ª Companhia.

Manhã, as trincheiras são visadas pela artilharia, que repete o "Alemão", dando tiros diretos. O eco é o mesmo de sempre: "Brutalidade". Pouco antes, as armas automáticas em grande atividade. Agora os canhões as substituem. Os fuzis paulistas fazem a guerra no Sul, guerreiam. Ao longe, avistado com binóculo, desusado movimento de tropa inimiga. Também são vistos uns 150 homens a conduzir cargueiros. Abastecimento?

Depois da comida, às 13h30, a 1ª Companhia vai reforçar as trincheiras da 2ª, "a pressão tem sido grande". Canhoneio e fuzilaria até a noite. Bum-bum-bum. Uma série de bum-bum do lado inimigo. Tac-tac-tac. Uma série de tac-tac do lado paulista. O fuzil contra o canhão. Noite fechada, algumas M.P. inimigas atiram sem cessar. Rigoroso serviço de sentinelas. As granadas de mão, à espera de que lhes chegue a vez, completam a vigilância.

Dia 17, com fuzilaria forte pela manhã. Já é sabido, pois muitas trincheiras o notaram, que o inimigo conseguiu atravessar durante a noite grandes efetivos para a margem direita do rio. Amanhã ainda avista os últimos cavalarianos em fila de um, longa fila.

"Efetivamente, desde o amanhecer de 17, já havia o inimigo atravessado o rio com todo o 8° Regimento de infantaria e um Regimento de Cavalaria Independente que, após violenta preparação de artilharia, tentam progredir sobre a Serraria do Americano."[88]

---

[87] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 134.
[88] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 136.

“De Itapetininga para São Paulo, General Klinger, nº 46, parte de fim de jornada.”

3° Grupo do destacamento Milton.

a) A linha de postos avançados foi restabelecida. b) O contra-ataque na região de Ponte de Campinas não pode ser executado. O inimigo atravessou, na noite de 16-17, a totalidade do 8° R.I., elementos da cavalaria, em um total de 700 homens na cabeça da ponte de Campinas. Depois de violenta preparação de artilharia, ele se lançou ao ataque que até a tarde não tinha conseguido progredir. Ele continua a atravessar unidades. Das 16 horas ele iniciou violento ataque contra as posições do 8° B.C.P. sem resultado também.

4º A aviação inimiga, na tarde de hoje (15h40), fez um reconhecimento sobre o rio das Almas que durou cerca de 2 horas. Bombardeou as nossas linhas e metralhou viaturas na estrada, inclusive duas ambulâncias da Cruz Vermelha.

5º Conclusão. O inimigo começou o movimento ofensivo pelo flanco sul; desde a tarde de hoje, ele movimentou muitas unidades direção à ponte de Campinas para... É possível continuar o ataque que foi detido hoje.[89]

O 2° pelotão da 3ª Companhia vai reforçar uma das trincheiras. Uma nova M.P. é colocada na linha de fogo.

Pouco antes de meio dia, canhões inimigos em cena. Brutais! O fogo das armas automáticas é de rara violência. As trincheiras paulistas estão bem localizadas; as menores ervinhas são cortadas, rente ao solo. Artilharia e artilharia. Quantas peças?

Fogo no mato, em direção às trincheiras paulistas.

O ataque inimigo é violento. Os canhões que o digam! Um quadro: artilharia, M.P., fogo no mato, granadas de mão (do lado paulista). Um escarcéu dos demônios! Desocupada uma trincheira inutilizada pela artilharia. Lauro Barros Penteado é atingido por um estilhaço de granada.[90] José Vasconcellos, “pagador de boia”, morre, atingido por um tiro, na mesma posição em que se encontrava, deitado debaixo do caminhão.

Aviação inimiga. Bombardeia e metralha. Mais de hora e meia de voo. Metralha.

Uma pequena trincheira à esquerda, a última da linha, e mais de observação que de combate, é abandonada pela meia dúzia de ocupantes, ante o número de cavalarianos, mais de 100.

As trincheiras são reforçadas, ampliadas, a fim de abrigar os soldados das que foram atingidas pelas queimadas e inutilizadas pela artilharia. Uma delas cedera a um projétil de 105, soterrando um soldado que, segundos após o desmoronamento, é dali retirado com vida.[91]

---

[89] Do “Diário de São Paulo”, de 20/9/1932.

[90] Morre pouco tempo depois.

[91] Horas depois voltava para combater.

Chove, um triste fim de tarde no Cerrado sangrento.

Serviço especial de vigilância, pois é esperado novo ataque, durante a noite. Sentinelas, de pé, na frente das trincheiras cerca de 10 metros, expondo-se ao fogo incessante das armas automáticas. Granadas de mão, nas mãos atentas. Tiros espaçados de artilharia. Fuzilaria até a manhã. Frio.

Penoso foi o combate da véspera. Além dos mortos e feridos, alguns prisioneiros. Penoso e desigual, mesmo assim conseguiram os paulistas evitar o avanço projetado, o que não impede, pensam os soldados, seja tentado outro hoje. O comandante Penteado, combatente como os seus subordinados, a estes dá instruções especiais, não há dúvida: o inimigo insistirá no ataque. A confiança que os paulistas depositam nas granadas de mão é um novo fator de ânimo e resistência. E o Major Penteado, não está ele junto aos soldados?

Às 5 da manhã, sapadores abrem trincheira em meia lua para 12 homens.

Aviso de que o inimigo iniciou o esperado ataque pela esquerda da linha. A postos! Intensa é a fuzilaria que se estabelece. Aviões inimigos que bombardeiam, são em número de três. Partem e são substituídos imediatamente por três novos aparelhos. Estes partem, novos três. Um revezamento.

Brutal aviação! E que insistência! Ordem de ter o material preparado para possível retraimento.

O bombardeio da aviação continua. Agora é a vez da artilharia (teria o inimigo montado fábrica de munição em Buri?). Chove. Comida às 13 horas. Chuva forte e artilharia.

"Ainda caberiam ao 14 de Julho, a esse magnífico esquadrão Amaral e à primeira companhia do 7º B.C.P. todas as penas do momento.

Pelas 14 horas combatia-se em toda a frente do grupo de Destacamentos em que, mesmo à direita, mal se mantinham nossos postos avançados para lá do rio.

As trincheiras do 14 de Julho são revolvidas pelas granadas de 105, mas seus ocupantes não arredam pé."[92]

De pé, "14 de Julho!".

O começo do fim, são 14h30. Luta DENTE A DENTE. O inimigo avança em massa, baioneta calada, o ataque. O Cerrado cheira a sangue, respira sangue, o SANGUE. As granadas de mão fazem a guerra, arrebentam no peito dos contrários, nas pernas... Confundem-se com os de dor os gritos de combate e incitamento. São todos iguais e assustam mais que a fuzilaria. Um inferno, o Cerrado. O inimigo, teimoso. Avança. Teimosas são as granadas de mão, que também avançam. Sangue: eis o resultado fatal do encontro dos dois avanços. O Cerrado, em 18 de Setembro, é igual a sangue. Os combatentes se orientam pelo cheiro morno, sangue. A guerra, corações da humanidade!

---

[92] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 136.

Gargalhadas com um acento sinistro na imensidão do campo de batalha: é o inimigo que conseguiu tomar uma trincheira, fazendo prisioneiros os seus ocupantes.

Quantos caem dos paulistas? Argemiro Alves Silvestre, Paulo Bifano Alves, Ari Carneiro Fernandes, Clineu Braga Magalhães. César Penna Ramos é retirado gravemente ferido da trincheira.[93]

Situação difícil! O inimigo se infiltrou pelas posições paulistas, algumas trincheiras estão envolvidas. Granadas em cena. Soldados ditatoriais investem com lenços brancos na ponta da baioneta. Granadas de mão para os lenços brancos. Os palavrões da guerra!... A loucura dos perigos eminentes!...

Uma frase pura no entrechoque brutal: "Por São Paulo..."

Muitos os prisioneiros do 14. Quantos feridos? Insustentável a linha. O inimigo domina algumas trincheiras, infiltrando-se cada vez mais. A tropa já não pode combatê-lo, pois ele está na frente, nos lados, e, em alguns pontos, atrás da linha. A retirada. As granadas de mão abrem caminho. As granadas...

"A sua consagração tem lugar, porém no combate do Cerrado onde os soldados do 14 de Julho apelam para elas ao se verem abordados pelos numerosos atacantes pertencentes ao 8° R.I. e 13º R.C.I."[94]

Ainda se combate. Elementos valorosos da Legião Negra atiram em cima de árvores; são os franco-atiradores. Um tiro, uma queda. Uma caçada humana, no Cerrado.

A retirada. Nas proximidades da Serraria, há tropa de Mato Grosso recentemente chegada ao Cerrado, em linha de atiradores em campo aberto. É a resistência, a proteção dos retirantes. Soldados do 14 escalados para o mesmo fim. A cavalaria Amaral está preparada para entrar em ação. O Major Penteado com elementos da 3ª Companhia. A última linha de resistência.

Chove. A tropa se encaminha para a Capela dos Ferreiras, distante cerca de 10 quilômetros. Os últimos soldados são visados pela artilharia inimiga, novamente em atividade. Que aspecto os soldados apresentam!...

3º Grupo do Destacamento Milton.

a) Fortemente atacados em toda a frente, no correr da jornada foi obrigado, em sua esquerda, a fazer um retraimento de cerca de dois quilômetros. Mantém as alturas em seu centro a retrair os postos avançados que se achavam a oeste do rio. Mantém as posições da direita.

b) O ataque inimigo partido da ponte de Campinas revestiu-se de particular violência. Incidiu sobre Amaral, onde o Batalhão 14 de Julho chegou a ser investido a baioneta.[95]

Uma das cenas do combate. É Remarque que está no Cerrado.

---

[93] Morria pouco tempo depois, já prisioneiro e cercado pelo inimigo.
[94] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 161.
[95] Do "Diário de São Paulo de 20/9.

Quatro soldados do 14, à procura de ligação com uma das trincheiras, encontram-se com um companheiro.

- Onde fica a nossa trincheira?

- ?

- Responda: onde fica?

- Fulano, estou preso.

E os soldados dão conta de um soldado ditatorial agigantado, baioneta calada. O chefe do pequeno grupo recebe a intimação de "entreguem-se". Como a deixar o fuzil no chão, tira o revólver da capa. Percebendo a manobra, o inimigo contra ele investe com um violento golpe de baioneta, que é amparado por uma das mãos. Atingido, o paulista cai de costas. Acompanhando o impulso do golpe, o inimigo perde o equilíbrio e cai sobre o corpo do adversário, que procura atingir novamente. Luta de morte, sob o céu triste. Quatro assistentes atônitos, inúteis, ante o imprevisto da cena. O inimigo procura alcançar o adversário que se defende com a mão ferida. A outra, a esquerda, dispara o revólver no ventre do contendor. Ouve-se um urro, e, a seguir, um sangue quente molha os lutadores. No golpe evitado, a baioneta se enterrara no chão. O inimigo ainda luta e quer agarrar e sabre na cinta do adversário. Novo tiro, porém no peito. Novos gorgolhões de sangue. Luta de morte. O inimigo é robusto, quer viver, lutar, afastar o revólver. Um dos assistentes, já senhor de si, visa o ditatorial nas nádegas, com o fuzil. Novo tiro de revólver, desta vez na cabeça. O tigre lutador está exangue e deixa-se cair ao lado do paulista exausto. Poucos minutos após a cena, o inimigo se dirige ao soldado do 14, "não queria matar, sou soldado paulista preso na Ribeira e obrigado a combater ao lado dos ditatoriais". O paulista se comove, pede perdão ao tigre lutador. "Atirei para não morrer", diz. Perdão, ainda repete. O ditatorial perdoa. Um cenário cheio de perdão no Cerrado sangrento. Vinte soldados inimigos que se aproximam. Alguns do 14 conseguem fugir, inclusive o lutador que ainda ouve as últimas palavras do adversário caído: "Estes paulistas são covardes. Não tenham medo deles, são todos crianças". O falso paulista, o tigre lutador, está sendo carregado.

Uma cena trágica e cômica.

Ao Cerrado, chegara com o Batalhão um soldado que logo se soube sofrer das faculdades mentais. De combatente passou a servir no corpo de saúde, onde teve fortes acessos de loucura, diante da artilharia ensurdecedora. E por isso foi amarrado em uma cadeira. Tendo a aviação avistado movimento nas imediaçães da casa, visou-a com bombas, o que motivou a saída, para o campo, dos seus moradores. E o louco? Ao ouvir os estampidos, consegue, ainda preso à cadeira, sair para fora, sem contudo distanciar-se da casa. É sentado que assiste ao lançamento das bombas quase a alcançá-lo. A sua cara conserva as mesmas expressões violentas. A cada bomba responde com um palavrão. Consegue desembaraçar as mãos, dirigindo-as injuriosamente aos aviões. Novas bombas, novos gestos. As

últimas arremessadas, e o louco a gesticular-se no mesmo lugar. “Não foi atingido”, verifica mais tarde um companheiro. E o louco: “Venci a aviação, venci...”

Na confusão do combate, um soldado que se aproxima das posições do 14.

- Vocês são do 12º?
- Não, e você?
- Eu sou do 13º.
- Então, renda-se. Aqui é o 14.

Falta muita gente, mortos, feridos. Prisioneiros, soldados que partiram para Gramadinho, para Itapetininga. Nunca uma manhã paulista foi tão cheia de ausentes, nunca.

O balanço da jornada cruel (quem teria a coragem de pronunciar certos nomes?) se faz mentalmente: 51 companheiros, entre mortos e prisioneiros, lá ficaram.[96] E o olhar procura descobrir, na distância, uma brecha pequenina que lhe permita ver, mais uma vez, o lugar onde o Batalhão se bateu junto, dente a dente, o lugar onde os que faltam ficaram, alguns até para sempre... O “panorama incompleto”, a natureza traiçoeira, o Cerrado maldito... E dos prisioneiros, quantos estarão de fato vivos? A só incerteza de sua sorte, de seu destino, faz crescer a angústia coletiva, imensa. Que o inimigo perdeu muito mais! Mais do dobro, cinco vezes mais, lá ficou estendido para sempre. Talvez que estejam sendo enterrados os que caíram debaixo das granadas de mão.[97] Olho por olho... Nem por isso a guerra tem fim, nem por isso os homens se humanizam, nem por isso. Olho por olho...

Aviões inimigos (que tem eles a ver com o luto alheio?) metralham o 14, sem resultado.

Tarde o café, muito tarde a comida.

Cinco aviões durante o dia, parecem paulistas. Bombardeio ao longe, são paulistas. Eles também vão interromper as lamentações do inimigo. Olho por olho... Pouco depois, aviões inimigos em direção de Gramadinho. Ouve-se o metralhar distante, é Gramadinho. Escuro. Uma noite em Capela dos Ferreiras, má noite.

---

[96] Quarenta e quatro é o número dos prisioneiros: Henrique Olavo Costa, Fontes Romeiro, João Penido Monteiro Salles, Antônio Cardoso de Almeida (fugiu da ilha), Carlos Virgílio Savoy, José Lemos Freitas, Jorge Coury, Júlio Bonfim Fontes, Gumercindo Pontes Alves, José Ribeiro de Miranda, Aulus Plautius Coelho Pereira, Raul Soares de Mello, Paulus Aulus Pompeia, Plínio Ribeiro da Silva, Thomaz Whately, Antônio Luciano Neto, Paulo de Mesquita, Octavio Junqueira Neto, Antônio Silveira Machado (fugiu da ilha), Renato Toledo, Tacito de Souza, Oscar Siqueira, Manoel José Monteiro de Barros Neto, Dagoberto Salles Filho, Alberto Guimarães, Renato Rios Castro, Henrique Pamplona Menezes Filho, Eder Acorsi, José de Paula Machado, Flávio Bittencourt, Osny Silveira, Manoel Gandara Mendes, Epaminondas Valle, José Nascimento, Alipio Chaves Nunes, Pacheco Júnior, José Carvalho, Luiz Leite, R. Mendes Gonçalves e Arnaldo Octavio Nebias. Os nomes dos restantes não puderam ser conhecidos pelo Autor e a Secretaria do Batalhão não os menciona nominalmente

[97] Trinta e cinco é o número de mortos, segundo afirmaram aos prisioneiros do “14”, em Capão Bonito.

Novos aparelhos inimigos sobre o 14, manhã.

Sabe-se que a tropa de Mato Grosso partiu para a frente e que o 14 a seguirá em breve. Mais uma vez, aviões inimigos. Passam alto, sem hostilizar a tropa, arre!

Partida do Batalhão às 15h30 para o Paranapanema, onde vai guarnecer dois pontos em trincheiras à beira do rio. À espera do inimigo. Este não aparece durante a noite. Cuida de outros misteres, se cuida!

Notícia de que o 14 embarca para Capela do Turvo. Para que? Ordem de deixar as trincheiras, e a uns três quilômetros atrás, acampamento em um capão de mato. Chegam caminhões à meia noite. Madrugada e Capela do Turvo, onde os soldados deixam fuzil e munição. Mais adiante, em Gramadinho, ficam as armas automáticas e respectiva munição.

Itapetininga, às 9 horas. No antigo quartel, Grupo Escolar, o 14 recebe um emissário do Coronel Taborda, que vem especial e exclusivamente dizer duas palavras em nome do comandante do Setor: “Bom dia”. Os soldados estão comentando os princípios da boa educação, que, de fato, um cumprimento matinal entra pelo corpo a dentro como os ares mais puros da manhã.

Vão passar a fita tirada dia 7, durante o desfile do 14. O Batalhão se instala no cinema, à hora marcada, 15. Chega o Major Penteado, os soldados *se* levantam em um só impulso e o saudam. “Penteado” é a palavra que enche o cinema itapetiningano. O Major julga tratar-se de um alarme, de um ataque, do inimigo que avança para matar mais soldados, conquistar mais terreno paulista. Considera-se no Cerrado, vai ordenar... Quando o espetáculo tem início com os últimos ecos da ovação, as últimas paredes ainda ressoam “Penteado”...

Revista às 17h e reunião às 20h, quando o 14 vem a saber do “embarque para São Paulo”, “para descansar e preencher os claros do Batalhão”. Para São Paulo?!... Mas então há combate em São Paulo?!...

- Não insistam, o Batalhão vai descansar.

O 14 embarca às 24h horas. E nunca se sentiu tão bem instalado na 2ª classe, a mesma que o levou para Itararé. Prestável, confortável, quase adorável a Estrada de Ferro Sorocabana.

- Boa viagem!, gritam ao longe soldados, seguramente invejosos do 14, boa viagem!

E São Paulo aí está, 8h30 do dia 22 de Setembro. Comovam-se à vontade, soldados paulistas do Batalhão 14 de Julho!

O Taquaral Abaixo

O Batalhão bisonho que o 14 de Julho partira para Itararé, inexperiente e descansado, revê São Paulo já considerado desde muito tropa regular, depois de 70 dias de campanha, onde tudo aconteceu, desde a dor de dentes até a queda da mocidade. Credenciais para pisar São Paulo: 70 dias de lutas dente a dente, uma longa série de mortos, feridos e prisioneiros, e, em cada corpo, uma lembrança, recordando o Sul paulista.

A volta do 18 anos! Ele corre para a casa, invade-a com beijos, incorpora-se de coração ao São Paulo-1932, à retaguarda-Mulher-paulista. Indaga-lhe pela saúde, pelo frio, pelo colega, amigo e irmão distante em outro setor. E, inexplicavelmente, sem que se lhe pergunte, conta que o companheiro, os companheiros morreram. E só, morreram.

E resolve percorrer a cidade, sondar-lhe o pensamento, conhecer aqueles que lhe ditam a guerra, aqueles que lhe ajudam na guerra. E se admira, e se espanta, e se orgulha. M.M.D.C, Escola Politécnica, a Mulher Paulista.

E lê os jornais, e a campanha que recolhe ouro confirma a verdade que lhe atormentava a cabeça no *front,* dolorosamente. Então o 18 anos sorri, porque sabe que a História mudará o nome “ouro” para “Campanha dos humildes”, na qual o funcionário público depositava o relógio, a aliança, quem sabe se o faqueiro que lhe coubera na pequena partilha dos bens paternos; na qual o pequeno escolar esvaziava o cofre, níquel por níquel; na qual as mães paulistas entregavam um pedaço da refeição diária; na qual, também, o texto bíblico da viúva pobre se repetia diariamente de um lado, e do outro se viam magnatas paulistas entregarem óbulos que mal lhes abalava o último bolso do colete. A fortuna paulista! A cidade dos homens-mil-contos! A História se comoverá, rindo do óbulo das viúvas.

O homem-mil-contos repete a cada instante, batendo nos ombros do 18 anos: “Lutar até a morte. São Paulo exige sacrifícios”.

O 18 anos, que sabe gargalhar, gargalha.

- Que São Paulo exige sacrifícios!... Outra coisa não fazem os soldados. Até o fim, até o sacrifício total? Lá irão todos. No entanto, que aproveitaria a São Paulo um sacrifício parcial.

- Defender a honra paulista é o dever de todos.

- Nada de frases mil-contos. A “honra paulista”... Deixa esta frase para os políticos, que até assopraram. A honra paulista foi conquistada no Túnel, em Buri, nas trincheiras de Eleutério. Lá ficaram, no monturo, no apaulado, no covão, os marcos humanos da honra paulista, enterrados sujos e magros, mais sujos que a terra que os cobriu piedosamente.

"*Si les messieus de chez nous que ne cessent de réclamer la lutte á outrance, voyaient ce qui se passe au front, dans quel état sont nos troupes, ils renonceraient á fabriquer leurs phrases. Je souhaiterais de voir ces gens-lá ici pendant quelques jours seulement*".[98]

- E não reclamaram, nada exigiram, limitaram-se a obedecer. E todos tiveram uma só palavra derradeira: "Por São Paulo". Um sacrifício total? Para ele, caminharão todos, que a linha traçada é essa. Mas depois tocará a tua vez e a dos políticos, porque o sacrifício tem que ser total, de morte, até o fim, até completar um fim de raça. Escuta, mil-contos: um fim de raça! Os últimos moços paulistas caindo de borco para sempre... E cairão com a mesma palavra derradeira, convença-te disso. Do teu lado, agora: os homens-mil-contos abrirão a bolsa, queimarão o cafezal. Matarão o gado, arrasarão a casa, o arranha-céu...

- ?...

- Um fim de raça exige um sacrifício total, um delírio coletivo, uma loucura absurda. Depois do absurdo, as mulheres e as crianças levarão para longe, bem longe da cidade cinza, a honra que o 18 anos (e tú também mil-contos) conquistaram para a História, só e exclusivamente para a História. E o capítulo se chamará "Emigração da Honra". E nunca São Paulo será tão grande. Ele só encherá a História. Então, mil-contos, estás disposto a acompanhar o 18 anos na arrancada final? Não? Pelo menos, abre a tua bolsa de vez! Ou Campanha dos Humildes ou Campanha de Ouro? Então, mil-contos?

Em todos os cantos, a mentira oficial, o descontrole convertido em bravatas pessoais e sacrifícios alheios. A guerra chegara a um ponto que já não comportava mais o engodo. São Paulo precisava de estar a par da sua verdadeira situação, deliberar sobre a guerra, dirigir-se a si próprio. Porque a política de hoje, que orienta São Paulo, é a mesma que o ludibriou a 23 de Maio, distribuindo entre si os lugares que ele, São Paulo, só ele conquistara na pequena epopeia popular. E então nem um só elemento "sem expressão política", mas "expressão povo" para representar o São Paulo – 23 de Maio. Se o movimento popular foi encampado pela política, encampada por ela também o foi a guerra, 40 dias depois. E, em Julho – 1932, o grande movimento sustentado e apoiado pelos moços (mas não insuflado e provocado por eles) é controlado pelo mesmo espírito que deles tirou as glórias do 23 de Maio. A situação é grave. São Paulo precisa de estar-lhe a par. Nada de política. Esta não cabe no momento, que é de guerra, que é paulista, que pertence à mocidade.

(Durante a batalha de Paris, "*sur l'Ourcq*", que decidiu o Marne:

- "*Ah! la politique! grogna Gallieni... Comment ose-t-elle ancore élever la voix dans um pareil moment*!"...).[99]

---

[98] Lettres d'Etudiants Allemands Tués a la Guerre, NRF, pág. 220.
[99] Les Carnets de Gallieni, pág. 76.

Onde está um Conselho Paulista de Guerra, composto exclusiva e totalmente de representantes de São Paulo? Mais do que nunca, ele se torna necessário para falar por São Paulo, para dirigir-lhe a guerra, enfim, para que a História (é preciso sempre pensar no futuro, na História que virá inexorável) não venha a considerar o movimento, que é de todos, privilégio da política que o encampou habilmente, ela que se julga a honra paulista ofendida, o São Paulo - 1932. Porque, se aos chefes de agora não falta "expressão política", à direção da guerra se exige uma "expressão paulista", coletiva, que seja o próprio São Paulo a dispor do seu destino.

- *L'État cest moi*, diz a mentira oficial em todos os cantos.

O 18 anos corre para a casa e, como os descobridores, violentamente a invade:

- Retaguarda, és mulher! Eureka!

Agora, o 18 anos espera a ordem de partida para o *front.*

24 de Setembro: dois bravos que rolam das alturas do céu santista, João Gomes Ribeiro Junior e Mário Machado Bittencourt. E, sublime inversão de princípios convencionais, nunca subiram tanto no voo derradeiro. Alcançaram a Glória. Lá estão, formando na mesma galeria imponderável dos que sabem cair, os dois moços que no Sul paulista se fizeram amigos e admirados do 14 de Julho. O batalhão conhece o trabalho da aviação no Setor, acompanhou-lhe o arrojo das arremetidas mais de uma vez, e mais de uma vez invejou-lhe o perigo a que se expunha nos ares sulinos, tão cheios de ódios e devastações. Que rico manancial de vidas forneceu o Sul à guerra insaciável! Quanto moço, quanta alegria, quanto ardor! Que pesado tributo para a mocidade! Cruel exigência no critério da escolha, Gomes Ribeiro e Machado! Que galeria mais bela poderia desejar São Paulo, enfeitada como está?

Um programa de festas: entrega de uma bandeira, irradiação especial etc. Rádio Record, dia 25. Discursos: General Isidoro, Major Leite Penteado, professor Alcântara Machado, soldados do 14, José Thomaz Sayão, Henrique Bastos Filho, Francisco Ribeiro da Silva, Paulo da Silva Gordo. Comovente mensagem dos pais de Lauro Penteado dirigida ao Batalhão.

Na manhã seguinte, missa na igreja Santa Cecília pelos mortos em combate. À tarde, entrega de uma bandeira brasileira, por iniciativa de um grupo de senhoras paulistas.[100]

15 horas, o 14 na Praça da República, muito povo. Chega o Governador do Estado, acompanhado dos Secretários. Discursos do Cônego Dr. Francisco Bastos. O mesmo orador novamente, em nome da madrinha

---

[100] Dd. Celina de Barros penteado, Albertina Gordo, Olga Ottoni de Rezende Barbosa, Genoveva Junqueira Neto, Vidoca de Carvalho Montenegro, Maria Júlia de Carvalho Barros, Branca Bastos Malta, Henriqueta Thompson, Marina de Toledo Piza, Maria Christina de Toledo Piza, Olímpia de Freitas Montenegro, Hermínia de Lara Toledo, Laurdes Fonseca, Antonietta Muniz de Souza, Cotinha Pereira Cesar, Yolanda M. de Barros, Maria Cecília Martins.

do Batalhão, Dr. Benedicto Montenegro. Ernani Coelho agradece, em nome do 14. Desfile, a seguir, pela cidade. Cheias as ruas, nunca São Paulo reuniu tanta moça assim. Cada olhar feminino é um soldado que tropeça, e o Batalhão segue aos trancos, encabulado.

Partida para o *front* dia 27, à noite. Dizem uns que para o norte, outros que para Campinas. O 14 chega a instalar-se na Estação da Luz. Para a Sorocabana é o mesmo sul que terá novamente o Batalhão. Artimanhas do Coronel Taborda.

Botafóra-boato: um General teria sido morto no vale do Paraíba; enterro às escondidas no Rio de Janeiro de uma alta patente; as colunas ditatoriais por um fio na zona Amparo – Campinas; o Rio Grande em poder dos gaúchos constitucionalistas...

Mais uma vez, a santa ingenuidade procura fazer "ambiente de partida", o que hoje não tem razão de ser. Parte quem quer e porque quer. Além do mais, seria um contrassenso tentar enganar os verdadeiros conhecedores da situação, os soldados. Estes são um termômetro da guerra: tomam, a qualquer momento e em qualquer situação, frente ao inimigo a temperatura exata das possibilidades recíprocas. Um recuo para o soldado é mais significativo que a mirífica chegada de um navio carregadinho de armamento. E um fuzil descalibrado define cabalmente uma situação, ante as armas automáticas inimigas. Qual o termômetro que resiste aos canhões dos contrários?

Às 23 horas, 2ª classe. São 193 soldados, bem reduzido está o 14.[101] Uma parte fica em São Paulo para seguir no dia seguinte, com as bombardas.[102]

Itapetininga, às 6h30, café à espera na estação. Uma hora depois, embarque em caminhões. Destino: Taquaral Abaixo.[103]

Só uma parte, porém, recebe fuzis, que não os há para todos. Armas escandalosamente descalibradas, com falta de peças, na maioria sem sabres. A 3ª Companhia e alguns soldados menos afortunados das outras duas embarcam para fazer a guerra... sem armas. E são somente 193 soldados.

Ligeira parada em São Miguel Arcanjo, que é pouco mais do que uma vila e, no momento, semi despovoada.

Uma estrada regular com destino a Taquaral Abaixo. Atravessa uma região belíssima (é o adjetivo mais extenso e verdadeiro do livro) já com as primeiras ondulações da Serra do Mar, cujas montanhas e florestas se percebem no último plano do horizonte, na direção sul. Volta e meia os caminhões afundam por vales de riachos escondidos no meio de árvores,

---

[101] Mais de 50 prisioneiros, 11 mortos, e uma longa série de feridos, doentes e estropiados. Muitos faltosos.

[102] Não chegou a embarcar devido os acontecimentos que já se desenrolavam no dia.

[103] "Desembarcou hoje nesta cidade, às 6h30, o Batalhão "14 de Julho", do comando do Sr. Major Aristides Leite Penteado, com procedência de São Paulo, tendo seguido para São Miguel Arcanjo". (Boletim do Q.G., nº 63, de 28/9).

transpõem pontilhões e sobem novamente, em ladeiras íngremes e pequenas. Bons ares. Muito pobre a zona. Onde a casa de caboclo, que seria a única habitação do lugar?

A esse Batalhão que percorrera todos os pontos do imenso campo de batalha em que se transformara a zona sul de São Paulo, faltava ainda conhecer esse canto longínquo onde se queimariam os últimos cartuchos da campanha!...

E o 14 de Julho chega para estabelecer uma situação difícil.[104]

Cerca das 16 horas, chegada. Reunião de casebres no alto de uma colina, em cuja frente se estende grande bacia até à colina seguinte, por detrás da qual estão as trincheiras paulistas, formando um semi círculo em torno de Taquaral. O 14 vai ficar no extremo esquerdo da linha. Mais para a esquerda, basta a Serra do Mar para deter o avanço inimigo. Para a direita, um espaço desguarnecido de seis quilômetros, depois do qual se encontra o destacamento mais próximo. O inimigo ocupa as posições perdidas pelo 4° R.I.

O 14 abre trincheiras, uma vez que a tropa substituída não providenciara a respeito, limitando-se a abrir uma única, pequena e rasa, depois do recuo. Trabalha, 14! Noite, pronto o serviço. Comentários sobre o 4° R.I., que foi encontrado pelo Batalhão, quando em caminho de Taquaral, carregando várias armas automáticas para a retaguarda. E o 14 sem armamento e cheio de inveja dos felizardos, qual!

Composição do Destacamento, comandado pelo Coronel Agnelo de Souza: 14 de Julho, uma Companhia do 10º B.C.R., uma outra do Batalhão Bandeirante e um esquadrão do 11° R.C.I. de Mato Grosso. Menos de 400 homens, informa um oficial, porquanto os três primeiros elementos estão bastante desfalcados.

Calmo o dia 29. Fuzilaria e bombardeio sobre o Destacamento da direita. Também em Taquaral há aviões inimigos. Os soldados sem armamento trabalham na estrada de rodagem, está muito esburacada.

Combate-se no dia seguinte. Os canhões visam as trincheiras paulistas, com o vigor de sempre. Que valem as bombardas (Batalhão Bandeirante), ante os tiros longos da artilharia? E os fuzis descalibrados? A luta é desigual, mas valorosa. O inimigo não pode manter ilusões, a luta é para disputar a terra palmo a palmo, dente a dente. Um fuzil sem o ferrolho é enterrado simbolicamente: “Vai dar sorte”.

À tarde, estoura como uma bomba de alta potência a notícia de que viera de São Paulo ordem para um armistício, para cessar fogo. Esquisito que o inimigo não tenha recebido ordem idêntica. Armistício incomum, porque a artilharia não quer saber dele.[105] Duas horas mais tarde, porém,

---

[104] “Palmo a Palmo”, Capitão Alves Bastos, pág. 140.

[105] “No correr de todos esses dias em que a atenção era atraída para os acontecimentos da região do Taquaral, havia relativa calma no restante da frente do Setor. Os entendimentos para a paz que se processaram a partir de 28 de Setembro tiveram o condão de provocar, da parte adversária, um recrudescimento extraordinário de atividade”. (“Palmo a Palmo”, Capitão Alves Bastos, pág. 144).

nova ordem para os paulistas: recomeçar o fogo. A artilharia trabalha durante a noite toda, um martelar constante, *shnapnels* a granel. Parece que a vila está sendo atingida.

Os jornais recebidos à noitinha, dando conta do armistício, nada informam de positivo. As conjecturas são disparatadas, todas cruéis, e muitos soldados não escondem o pensamento coletivo: "É o fim".

Uma trincheira do 14 percebe tropa inimiga a avançar, protegida pela vegetação de um brejo. Avança, está perto, quando recebe inesperada fuzilaria e granadas de mão, a seguir. Rechassada, não tentaria mais o ataque. Prontidão rigorosa, apesar do sucesso alcançado.

Bombardeio, o inimigo parece disposto a gastar toda a munição. Talvez que a julgue sem utilidade, no dia seguinte...

Longas queimadas: é o sangue índio avivado nos campos Sul, é o signal de guerra, de destruição.

Ainda bombardeio, manhã. Violenta é a fuzilaria. A queimada continua, grossas fumaçadas. Três prisioneiros com um F.M. Bela presa fez o 14! Os homens podem apenas dar preocupações, mas o F.M. é um presente do Céu.

Novidades: o Coronel Taborda seguiu com urgência para São Paulo;[106] o 14 de Julho teria sido requisitado para manter a ordem seriamente ameaçada na Capital e o 4° R.I. lá estaria em seu lugar. Coisas e mistérios da guerra.

Violento ataque ao meio dia. Uma trincheira do 14 cede à forte pressão. Inevitável: ocupada por 18 homens, dispunha de quatro fuzis em condições de tiro. Quatro fuzis! Com esse desastre, toda a frente é obrigada a recuar, reunindo-se a tropa na vila de Taquaral, perseguida durante o percurso pela metralhadora de um avião e pela fuzilaria cada vez mais próxima. Um canhão paulista, chegado como por encanto, faz calar as peças contrárias. Um alívio!

O inimigo se instala na colina com vista sobre a planície e a vila, varrendo a primeira com as armas automáticas. Frases que chegam aos ouvidos do 14:

- Paulista, não vá embora! Espere, que nós damos munição para você!

A injúria costumeira encontrava os fuzis imprestáveis sacudidos nervosamente nas mãos paulistas, que munição não faltava. Pobres fuzis, pobre São Paulo!

A uns 200 metros da vila, em campo limpo, uma linha composta de cerca de 30 homens do 10º B.C.R. faz frente ao inimigo, protegendo a organização do grosso da tropa, para a retirada. Um oficial, trilando um apito, comanda essa última e brava linha de resistência.

Durante o retraimento, um ferido e nove prisioneiros do 14.[107]

---

[106] "Por necessidade de serviço, deixo nesta data o comando desse Setor, passando-o ao Sr. Coronel Milton de Freitas Almeida". (Boletim do Q.G., nº 65, de 30/9).

[107] Jorge de Ulhoa Cintra, Edmundo Navajas, José Penteado Salles, Antônio Ghirlanda, Waldemar

Boas trincheiras quatro quilômetros atrás, dominando com vantagens a região fronteiriça, são ocupadas ao anoitecer. Como os soldados estão sujos!

Comentários no dia seguinte sobre os acontecimentos, sobre os fuzis. Um problema, os fuzis. O inimigo é avistado ao longe, pequenos pontos escuros, arrastando-se pela estrada, pelos campos. A alguns quilômetros de distância, fogueiras fazem um círculo muito extenso de fumaça, em torno dos paulistas.

À tarde, ordem para atirar o inimigo afoito, que também atira. Como o número de fuzis é reduzido, e cada soldado quer combater um pouco, as armas passam de mão em mão.

- Agora, é a minha vez.

A durar mais tempo, a luta no Sul terá de ser sustentada com pedradas, estilingues e fundas. Tal e qual a história de Davi e o gigante Golias. Quem venceria?

Os últimos tiros da campanha, 18 horas do dia 2 de Outubro.

"Muitas horas depois de comunicada às tropas as sombrias notícias do momento, combatia-se ainda! Como as vísceras de certos animais repletos de vitalidade, palpitava ainda no rincão distante de Taquaral Abaixo, o espírito de luta dessa mocidade estuante de brasilidade que, no 14 de Julho, deveria dar os últimos tiros da campanha."[108]

Os últimos tiros, 2 de Outubro...

As trincheiras ocupadas são as melhores das, até então, conhecidas do 14. Feitas por um corpo de sapadores, dispõem, quase todas, de um luxo ignorado pelo Batalhão: abrigo contra bombardeio, uma verdadeira sala subterrânea. É com pesar, portanto, que são recebidas as ordens de retraimento para Pilar.

Pequena parada em São Miguel Arcanjo, são 23 horas. Pilar, com os últimos caminhões de tropa chegando às 2h30 do dia 3.

Notícias vindas de São Paulo esclarecem um pouco mais a situação. Os boatos, fervilhando como sempre, já não dão margem às imaginações fantasistas que ainda esperavam pelo milagre de uma paz igual e humana, promovida pelo governo federal. É a rendição pura e simples e o desmoronamento completo dos ideais guerreiros paulistas. A rendição!... A única fórmula encontrada para resolver uma epopeia!...

3 de Outubro, mau dia, más notícias: os paulistas seriam obrigados a entregar-se às tropas ditatoriais, para fazer ato de submissão; o 14 não poderia seguir para São Paulo, e sim para Itapetininga; as tropas inimigas já haviam chegado a São Miguel Arcanjo e corriam em perseguição...

Sentinelas nas elevações mais próximas de Pilar. Isto significa que o comando não permite a aproximação dos contrários. Antes assim.

Dia mau, más notícias: o Coronel Milton fora ferido gravemente dias

---

Geraldine, Odair Lobo, Estanislau Biondi, Nilo Porto, Guerra.

[108] "Palmo a Palmo", Capitão Alves Bastos, pág. 156.

antes. Indisciplina de fim de guerra.[109] Ao passar por Gramadinho, certa vez, o 14 merecera do valoroso militar, que ali tinha o seu P.C., uma saudação cativante. Ele agitara o capacete tipo americano até a passagem do último caminhão de tropa. Pode parecer minúcia insignificante à primeira vista, mas o fato em si, para o soldado combatente, diz muito. É por isso que o Batalhão lamenta o acontecido, e há frases: “O amigo Coronel Milton...”.

A última retirada. Embarque em caminhões às 19 horas. Chove forte. Sorocaba, às 2 da madrugada, depois de acidentada viagem pela estrada enlameada. Caminhões que tombam, outros que atolam. Os soldados se transformam em tratores: “Nada para o inimigo”. Um caminhão da intendência capota, saindo ilesos os seus três passageiros. A viagem continua. Os caminhões, barro por todos os cantos, estão chegando a São Paulo espaçadamente, das 6 até às 12 horas, dia 4.

Cada veículo carrega um pedaço da grande campanha. É o que sobrou do Sul de São Paulo, do pobre São Paulo.

O 18 anos:
- Que triste paz!
O eco:
- TRIS-TE-PAZ...

[109] “Em vão se expunha diariamente às balas do adversário na inspeção infalível às posições mais arriscadas de sua tropa, para ir tombar gravemente ferido quase ao encerrar da luta, diante dos fuzis criminosos de um pelotão amotinado”. (“Palmo a Palmo”, Capitão Alves Bastos, pág. 79).

Palestra com o General

Conhecemo-nos do Sul, General. Muitas vezes o meu fuzil esteve frente à tropa que comandáveis. Não sinto remorso nisso. Pelo contrário, até me orgulho de ter pertencido a um batalhão que enfrentou número superior e considerável de soldados e armas de ponta a ponta, quero dizer, dos Itararés ao Taquaral Abaixo, que foi o teatro do último combate travado, a 2 de Outubro. Sinto orgulho, porque pertenci à resistência que conseguiu retardar o vosso avanço fácil até Buri, mas penoso nele e depois dele, por um espaço de tempo suficiente para gerar o que nós, paulistas, chamamos justamente, Epopeia.

Não fui levado para o *front* por ódio ao inimigo, que não conhecia, pois os movimentos nacionais se fazem à custa de adesões e, no caso, afirmava-se como certo que os Estados sulinos acompanhariam os paulistas. Segui por amor a São Paulo, que é a minha terra muito amada, povoada que tem sido pelos meus mais velhos durante séculos a fio, desde Jusepe de Camargo, que se casou com uma bisneta de Tibiriçá e, portanto, neta de João Ramalho, até o meu avô paterno, que morreu segurando o estilhaço de granada que lhe roubara o filho, 15 dias antes. Este se fora em consequência dos ferimentos recebidos no combate que o meu batalhão, que era também o dele, manteve com os vossos soldados nas imediações de Buri, no “Alemão”. E, curiosa coincidência, o bom velho, que morria longe da terra sempre estremecida e da qual só sairia pela imposição dos primeiros disparos da artilharia ditatorial, o Amparo, também percorrera, como soldado, o mesmo trecho de terra paulista ameaçada por Saraiva, em 1893. Um destino que se cumpre 39 anos depois, nada mais. Segui por amor a São Paulo, repito, por solidariedade aos moços da minha geração que partiam para a Guerra, e só depois de desencadeada a luta, de vez, percebi que em mim nascera um sentimento, até então desconhecido, e que me causou um grande mal-estar, qual o de ódio ao inimigo. Conjuguei mais de uma vez, e justamente, eu odeio, odiarei.

E fiz o máximo que o soldado pode fazer, atirar. Atirei o possível contra a vossa tropa e, certa ocasião, lembro-me bem, fui sustado no mister, para economizar munição. Acreditai, General, nesse momento rangi os dentes, em direção ao alvo poupado.

O espírito de economia que, por necessidade, presidiu sempre a guerra paulista, poupava, quem sabe, um soldado ditatorial. Quem teria ganho com a poupança, perguntei algumas vezes? Um momento houve, no Cerrado, foi a 15 de Setembro, que gritei alto aquilo que os meus tiros levavam para a frente, para a vossa tropa: “Por Alonso, que morreu por São

Paulo! Por Alonso!”.

A guerra, por mal dos meus pecados e azares, quase que me transformava a serenidade. Nos tempos de paz, todavia, sou homem educado, em condições de controlar os sentimentos adquiridos involuntariamente nos campos do sul.

E, por isso, afirmo a todo o mundo, serenamente, que nunca fui tão bom paulista como agora, retemperado como estou por tudo que aconteceu, pelas misérias a que venho assistindo desde os bancos acadêmicos. Vivi sempre orgulhoso de São Paulo e das suas figuras, dos homens do tempo dos meus antepassados e iguais a eles, os Fernão, os Raposos, os Amador Bueno. Até Julho – 1932, esses símbolos eram o que se costumava chamar de “paulistas autênticos”. E muitas outras figuras, do mesmo tamanho, completavam a galeria imortal.

Todas grandes, dignas, paulistas. Sempre a mesma a figura evocada: um misto sentimental de herói, de bandoleiro, de retidão e trabalho, o bandeirante. “Ah, os paulistas antigos, os bandeirantes!”. É a frase que encheu de sonoridades a História de São Paulo, no Império e na República. Nesta, porém, o espírito de São Paulo sofreu o colapso que ataca todas as coisas. O bandeirante!... À sua simples evocação, absurdos inúmeros se cometeram.

Era o parachoque dos desastres e iniciativas infelizes. Tudo contra São Paulo. “Sou um bandeirante, descendo dele, não posso desejar mal a minha terra”. A mesma coisa tentarão dizer ainda hoje os que se aproximaram do General, sem necessidade, gratuitamente, por uma cortesia esquisita que se chama atração do Poder. Porque, em São Paulo e no Brasil, muita gente sofre do romântico e expressivo fetichismo pelos homens do poder, pelos governos. Bem sei que o General conhece as três palavras mágicas: “Governo é Governo”.

O São Paulo de hoje, porém, o São Paulo *post*-1932 já não pensa com os velhos e os envelhecidos, os mesmos que, por terem nascido em São Paulo e alardeado durante a guerra “Tudo por São Paulo”, julgam mais uma vez que os seus atos e atitudes imprudentes encontrem anteparo na velha fórmula dos tempos republicanos. “Descendo dos bandeirantes”, dirão. E o que há de moço em São Paulo: “Pobres antepassados!”.

Não dividais, General, uma parcela sequer de São Paulo nessas fraquezas miseráveis. Já que não conheceis São Paulo e somente alguns dos seus homens da hora, é possível que, na intimidade, vos ponhais a rir dos pseudos-paulistas e deles vos precavenhais “*á la diable*”, não os tomando a sério. Sei que os recebeis e tolerais por altos motivos. Porque seria falta de tática militar afastar os aproximadores dos mais fortes.

Não vos iludais, General, com os que vos cercam pressurosos, ou, pelo menos, não façais a São Paulo a injúria de os tomardes por paulistas. Será o maior benefício prestado pelo General a esta pobre terra. De uma coisa não vos podereis queixar-vos, da hospitalidade paulista. Ela sempre foi pródiga. Que o diga a recepção (alguns maldosamente julgaram tratar-se de

homenagem disfarçada) recebida pelo General em um dos mais altos cenáculos paulistas.

Se não contáveis com ela, muito menos os paulistas, aliás sempre hospitaleiros. E que espanto não vos causaria uma outra prestada em uma casa cheia de luto, onde um quadro fixa um moço que morreu por São Paulo, deixando para sempre o nome ilustre e igual ao do bandeirante que seguira na Glória? E que espanto para os paulistas, General! Queixar-vos da hospitalidade paulista, nunca o podereis fazer. Os paulistas podem queixar-se dela, mas só eles.

Depois do movimento de Julho, nada mais restava a São Paulo senão calar-se, como se calou, com a dignidade conquistada pelos que morreram. E sonhar, não com os velhos bandeirantes "desprestigiados" pelos maus paulistas, e sim com as novas figuras que encarnam o São Paulo de hoje, as daqueles que se fizeram matar por um intenso apego à terra querida. Porque, com estes ou à sua sombra, não haverá quem ouse comprometer São Paulo, sob pena de merecer as maldições das desoladas mães paulistas, que são muitas.

Ademais, os motivos que levaram São Paulo a levantar-se em massa, sem ódios e rancores, ainda estão de pé, e não os ignorais: São Paulo, São Paulo, São Paulo. A paz de Brest Litowsky não os solucionou. Vós próprio não os podereis resolver, que eles são íntimos, fazem doer o coração. Quem sabe se o tempo... Sim, o tempo liquidará o assunto de vez. Até lá, os moços que combateram saberão zelar pela dignidade conquistada para a sua terra, pelo patrimônio que custou sangue e que deixarão para os vindouros, como o mais brilhante troféu de honra da História paulista.

Em resumo: Quereis conhecer o espírito paulista *post*-1932, um São Paulo amplo, puro, cheio de sacrifícios? Nada mais fácil. Procurai, ou melhor, escolhei dentre os que se foram, neste ou naquele batalhão, um soldado paulista qualquer. No 14 de Julho, que conheceis tão bem lá do Sul, existem muitos nomes.

Podereis escolher um deles, com os olhos fechados. O preto Vasconcellos, que morreu, como vivera, humildemente? O pequeno Cesar? O Hermes, que caiu nas calçadas paulistas? O Alonso? O Seppi, o Ari, o Bifano, o José Maria, o Argemiro, o Clineu, o Lauro, o Rubens?... "Qualquer deles, General. Escolhei! E só então ficareis conhecendo exatamente o São Paulo que tem mais de 400 anos de História e, só no 14 de Julho, 12 símbolos puros da sua grandeza. Escolhei!".

Fotografias e Mapas

Il n'est pas probable que nous soyons battus, mais nous pourrons perdre tout notre sang.

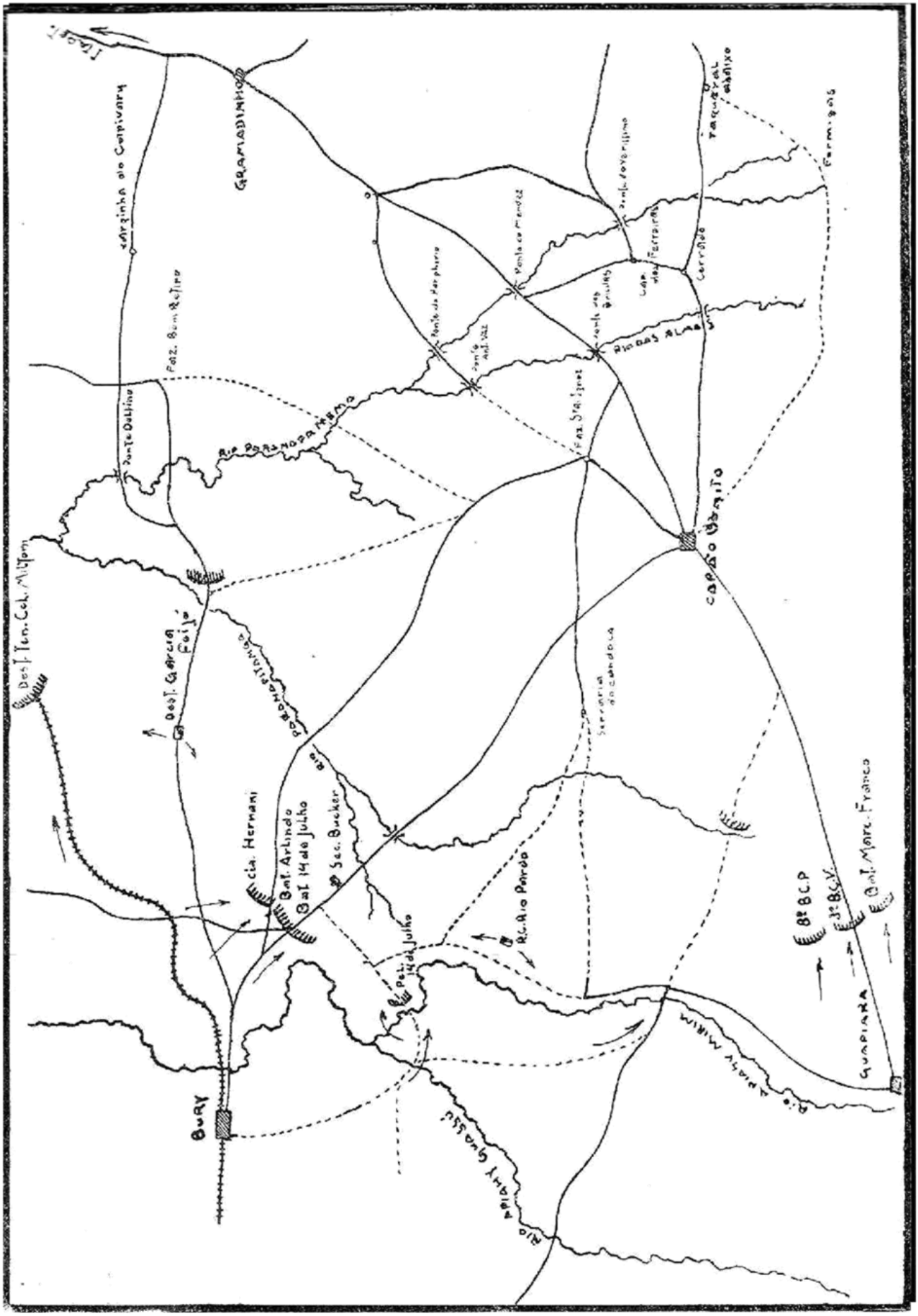
Lettres d'Etudiants Allemands
Tués à la Guerre, N.R.F., p. 98.

O encontro com tropas gaúchas no Fundão em 31 de Agosto

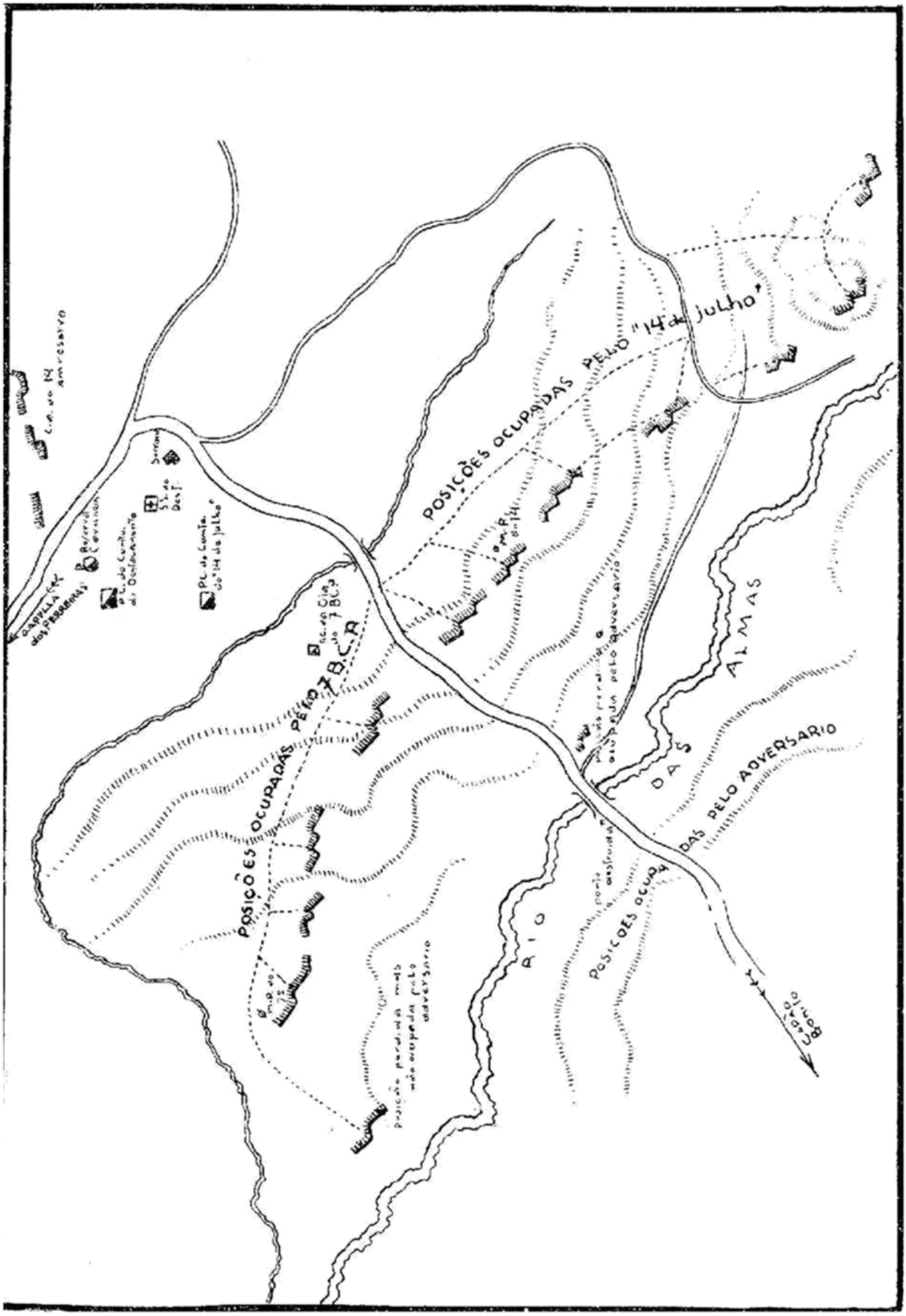
O encontro com tropas gaúchas no Fundão em 31 de Agosto

O encontro com tropas gaúchas no Fundão em 31 de Agosto.

Batalhão 14 de Julho em Taquaral Abaixo. 2 de Outubro de 1932.
Aqui se deram os últimos tiros da campanha.



A linha de defesa do Paranapanema em 6 de Agosto.



18 de Setembro. O Cerrado.

EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA DO SETOR SUL

Quartel General em Itapetininga/SP

BATALHÃO 14 DE JULHO

Efetivo: 636 integrantes

Comandante do Batalhão	Período de Comando
Major MÁRIO RANGEL	14 de Julho a 16 de Julho de 1932
Major JOSÉ GARCIA	16 de Julho a 1º de Agosto de 1932
Capitão CANDIDO BRAVO	1º de Agosto a 14 de Agosto de 1932
Major HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES	14 de Agosto a 2 de Setembro de 1932
Major ARISTIDES LEITE PENTEADO	2 de Setembro a 2 de Outubro de 1932

Capitães

2 voluntários

MIGUEL COUTINHO

URBANO JOÃO DE AGUIAR

1º Tenentes

6 voluntários

ÁLVARO PAULA CAMPOS
CARLOS DE ARRUDA BOTELHO
FRANCISCO ROMEIRO SOBRINHO
HENRIQUE FAGUNDES NETO
MARCELLO LACERDA SOARES
WLADIMIR AMARAL (Médico)

2º Tenentes

27 voluntários

AFFONSO CIPULLO NETO
ALFREDO COLOMBO
ÁLVARO DA SILVA GORDO
ÂNGELO BERNADELLI
ANTÔNIO DOURADO
ATALIBA DUARTE
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA
COLOMBO ALMEIDA
ERNESTO W. E. IMBERG
FLÁVIO DE ARAÚJO
FRANCISCO QUARTIER
GENTIL FERRAZ
GURMECINDO MARIANO
JAYME BARROSO
JOÃO TIBIRIÇÁ
JOÃO URBANO DE AGUIAR
JORGE ASSUMPÇÃO
JOSÉ A. DE TOLEDO FILHO
JOSÉ MARIA DE AZEVEDO
JOSÉ WHATELY
LUIZ TOLEDO
MILTON BRESSANE
MILTON PINTO COELHO
NAPOLEÃO JOSÉ LEITE
NAUL ROCHA FIUZA
ORLANO SIQUEIRA TIANI
RUY MENDES DE OLIVEIRA

Assistência Religiosa

2 voluntários

Padre FRANCISCO NINO PASSOS

Cônego ALBERTO BACELE

Soldados, Cabos e Sargentos

598 voluntários

A. AROUCHE TOLEDO
A. DE BARROS MOTTA
ACÁCIO FERNANDO
ADALBERTO GARCIA FILHO
ADAUCTO MARTINEZ
ADHEMAR MARTINEZ
ADHEMAR RIBEIRO
ADOLPHO MELLO JÚNIOR
AFFONSO CELSO GARCIA SOBRINHO
AGNALDO AUGUSTO PINTO
AGOSTINHO OLIVEIRA
AJASCIO MAIA COUTINHO
ALBERTO ARANTES
ALBERTO GUIMARÃES
ALBERTO PORTUGAL GOMES
ALBERTO ROSSI
ALBERTO SILVA AZEVEDO
ALCESTE SCHROECKER
ALCEU NASCIMENTO
ALCIDES DUARTE GOMES SILVA
ALDO DE AGUIAR
ALDO CÁSSIO V. FERNANDES
ALDO HERNANDEZ
ALDO LODI
ALEXANDRE BARBOUX
ALEXANDRE J. MIRANDA
ALFREDO LAZARESCHI
ALFREDO MONTEIRO DA SILVA
ALFREDO PACHECO JÚNIOR
ALÍPIO CHAVES NUNES
ALMIRO ESTEVES
ALONSO FERREIRA DE CAMARGO
ALUÍZIO R. MENDONÇA
ÁLVARO ARMBRUST
ÁLVARO RUDGE
ALVINAR CASTRO COTTI
ANANIAS RIBERO
ANDRÉ SANTOS
ÂNGELO MATHEUS
ÂNGELO ROSSI
ANSELMO RORELLI
ANTENOR FRANCISCO
ANTÔNIO ALGODOAL SAMPAIO
ANTÔNIO DE ALMEIDA FILHO
ANTÔNIO AZEVEDO
ANTÔNIO C.CASTRO
ANTÔNIO DE CAMARGO
ANTÔNIO CARDONA
ANTÔNIO CARDOSO DE ALMEIDA
JORGE TIBIRIÇA
JOSÉ ALOIZIO B. DA FONSECA
JOSÉ DE ALMEIDA CAMARGO
JOSÉ ALTEN FELDER JÚNIOR
JOSÉ ALBIN
JOSÉ ANTÔNIO CANUTO
JOSÉ ANTÔNIO CARUSO
JOSÉ ANTÔNIO MATTOS
JOSÉ ARMANDO TELLES
JOSÉ DE ASSIS PACHECO
JOSÉ BARBOSA PASSOS
JOSÉ BARCELLOS
JOSÉ BARROS AMARAL
JOSÉ BARROS DE CAMARGO
JOSÉ BENEDICTO DOS SANTOS
JOSÉ BENTO PEREIRA DE SOUZA
JOSÉ BONIFÁCIO C. SAMPAIO
JOSÉ BORGES VIEIRA
JOSÉ CARLOS AUGUSTO AMARAL
JOSÉ CARVALHO
JOSÉ DE CASTILHO
JOSÉ CHRISTINO DE MELLO
JOSÉ COLLAÇO DE CARVALHO VERAS
JOSÉ COSTA PINTO
JOSÉ DAVID FONSECA
JOSÉ DAVID JORGE
JOSÉ DOURADO
JOSÉ DIAS SILVEIRA
JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA BARROS
JOSÉ EUGÊNIO REZENDO
JOSÉ F. SANTOS
JOSÉ FERNANDES MORENO
JOSÉ FERRAZ
JOSÉ FLEURY SILVEIRA
JOSÉ GARCIA BARBOSA
JOSÉ GODOY
JOSÉ GUILHERME WHITAKER
JOSÉ IGNÁCIO LOBO
JOSÉ JERONYMO VASCONCELOS
JOSÉ JUNQUEIRA FRANCO
JOSÉ LEMOS FREITAS
JOSÉ LORIGGIO
JOSÉ M. B. MELLO
JOSÉ MARIO REIS
JOSÉ MATHEUS
JOSÉ MENDONÇA BARROS
JOSÉ MENDES
JOSÉ DE MORAES
JOSÉ MOYSES DEAB

ANTÔNIO CARLOS CAMPOS SALLES
ANTÔNIO CARLOS CRESPO DE CASTRO
ANTÔNIO CARVALHO
ANTÔNIO ELEUTÉRIO
ANTÔNIO GHIRLANDO
ANTÔNIO GONÇALVES
ANTÔNIO LAFALDE
ANTÔNIO LUCIANO NETO
ANTÔNIO LUTÉRIO
ANTÔNIO M. DE OLIVEIRA
ANTÔNIO MENDONÇA BARROS
ANTÔNIO MERCADO JÚNIOR
ANTÔNIO SALLES
ANTÔNIO SILVEIRA MACHADO
ANTÔNIO VAMPRÉ
ANAUAR CURI
AQUINO RODRIGUES
ARALDO PENNA RAMOS
ARGEMIRO ALVES SILVESTRE
ARISTEU MARCONDES MOURA
ARMANDO MENDONÇA
ARMANDO NOSCHESE
ARMANDO PEREIRA
ARMANDO RIOS
ARMANDO ZENESSE
ARNALDO AZEVEDO SILVA
ARNALDO OCTÁVIO NEBIAS
ARNALDO PEDROSO
ARNALDO SERRONI
ARNALDO ZENESI
ARTHUR GRECCO
ARI CARNEIRO FERNANES
ARY N. CASTRO
ATALIBA DE SOUZA PINTO
ATUGASMIN MÉDICI FILHO
AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ
AURELIANO C. NASCIMENTO
AURÉLIO ESTIEVAM
AUREO DE ALMEIDA CAMARGO
AULUS PLAUTUS COELHO PEREIRA
AZOR MONTENEGRO

BATHOLOMEU BUENO DE MIRANDA
BENEDICTO DE ALMEIDA SANTOS
BENEDICTO CORREA SAMPAIO
BENEDICTO MARCONES
BENEDICTO U. ALVARENGA
BENJAMIN SOARES
BENTO J. CARVALHO JÚNIOR
BENTO LUIZ DE Q. TELLES
BERNARDO F. VIANNA
BERNARDO MEYER JÚNIOR
BIANOR JOSÉ CAMPOS

JOSÉ NASCIMENTO
JOSÉ NORBERTO FONSECA JUNIOR
JOSÉ PAIVA DUTRA
JOSÉ PAULA MACHADO
JOSÉ E PAULA CRUZ
JOSÉ PENTEADO SALLES
JOSÉ PESTANA FILHO
JOSÉ PIMENTEL PINTO
JOSÉ PIRAJA
JOSÉ RIBEIRO MIRANDA
JOSÉ RIOS CASTRO
JOSÉ RODRIGUES ARRUDA
JOSÉ RODRIGUES SILVA
JOSÉ SOUZA PIRAJÁ
JOSÉ TAVARES LIBANIO
JOSÉ THOMAZ SAYÃO
JOSÉ VIRGÍLIO RAMOS
JOSÉ VITA JÚNIOR
JÚLIO BONFIN PONTES
JÚLIO PRADO LACRETA
JÚLIO SANTORO
JUSTINO FREITAS JÚNIOR
JUVÊNCIO BERNARDELLI

L. PIRES FERRAS
LAURINDO MINHOTO JÚNIOR
LAURO BEZERRA
LAURO AMARAL CAMPOS
LAURO CERQUEIRA CÉSAR
LAURO BARROS PENTEADO
LICIO MARCONDES AMARAL
LINCOLN LONER
LIVIO COSTA ANDRADE
LUCIANO NOGUEIRA FILHO
LÚCIO CASANOVA
LUIZ ÁVILA MACEDO
LUIZ DE CAMPOS
LUIZ CARLO B. JUNIOR
LUIZ DIAS DA SILVA
LUIZ E. BARRETO
LUIZ E. RIBEIRO MENDONÇA
LUIZ FERREIRA GOES
LUIZ FONTES ROMEIRO
LUIZ FRANCO E ABREU
LUIZ LEITE
LUIZ DE LORENZI
LUIZ MORATO PROENÇA
LUIZ NOGUEIRA FILHO
LUIZ PRESTES CÉSAR
LUIZ R. MENDONÇA
LUIZ SALES
LUIZ SODRÉ
LUIZ DE SOUZA

BRUNO MELLO TEIXEIRA

C. RIOS DE CASTRO
CAIO DE ALMEIDA
CAIO CARNEIRO
CAIO RIBEIRO DE MORAES E SILVA
CÂNDIDO PAES DE BARROS
CARLOS ADHEMAR DE CAMPOS
CARLOS DE ARAÚJO
CARLOS AUGUSTO DE SOUZA JORDÃO
CARLOS DE CAMPOS PAGLIUCHI
CARLOS CAMARGO
CARLOS EDUARDO DE CAMPOS
CARLOS LARA CAMPOS
CARLOS ROMEO
CARLOS VIRGÍLIO SAVOY
CAROLINO A. AMARAL
CAMILLO QUEIROZ MORAES
CASIMIRO P. NETO
CASSIANO MARCONDES RANGEL
CÁSSIO BORGES
CÁSSIO M. C. PENTEADO
CÁSSIO PAES DE BARROS
CÁSSIO RIBEIRIO DA SILVA
CAYRÚ TEIXEIRA
CELSO BRANDÃO
CELSO FIGUEIREDO
CELSO M. SALLES
CELSO DE MORAES ALVES LIMA
CELSO PAGLIUCA
CÉSAR PENNA RAMOS
CÍCERO JUNQUEIRA
CID PINTO
CESAR CLAUDINO AMARAL
CLEOFANO LOPES OLIVEIRA
CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES
CLÓVIS DE AZEVEDO
CURT WILDE
CYRO PASSOS
CYRO SAVOY
CYRO RIBEIRO MARX
CYRO DE SOUZA E SILVA

DAGOBERTO SALLES FILHO
DALSTEN EPIGHAUS
DARCY RIBAS
DARIO DI NAPOLI
DÉCIO FLEXA
DÉCIO SILVA
DELPHINO DE ULHOA CINTRA
DEODORO LOPES DIAS RABELLO
DJALMA FORJAZ JUNIOR
DJALMA P. CAMARGO BITTENCOURT

MANOEL BRANDÃO
MANOEL CASTRO MONTEIRO NEVES
MANOEL COSTA LEITE
MANOEL DIAS TOLEDO
MANOEL GANDARA MENDES
MANOEL GUIMARÃES DIAS
MANOEL JOSÉ M. BARROS NETO
MANOEL MAURÍCIO CORREA
MANOEL OCTÁVIO CARDOSO
MANOEL P. LIMAS
MARCELLO RIBEIRO DOS SANTOS
MARCIO F. A. LIMA
MÁRIO ANGELO CAPOCHI
MÁRIO CARNEIRO CUNHA
MÁRIO CINTRA LEITE
MÁRIO FARIA JORDÃO
MÁRIO GOULART
MÁRIO JUNQUEIRA
MÁRIO LIMA
MÁRIO MESSIAS
MÁRIO PORTO
MÁRIO VASALO
MÁRIO VALGEKI
MÁRIO VIEIRA DA CUNHA
MATHEUS CONSCIENTINO
MAURÍCIO DO AMARAL
MAURO AGUIAR
MAURO TOLEZO PIZA
MAXIMO PUGLISI
MILTON GRELLET
MILTON LODI
MILTON LOURENÇO OLIVEIRA
MILTON NORONHA
MILTON QUEIROZ MORAES
MILTON SOARES CAMPOS
MIRKO RODRIGUES
MIRO LEONEL MOYSES SILVA
MUCIO CAMPOS MAIA

NAUL N. NOGUEIRA
NELSON BARBOSA
NELSON OSÓRIO FRANCO
NELSON PLANET
NELSON SILVEIRA
NELSON TOLEDO FILHO
NELSON URIOSTE
NEWTON FERRAZ
NILO PORTO
NOEMIO DE OLIVEIRA COSTA

O. LUIZ PEREIRA
OCTACILIO BANDEIRA

DJALMA W. LIMA
DOMINGOS BOCUTI
DURVAL CARVALHO
DURVAL PREITAS ROCHA
DURVALINO VIEIRA

EDER ACORSI
EDGARD ALENCAR MARQUES
EDGARD ROSO
EDMUNDO MENDONÇA
EDMUNDO NAVAJAS
EDUARDO MESQUITA SAMPAIO
EDUARDO PACE
EDUARDO QUEIROZ TELLES
EDUARDO SOUZA QUEIROZ
ÉLCIO PIMENTEL DE MELLO
EMILE ZOLA P. MENDES
EMILIANO BRITO
EMILIANO DE TOLEDO SOARES
EMÍLIO LAMBERTI
EPAMINONDAS VALLE
ERNANI COELHO
ERNANI LACERDA DE OLIVEIRA
ERNESTO PUJOL FILHO
ESMERALDO A. DE SOUZA
ESTANISLAU BIONDI
ESTAFANO BARBATO
ESTEVALDO MARTINEZ
EUCLYDES FERREIRA
EULÁLIO BARRTEO
EURICO DE OLIVEIRA MAIA
EVARISTO TEIXEIRA PINTO
EVERALDO R. MELLO

FÁBIO OLIVEIRA BARROS
FABRÍCIO VAMPRÉ
FARID CHED
FAUSTO CHAVES
FAUSTO R. BARROS
FAUSTO TOLEDO
FELICIANO CORREA
FELÍCIO CINTRA DO PRADO
FELIPE ACHE JÚNIOR
FELIPE NETO
FERNANDO ARRUDA
FERNANDO MÉDICI
FERNANDO MESQUITA SAMPAIO
FLÁVIO BITTENCOURT
FLÁVIO MARGARIDO DA SILVA
FORTUNATO MAZZA
FORTUNATO TONELI
FRANCISCO LACAZ NETO
FRANCISCO ARANTES

OCTACILIO COSTA MAIA
OCTÁVIO ALBUQUERQUE
OCTÁVIO ANTENOR
OCTÁVIO CAMARGO LIMA
OCTÁVIO JUNQUEIRA NETO
OCTÁVIO QUEIROZ MATOSO
OCTÁVIO S. PORTO
OCTÁVIO SEPPI
ODAIR LOBO
ODILON SILVEIRA
ODORINO MENIN
OLAVO LEONEL DE BARROS
OLAVO PINTO MORAES
OLAVO ROLIM THURY
OLEGÁRIO FERNANES DE SOUZA
OLEGÁRIO SANTOS
OMAR SAMPAIO DORIA
OMAR V. DE CAMARGO BITTENCOURT
ORESTES A. GUIMARÃES
ORESTES MORAES ALVES FILHO
ORESTES PIZA TOLEDO SILVA
ORLANDO SANTORO
ORLANDO SANTOS
ORLANO W. LONGO
OSCAR PEREIRA ARAUJO
OSCAR SIQUEIRA
OSCAR THOMPSON FILHO
OSIAS SAMPAIO
OSNY SILVEIRA
OSORIO ELENO
OSWALDO BENEDICTO DA CONCEIÇÃO
OSWALDO CAMARGO LIMA
OSWALDO GODOY
OSWALDO JOSÉ DE OLIVEIRA
OSWALDO MARRONE
OSWALDO MORA DE FREITAS
OSWALDO NUNES
OSWALDO PIRES DA MOTA
OSWALDO RODRIGUES
OSWALDO UNTI

PAULO DE ARAÚJO
PAULO AUGUSTO AMARAL
PAULO BASTOS CRUZ
PAULO BIFANO ALVES
PAULO DE CAMPOS
PAULO CERQUEIRA
PAULO FREDERICO HUMMELL
PAULO FREIRE DE M. BARRETO
PAULO GORDO
PAULO J. MACHADO
PAULO MATTOS
PAULO MESQUITA

FRANCISCO ARISTODEMO
FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS
FRANCISCO COSTA
FRANCISCO DIAS CÉSAR
FRANCISCO EMIGDIO P. NETO
FRANCISCO GIMENEZ
FRANCISCO JOSÉ DA NOVA
FRANCISCO JÚLIO SALGADO
FRANCISCO DAS NEVES
FRANCISCO DE PAULA M. DE CAMPOS
FRANCISCO PILAR MATTOS
FRANCISCO PUJOL
FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS
FRANCISCO R. OLIVEIRA
FRANCISCO R. ROSAS
FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA
FRANCISCO DOS SANTOS NETO
FRANCISCO SERRONI
FRANCISCO T. MACHADO
FRANCISCO VASCONCELLOS
FRANCISCO XIMENES
FRANKLIN PIZA JÚNIOR
FREDERICO ELIAS OLSTEL

GERALDO MENDONÇA BASTOS
GERALDO SIQUEIRA
GILBERTO NOGUEIRA
GIORDANO BANZATTO
GUILHERME AMARAL LYRA
GUILHERME CAVALCANTI
GURMECINDO CINTRA
GURMECINDO PONTES ALVES

HELI FRANCH
HENRIQUE BASTOS FILHO
HENRIQUE FAGUNDES JÚNIOR
HENRIQUE OLAVO COSTA
HENRIQUE PAMPLONA M. FILHO
HERMES O. CÉSAR
HOMERO SOUZA NERY
HONÓRIO P. LEITE
HONÓRIO PIRES DE OLIVEIRA
HORÁCIO PAULA LEITE
HUGO JOÃO SOLLER
HUGO MALHEIROS
HUGO STERMAN

IBRAHIM NASCIMENTO
ISMAEL CAMPOS NAVARRO
ISMAEL COUTO CAYUBI
ISRAEL CAMPOS NAVARRO
IVANCO GUIMARÃES
IVENS VIEIRA

PAULO MUNIZ CAMPELLO
PAULO PIZA DE SOUZA
PAULO TOLEDO
PAULO VAMPRÉ
PAULO VIEIRA
PAULO VIDIGAL VICENTE DE AZEVEDO
PAULO W. DULLEY
PAULUS AULUS POMPEIA
PEDRO ELIAS ROQUIELLI
PEDRO PAULO CORREA
PERGENTINO GOMES
PERSIO CARRILHO
PHILOMENO COSTA
PLÍNO BARRETO
PLÍNIO LACERDA DE OLIVEIRA
PLÍNIO RAMOS
PLÍNIO RIBEIRO DA SILVA
PRUDENTE CLAUZET

RAPHAEL GIORGI
RAPHAEL RIBEIRO DA SILVA
RAUL ALVIM
RAUL BOLIGER
RAUL REBOUÇAS SOARES
RAUL SOARES DE MELLO
RENATO PRADO
RENATO RIOS CASTRO
RENATO SOARES DE TOLEDO
RENATO TAGLIANETTI
RENATO TOLEDO
RENÉ MENDES DE OLIVEIRA
RICARDO M. GONÇALVES
RICARDO MARGHERITA
RICARDO DE SOUZA FILHO
RINO ANTONIO CERA
ROBERTO BOVE
ROBERTO DI LORENZI
RODOLPHO VALGEKI
ROGERIO TOLEDO
ROLAND VON OHEL MARTIN
ROMEO AZEVEDO OLIVEIRA
ROMEO BONINA
ROQUE S. FERRARI
RUBENS F. TOLEDO ARRUMA
RUBENS MORAES ALVES DE LIMA
RUY ARMANDO
RUY BARBOSA DE ALMEIDA
RUY FERRREIRA DA ROCHA
RUY FONSECA
RUY DE LIMA CASTRO

SALIM HELOU
SALVADOR CAMARGO

J. A. JESUÍNO DOS SANTOS
J. ALVES ALMEIDA FEO
J. PENNA MALTA
J. S. FERRARI
JADER ALVES LIMA
JANUÁRIO DEL MONACO
JANUÁRIO MOZZA
JAYME LOUREIRO FILHO
JAYRO LOUREIRO
JOÃO A. OLIVEIRA NETO
JOÃO ALBUQUERQUE CARVALHO
JOÃO ALMEIDA PRADO
JOÃO ANTUNES DE OLIVEIRA
JOÃO B. M. TOLOSA
JOÃO BAPTISTA FLEURY
JOÃO BAPTISTA LEITE
JOÃO E. TTHAYDE MARCONDES
JOÃO GARCIA
JOÃO GONÇALVES BICUDO
JOÃO GUZZO FILHO
JOÃO JOSÉ MOREIRA
JOÃO LAGO
JOÃO LUSO FILHO
JOÃO MONTEIRO
JOÃO OCTÁVIO NEBIAS
JOÃO PASSOS MAIA
JOÃO PEDRO GONÇALVES SILVA
JOÃO PENIDO SALLES
JOÃO ROMÃO DA SILVA
JOÃO RUY CANTEIRO
JOÃO VELLOSO ANDRADE
JOAQUIM BARBOSA SANTOS
JOAQUIM MIRANDA
JOAQUIM MORA DE FREITAS
JOAQUIM OCTÁVIO NEBIAS
JOAQUIM WALTER DOS SANTOS
JORDÃO PRESTES DE FREITAS
JORGE ALAYON
JORGE CINTRA
JORGE COURY
JORGE F. TOLEDO
JORGE FONSECA JUNIOR
JORGE HERMANN
JORGE JUNQUEIRA PENTEADO
JORGE LIMA DE MORAES
JORGE MELLO

SALVADOR DA SILVA
SEBASTIÃO BARROS MARTINS
SEBASTIÃO CRUVINEL
SEBASTIÃO FLEURY SILVEIRA
SEBASTIÃO FLORIDO
SEBASTIÃO JOSÉ OS PASSOS
SEBASTIÃO PORTUGAL GOUVEA
SENESIO CERRONE
SERAFIM LEONE
SERVOLO POMPEO TOLEO
SÍLVIO BECKER
SÍLVIO DIAS REBELO
SÍLVIO M. CAMARGO
SÍLVIO PASSOS MAIA
SÍLVIO PEDROSA
SÍLVIO RAMOS MAIA
SIMÃO DE OLIVEIRA LIMA
SINESIO DE OLIVEIRA

TACITO DE SOUZA
THEOPHILO DE ALMEIDA SÁ
THOMAZ A. WHATELY
THOMAZ NUNES DA FONSECA
UBALDO COSTA LEITE
UBIRAJARA P. FERREIRA
ULPIANO PINTO DE SOUZA
ULYSSES PAES DE BARROS
VICENTE CAMARGO MARQUES
VICENTE CERQUEIRA CESAR
VICENTE GRECCO
VICENTE M. FREITAS NETO
VICENTE MOURA
VICENTE DE OLIVEIRA
VICENTE TOLENTINO
VICTOR DIAS SILVEIRA
VICTORINO GONÇALVES
VICTORINO VENTURI

WALDEMAR FERRAZ
WALDEMAR GERALDINI
WALDEMAR MARCONDES SALGADO
WALDOMIRO ALAMBERT
WALDOMIRO FONSECA
WALDOMIRO LOPES
WALTER MERIGO
WALTER PENTEADO LORENZ

YELMO RIBEIRO DOS SANTOS

Sustentae o Fogo

que a Victória é nossa!